

La historia previa de la
serie Hermanos Siniestros

A woman with long, wavy red hair is shown from the chest up, looking down at a bouquet of white roses she is holding. She is wearing a bright yellow, strapless, floor-length gown with a ruffled bodice and a long, flowing skirt. She is also wearing a necklace with multiple strands of small, sparkling stones. The background is a warm, golden-yellow color with a subtle, repeating pattern of stylized floral or damask motifs.

COURTNEY MILAN

El affaire de la
INSTITUTRIZ



COURTNEY MILAN



A PAIXÃO DA GOVERNANTA

Ela não se renderia...

A governanta Serena Barton tinha sido despedida de seu posto três meses atrás. Como não podia encontrar outro emprego, optou por exigir compensação ao homem culpado de sua demissão, um duque mesquinho, egoísta e canalha. Mas não era ao duque ao que temia, a não ser a sua mão direita, o homem conhecido como o Lobo de Clermont. O temível ex-pugilista havia conseguido má fama resolvendo os assuntos sujos do duque e, embora Serena soubesse que não poderia nada contra ele, tinha que tentá-lo, pois estava em jogo todo seu futuro.

Ele não podia ceder...

Hugo Marshall era ambicioso e desumano, característica que lhe tinham servido para subir de filho de um mineiro de carvão a mão direita de um duque. O dia que seu chefe lhe ordenou que se livrasse da irritante governanta por bem ou por mal, para ele era só um dia mais de trabalho. Infelizmente, não conseguiu convencer Serena por bem e, à medida que foi conhecendo-a, descobriu que não era capaz de fazê-lo por mal. Mas só poderia satisfazer suas ambições se ela se fosse. Tinha que escolher entre a vida que procurava e a mulher a que tinha começado a amar.



Para Amy, Tessa e Leigh.

Nunca tenho “ medo ” quando estão perto.

Capítulo 1



Londres, outubro de 1835

ACIMA A PORTA DA BIBLIOTECA se fechou com tal fúria que sacudiu até o marco. Uns passos ruidosos cruzaram a estadia e se aproximaram do escritório de Hugo. E punhos fortes golpearam a superfície de madeira.

—Maldita seja, Marshall! Tem que arrumar isso.

A pesar do dramatismo dessas palavras, Hugo Marshall não levantou a vista de seus livros, mas sim esperou em silêncio, escutando o ruído das botas sobre o tapete. Não era um criado e se recusava ser tratado como tal.

Sua paciência se viu recompensada um momento depois.

—Arruma-o, por favor — murmurou o duque de Clermont.

Hugo elevou a cabeça. Um observador não treinado fixaria sua atenção no duque de Clermont, aparentemente no comando, resplandecente com um colete tão bordado em ouro que quase fazia mal à vista. Esse observador desdenharia ao apagado senhor Marshall, embelezado como ia com uma indumentária cujo leque de cores oscilava do marrom ao marrom mais escuro.

A comparação não se deteria no vestuário. O duque era respeitavelmente volumoso sem chegar a ser gordo; tinha rasgos patricios afiados e aristocráticos e uns olhos azuis vivazes aos que parecia que não lhes escapava nada. Um observador não treinado, que comparasse isso com a expressão anódina e o cabelo cor arenosa de Hugo, chegaria à conclusão de que o duque estava no comando.

Esse observador não treinado seria, na opinião de Hugo, um idiota.

Hugo deixou a pluma em seu lugar.

—Não era consciente de que teria que arrumar nada — além do assunto de Sua Excelência a duquesa—. Quer dizer, nada que entre dentro de minhas atribuições.

Clermont se encrespou visivelmente, com uma energia nervosa. Esfregou-se o nariz de um modo que tinha muito pouco de educado.

—Há algo mais. Surgiu esta manhã — olhou pela janela com o cenho franzido.

A biblioteca da mansão de Clermont em Londres estava situada no segundo piso e não tinha uma vista chamativa. Pela janela se via somente a praça de Mayfair. O outono havia tornado marrons e amarelas as folhas verdes das árvores. Umas partes de ervas secas e uns quantos matagais opacos rodeavam um único banco de ferro forjado, no que se sentava uma mulher. Tinha o rosto oculto por um chapéu de asa larga decorada com uma fina fita rosa.

Clermont apertou os punhos. Hugo quase pôde lhe ouvir chiar os dentes.

Mas a voz do duque soou indiferente.

—Se me negar a ceder às ridículas exigências da duquesa, te ocupará de arrumá-lo tudo, não é assim? — perguntou.

Hugo o olhou com severidade.

—Nem o sonhe, Excelência. Sabe o que há em jogo.

O duque cruzou os braços com ar de desafio. Verdadeiramente, não compreendia a situação; aí estava o problema. Era um duque e os duques não sabiam o que era economizar. Se não fosse por Hugo, as grandes propriedades de Clermont teriam se arruinado anos atrás sob o peso das dívidas. Em qualquer caso, seguiam flutuando pelos cabelos... e isso só graças ao recente matrimônio do duque.

—Mas é tão pouco agradável! — protestou este.

—Sim, e que lhe embargassem todas suas propriedades seria muito mais agradável. Convença à duquesa de que o readmita em sua vida e depois disso poderá divertir-se tudo o que queira, Excelência.

À assinatura do contrato matrimonial tinham recebido dinheiro, mas tinha desaparecido rapidamente, gastou-se tudo pagando hipotecas pendentes e dívidas problemáticas. O resto do substancial dote da duquesa estava preso em um fundo criado pelo pai da garota e os recursos eram liberados com regularidade, sempre que o duque fizesse feliz a sua esposa.

E hei aí que a duquesa tinha saído apitando quatro meses atrás.

Clermont teve um chilique. Não havia outra palavra para descrevê-lo; afundou os ombros e deu patadas na borda do tapete como um menino petulante.

—E eu que pensava que minhas preocupações financeiras tinham terminado! Para que te contrato a não ser para...?

—Todas suas preocupações financeiras tinham terminado, Excelência — Hugo tamborilou com os dedos na mesa —. E quantas vezes tenho que lhe recordar que você não me contrata? Se me contratasse, pagar-me-ia um salário.

Hugo conhecia muito bem a situação do duque para aceitar algo tão fútil como uma promessa de salário. Os salários podiam atrasar; as apostas, entretanto, santificadas pelo livro de apostas do White, eram invioláveis.

—Sim — se queixou o duque —. E em relação a isso, você disse que só tinha que procurar uma herdeira e dizer o que fosse preciso para fazê-la feliz — fez uma careta ao tapete —. Fiz isso e olhe para o que me serviu. Essa bruxa rabugenta se acha com direito a me amassar sem parar. Quando terminará isto?

Hugo elevou a cabeça e olhou Clermont nos olhos. Não necessitou muito tempo; alguns segundos de olhar intenso e o duque baixou o queixo e afastou a vista como se ele fosse o empregado e Hugo seu amo.

Resultava embaraçoso. Um duque deveria saber assumir o comando. Mas não; Clermont estava tão acostumado a que todos se inclinassem ante seu título que não tinha aprendido a mandar pela força de seu caráter.

—Parece que houve um mal-entendido —Hugo estalou os dedos —. Eu nunca lhe aconselhei que “disseste” o que fosse preciso para fazê-la feliz.

—Sim o fez. Aconselhou-me que...

—Disse-lhe que “fizesse” o que fosse preciso para fazê-la feliz.

Às vezes Clermont era como um menino pequeno, como se nunca lhe tivessem ensinado a diferença entre o bem e o mal. Nesse momento enrugou o nariz.

—E que diferença há?

—O que lhe disse foi que a amaria eternamente. E o que fez foi largar-se com uma cantora de ópera três semanas depois. Você sabia que tinha que fazê-la feliz. No que estava pensando ao partir?

—Comprei-lhe um bracelete quando se queixou! Como eu ia saber que queria fidelidade por minha parte?

Hugo olhou os papéis que havia na mesa. Até seu defunto, e nada chorado pai os tinha criado para serem fieis; uma fidelidade de dezesseis filhos para ser exatos. Mas aquele não era o melhor momento para recordar ao duque suas promessas matrimoniais. Suspirou.

—Reconquiste-a —disse com suavidade.

Seu futuro também estava em jogo. Depois de tudo, não era um empregado que recebia um salário por seu duro trabalho. Funcionava com uma espécie de comissão, uma aposta na linguagem do duque, um homem incompetente em assuntos econômicos. Se conseguisse que este chegasse inteiro ao final do ano, ganharia quinhentas libras. E para ele não era somente dinheiro; aquelas quinhentas libras seriam o meio para criar seu próprio império.

Tinha trabalhado três anos com essa esperança. Quando pensava, brevemente, na possibilidade de fracassar... quase podia ver a figura sombria de seu pai erguendo-se sobre ele. “Maldito cretino inútil. Nunca será ninguém”.

Mas Clermont não olhava em seus olhos. Ele estava franzindo a testa e olhando para fora da janela.

Moveu a cabeça para dispersar aqueles sombrios pensamentos. Não só seria alguém, sua intenção era chegar a ser o filho de um mineiro de carvão mais rico de toda a Inglaterra.

—Não é tão simples.

A mulher seguia no banco. Tinha girado a cabeça para um lado e Hugo pôde ver seu perfil: nariz aquilino e uma mancha de rosa nos lábios.

—Sabe — murmurou Clermont—. Houve uma governanta...

Hugo elevou os olhos ao céu. Uma confissão que começava assim não podia acabar bem.

Clermont assinalou com a mão.

—Aconteceu no verão, quando eu me ocupava de uns assuntos em Wolverton Hall.

Hugo traduziu mentalmente aquela frase. O duque se dedicou a embebedar-se com seus ineptos amigos depois de que sua esposa partisse e seu sogro fechasse com firmeza os cordões da bolsa. Mas não tinha sentido esperar sinceridade por sua parte. Nunca era sincero.

—Em qualquer caso — Clermont assinalou o banco lá fora —, essa é ela. Está esperando. Exige compensação por minha parte.

—Exige o que? —Hugo moveu a cabeça, confuso.

O duque soprou.

—Faz falta que o diga com todas as letras? Quer algo de mim.

Tinha engendrado um filho o duque? Devia ser isso. Hugo não alterou a voz.

—Entre o de ocupar-se de uns assuntos no Salão de Wolverton e que uma governanta espere fora de sua casa exigindo compensação, faltam muitos acontecimentos. Por que pede compensação? E quem o comunicou a você?

—Ela me parou agora, quando retornava de... Bem, não importa onde estive — disse o duque—. Ela estava na rua esperando a que chegasse a carruagem.

—E o que é o que quer? —insistiu Hugo.

Clermont soltou uma gargalhada pouco convincente.

—Nada! Não é grande coisa. No Salão de Wolverton vi que se dava muito bem com os meninos pequenos e lhe ofereci uma posição para cuidar de meu filho.

—Seu filho ainda não nasceu.

—Sim — murmurou Clermont—. Exatamente. E ela deixou seu posto no Wolverton e eu já não tinha nenhum emprego que lhe oferecer porque a duquesa partiu. Agora ela também está zangada.

A história não resultava plausível absolutamente. Hugo duvidou um momento se chamava de embusteiro a Sua Excelência. Mas não serviria de nada, pois a experiência lhe tinha

ensinado que, quando o duque inventava uma história, aferrava-se a ela tenazmente por muitos buracos que tivesse.

—Diz que permanecerá aí sentada até que receba compensação – explicou Clermont —. E acredito que fala a sério. Entenderá meu dilema. Se tudo sair bem, trarei de volta à duquesa em umas semanas. Isto resulta muito irritante neste momento. Minha esposa pensará...

—Que seduziu e desonrou a uma criada? –perguntou com secura Hugo, que estava disposto a apostar por isso.

Clermont nem sequer se ruborizou.

—Exato –disse—. Como poderá ver, a mera idéia é absurda. E, é obvio, eu não fiz nada semelhante, você sabe, Marshall. Mas tal e como estão as coisas, essa mulher tem que ir-se antes que eu volte.

—Forçou-a? –perguntou Hugo.

Clermont sim se ruborizou então.

—Diabos, Marshall! Sou um duque. Não tenho necessidade de forçar às mulheres – franziu o cenho—. E, além disso, a ti o que te importa? Não lhe chamam o Lobo de Clermont por sua consciência.

Não. Aquilo era verdade. Mas Hugo tinha consciência; simplesmente procurava esquecê-lo.

Olhou pela janela.

—É fácil. Farei que os agentes da polícia a levem por vadiagem ou por perturbar a paz.

—Ah... não – Clermont tossiu levemente.

—Não?

—Não me parece boa idéia levá-la ante um tribunal. Já sabe que ali há repórteres esperando conseguir umas linhas para a imprensa. Alguém poderia fazer perguntas. Ela poderia inventar histórias. E embora eu certamente pudesse sufocar qualquer investigação legal, o que aconteceria se a história chegasse aos ouvidos de Helen? Já sabe o suscetível que se mostra com o tema de outras mulheres.

Hugo suspirou. Não poderia tirar nada útil do duque.

—Você falou com ela. Que tipo de compensação pede?

—Cinquenta libras esterlinas.

—Isso é tudo? Podemos...

Mas Clermont negou com a cabeça.

—Não quer só o dinheiro. Não posso lhe dar o que quer. Terá que convencê-la de que se vá. E manter meu nome fora das colunas de fofocas, de acordo?

Hugo apertou os lábios com irritação.

—Depois de tudo – Clermont se dirigia já à porta—, é meu futuro o que está em jogo. Quando retornar, espero que tenha arrumado este desafortunado incidente com a governanta.

Hugo não tinha escolha. Seu futuro também estava em jogo, tanto como o de Clermont.

—Considere-o feito.

O duque se limitou a assentir e saiu da sala, e Hugo ficou contemplando o banco da praça.

A governanta seguia sentada e girava a cabeça para observar às pessoas que passavam na calçada. Não parecia a ponto de montar uma cena. Possivelmente Clermont não a tinha tratado muito mal e poderia arrumar aquilo com uma conversa. Pelo bem dela, confiava em que assim fosse.

Porque se a conversa não desse resultado, teria que converter sua vida em um inferno.

E odiava fazer isso.



À SENHORITA SERENA BARTON resultava difícil ficar parada; essa tarde estava um vento frio que deslocava as nuvens pelo céu e privava o dia da luz do sol. A brisa empurrava folhas outonais pelos paralelepípedos, atravessava o casaco insuficiente que vestia e ela tinha que se conter para não abraçar o corpo, mas se esforçava por permanecer sentada erguida com as costas reta. Não ia morrer congelada, só ia passar muito frio. Nada que não se pudesse arrumar com uma taça de chá quente quando retornasse essa noite às acomodações de sua irmã.

Olhou de soslaio ao pequeno grupo que se formou ao lado da casa do duque de Clermont. Um quantas faxineiras tinham saído ali na quietude da tarde e estavam agrupadas olhando-a. Sem dúvida sabiam que tinha falado com Clermont. Ela contava com seus falatórios. A especulação envergonharia ao duque mais que a simples narração da verdade, e sua única esperança era envergonhá-lo muito. A especulação cultivava falatórios e estas davam pé à censura.

Três donzelas vestindo aventais com babados sussurravam entre si quando um homem dobrou a esquina da rua. Ele não pareceu notá-las, mas as mulheres, ao vê-lo, dispersaram-se para suas respectivas casas como galinhas que fugissem de um falcão que sobrevoasse por cima delas.

Não parecia um aristocrata. Levava um traje marrom modesto e uma gravata de nó singelo. Sua camisa não era do branco imaculado que exigiam os ricos; os punhos estavam limpos, mas com a cor marfim que adquiria o branco depois de muitas lavagens. Deteve-se frente a ela e elevou a cabeça para olhá-la aos olhos.

Serena levava três meses perguntando-se onde se equivocou, o que teria podido fazer para evitar aquele destino. Tinha retrocedido mentalmente seus passados milhares de vezes em busca de seu erro.

Três meses atrás se mostrou fraca em seu primeiro encontro com o duque; deixou-se avassalar só porque ele era maior e mais forte; e tinha guardado silêncio unicamente porque era indecoroso gritar. Mas Serena não era mais uma fraca.

Essa manhã tinha olhado o duque aos olhos e não tinha piscado quando ele a tinha ameaçado. Depois disso, podia fazer algo.

E aquele homem não era um duque.

Olhou-o, pois, aos olhos. “Não me dá medo”, pensou. E se a umidade de suas mãos proclamava outra coisa, ele não tinha por que sabê-lo.

A julgar pela qualidade do tecido de sua jaqueta, ele era um trabalhador médio. Tudo nele era médio. Não era especialmente alto nem muito baixo. Nem muito magro nem muito gordo. Quão máximo Serena podia imaginar que dissessem dele é que era a personificação do medíocre.

Parecia inofensivo. Uma idéia ridícula, é obvio. Mesmo assim, Serena o olhou aos olhos, sorriu e assentiu levemente com a cabeça em um gesto de saudação.

Ele cruzou a rua em direção a ela.

Destacava tão pouco como os matagais que ladeavam a praça. Tinha um rosto anódino, tão familiar que poderia ter pertencido a qualquer um. Dedicou-lhe um sorriso amistoso e modesto.

Serena não o devolveu. Ela não era amável nem fácil e estava cansada de ser o alvo de outros. Lançou-lhe um olhar mordaz e elevou as sobrancelhas com um gesto que implicava: “Não me faça perder o tempo”.

Um homem tão ordinário como aquele deveria haver-se encolhido ao ver sua expressão, mas este chegou até o banco e se sentou a seu lado sem incomodar-se em lhe pedir permissão.

—Bonito dia —comentou.

Sua voz era igual o seu rosto, nem muito aguda nem muito profunda. Sua pronúncia não continha o sotaque aristocrático treinado até a perfeição a não ser uma ameaça de um acento do norte.

—É-o? —não o era; não para ela, que levava ali sentada o tempo suficiente para ter o nariz vermelho. E não quando um desconhecido se sentava a seu lado e iniciava uma conversa.

Olhou-o com o cenho franzido.

Ele a observava com um sorriso perplexo.

—Acredito que não há um bom modo de continuar.

Serena suspirou.

—Veio a bisbilhotar, verdade?

—Poderíamos dizer que sim — ele ficou tenso e a olhou aos olhos —. Como certo, sou Hugo Marshall — lançou a apresentação e se reclinou no banco como esperando uma resposta.

Era um homem importante? Serena recordou às faxineiras dispersando-se ao vê-lo aproximar-se. Talvez fosse um advogado, que podia ser portador de falatórios. Ou um mordomo, que fazia cumprir as normas. Parecia bastante jovem para ser mordomo em Mayfair, mas fosse quem fosse, não pensava ir-se.

Serena teria preferido que fosse uma mulher que iniciasse os falatórios, pois lhe resultava mais fácil falar com mulheres. Mas possivelmente aquele homem servisse igual.

—Senhorita Serena Barton —disse ao fim —. Suponho que todo mundo quer saber por que estou aqui.

Ele encolheu os ombros e lhe dedicou outro sorriso afável.

—Não me interessa todo mundo — respondeu —. Mas sim eu gostaria de satisfazer minha curiosidade pessoal. A história que ouvi resulta um pouco confusa.

Serena não tinha intenção de satisfazer nada a aquele homem. Envergonhava-se de seu silêncio passado e acreditava que tinha chegado o momento de utilizar essa arma em benefício próprio.

O duque de Clermont lhe havia dito que não falasse, e não o faria.

—História? Que história? —perguntou.

—Ouvi que é uma antiga amante de Clermont.

Ela arqueou uma sobrancelha. O silêncio podia cortar nas duas direções. Por exemplo, se a gente não contradizia rumores que podiam trazer problemas. Esperava que Clermont desfrutasse muito com seu silêncio.

O homem tamborilou com os dedos no braço do banco e lhe sustentou o olhar.

—Ouvi que você é governanta e que Clermont lhe prometeu uma posição para cuidar de seu filho ainda não nascido —. Voltou atrás — e veio sentar-se aqui para fazer com que se envergonhe por não honrar seu contrato.

Aquilo era tão absurdo que Serena não pôde reprimir a risada.

Ele suspirou.

—Não —disse—. Claro que não.

Serena pensou que, se os falatórios apontavam a uma ruptura de contrato, possivelmente precisasse trocar de estratégia. Mas se limitou a alisar a saia em cima dos joelhos.

—Uau! — exclamou —. Siga falando. O que mais?

O homem juntou suas mãos enluvadas e baixou a vista.

—Ouvi que Clermont a forçou — a última palavra foi um grunhido baixo.

Serena reprimiu um calafrio. Não se alterou, nem sequer pela sombra que passou sobre ela para ouvir aquilo.

—Você acha tudo isso? — perguntou.

—Eu não acredito nada sem provas. Diga-me o que de verdade passou, senhorita Barton, e possivelmente possa ajudá-la.

Serena tinha contado tudo ao duque essa manhã. Ele tinha rido e lhe havia dito que partisse e guardasse silêncio. Era a segunda vez que lhe tinha exigido silêncio, assim que ela tinha prometido lhe outorgar um silêncio acusador. Semanas e semanas de silêncio sentada virtualmente em sua porta com todo mundo fazendo-se perguntas. Se os falatórios ameaçassem chegar até sua esposa, ele teria que assumir responsabilidades.

Olhou ao senhor Marshall. Apesar de sua afabilidade sorridente, não era de fazer rodeios. Tinha ido direto ao assunto e lhe tinha perguntado com franqueza. E pelo modo como a olhava, esperava uma resposta.

Em uma segunda inspeção, Serena decidiu que não era tão ordinário como tinha suposto. Tinha quebrado o nariz em alguma ocasião. Tinham-no arrumado, mas não muito bem, e tinha uma protuberância no meio. E embora não estivesse gordo, tinha os ombros mais largos que qualquer mordomo que ela tivesse conhecido.

Mas lhe sorria alentador e o comichão de alarme que tinha notado ela nas palmas das mãos quase tinha desaparecido. Ele era inofensivo. Curioso, possivelmente, mas inofensivo.

—Sinto muito, senhor Marshall, mas não o direi.

—Oh? —ele parecia um pouco surpreso—. A mim tampouco?

—Não me atrevo — ela sorriu —. Lhe peço desculpas por despertar sua curiosidade, mas me é impossível satisfazê-la. Bom dia.

Ele tirou o chapéu e esfregou o cabelo castanho.

—Há alguma necessidade para esse segredo? Reunirei-me com você em plena noite, se for necessário, para resolver este assunto. Tinha a esperança de que isto fosse ser simples.

A ela lhe congelou o sorriso no rosto.

—Não — se ouviu dizer com clareza —. Estes dias só me reúno à luz do sol. Não é minha intenção me passar de cautelosa, mas se arejasse publicamente minhas reclamações, é possível que pudesse ser acusada de difamação de caráter. Devo ser cuidadosa — essa era a nota apropriada para os falatórios, implicar que tinha a capacidade de manchar o nome do duque sem mencionar nada específico.

Mas ele não especulou. Reclinou-se no banco e o respaldo de ferro rangeu.

—Acredita que Clermont a faria deter por falar comigo?

—Oh, certamente ele não. Mas seu homem... quem sabe o que pode fazer para proteger o segredo do duque?

—Seu homem — repetiu o senhor Marshall. Deixou seu chapéu no banco a seu lado—. Não quer falar comigo porque teme ao homem de Clermont.

—Seguro que ouviu falar dele. Chamam-no o Lobo de Clermont.

—O que ... o que? — ele se afastou um pouco.

—O Lobo de Clermont — repetiu ela—. O duque o contrata para que faça coisas que um homem comum, limitado por uma consciência, não faria.

O senhor Marshall a olhou um momento. Depois, muito lentamente, pegou seu chapéu e girou-o nas mãos.

—Ah! —disse—. O Lobo de Clermont. Está familiarizada com o sujeito?

—OH, sim!

Ele fez um gesto de incredulidade.

—Somente pelos jornais de fofocas — explicou ela —. Nunca o vi, é claro. Mas tem muito má reputação. Foi pugilista antes de passar a ocupar-se dos assuntos do duque e, por isso ouvi, dirige os problemas de Sua Excelência com todo o aprumo que se poderia esperar de um homem que ganhava a vida como um profissional do boxe. Dizem que é implacável. Eu o imagino como um homem grande e robusto, com uns ombros enormes e sem pescoço.

—Com ombros enormes — repetiu o senhor Marshall com suavidade —. Sem pescoço — sua mão se ergueu, inquisitivamente, até tocar a gravata—. Fascinante.

—Mas se trabalha por aqui, certamente o terá visto. Acertei?

Lhe dedicou outro de seus sorrisos amistosos.

—Sim — murmurou —. O há descrito muito bem. Se eu fosse você, não quereria estar frente a ele. E já que não pensa falar... — pegou o chapéu —, desejo-lhe um bom dia, senhorita Barton. E muita sorte.

—Obrigado.

—Não me agradeça — repôs ele —. Se enfrentar o Lobo de Clermont, a sorte não lhe servirá de nada. Só tornará sua caça mais interessante.

Capítulo 2



UMA VEZ MAIS, A IRMÃ DE SERENA não tinha saído de casa em todo o dia. Serena soube porque a capa e as luvas de Frederica seguiam enchendo-se de pó na mesa do vestíbulo. Embora fosse um pouco exagerado chamar “vestíbulo” à zona da entrada, pois o termo fazia pensar em chãos de mármore, candelabros de cristal e mordomos com libré que recolhiam luvas e chapéus.

Ali só havia a velha mesa de madeira e o branco amarelado das paredes de uma casa velha, em outro tempo elegante, agora velha e convertida em pouco mais que uma casa de apartamentos para mulheres que tinham caído no poço de uma pobreza refinada. O ar era frio e cheirava a mofo.

Serena tirou a capa e as luvas e os deixou ao lado dos de Freddy antes de aparecer à sala adjacente. Apenas se distinguia a silhueta dos móveis na penumbra da estadia. As velas e o azeite resultavam caros quando uma tinha que viver com quinze libras esterlinas ao ano.

Freddy estava sentada diante da janela, com a costura erguida para que a débil iluminação da luz da rua iluminasse seu trabalho. A Serena havia dito que se parecia com sua irmã, mas Freddy tinha a pele clara e o cabelo laranja como sua mãe, e Serena tinha herdado a pele e o cabelo mais morenos de seu pai. Se havia uma semelhança, ela nunca o tinha visto.

—Boa noite, querida — a saudou Freddy com ar ausente, sem interromper seu trabalho.

Serena se aproximou até ficar atrás dela.

—Boa noite — pôs as mãos nos ombros de sua irmã e apertou um pouco—. Estiveste todo o dia trabalhando nisto, verdade? Tem os ombros rígidos.

—Só uns momentos mais.

—Vai danificar a vista trabalhando com tão pouca luz.

—Umm — Freddy deu um ponto.

Estava unindo uma colcha de anéis entrelaçados. Não vendia seu trabalho; isso a teria convertido em trabalho e as damas, como Freddy explicava freqüentemente, não trabalhavam. Em lugar disso, dava de presente suas colchas a organizações benéficas. Quase a metade de seus

ganhos os gastava em recortes e em lã de pouca qualidade para os pobres. Empregava mais da metade de seu tempo em tecer cachecóis e costurar mantas para bebês. A Serena não parecia justo. Sua irmã mais velha conseguia, sem sair de suas acomodações, fazer que se sentisse esgotada e incompetente.

Suspirou.

—Não tem por que fazer isto, Freddy. Por que te força desse modo?

—Não me chame Freddy. Sabe que odeio esse nome — Freddy baixou seu trabalho —. Você tampouco tem que fazer isso. Serena sabe que te quero, mas nós não nascemos para fazer isso. Por que tem que incomodar Clermont? Já te fez mal uma vez; por que lhe dar chance de repeti-lo?

Pela mente de Serena cruzou a imagem de uma sala escura situada debaixo do beiral do telhado. Viu claramente Clermont agachando-se para cruzar a soleira muito baixo e ouviu o som da porta ao fechar-se atrás dele.

Estremeceu-se.

Queria provas de que, apesar do que lhe tinha passado, ela não era o tipo de mulher que ficava acovardada em um canto. Queria vencer aquela complexa carga de vergonha, fúria e confusão.

Levou uma mão ao ventre, ainda quase plano. Tinha muita luta pela frente.

—Quero justiça — suas palavras lhe soaram tranquilas, mas também incisivas, muito incisivas —. Quero lhe mostrar que não pode ganhar — curvou os dedos com força —. Que não pode...

Freddy aspirou audivelmente.

—Temos suficiente para sobreviver — disse, como se o dinheiro pudesse substituir ao jogo limpo —. Fica comigo. Sempre te disse que ficasse aqui. Mas não, você tinha que ir trabalhar de governanta quando ficou dinheiro suficiente para viver se economizarmos um pouco.

—Ficaram quinze libras esterlinas ao ano — protestou Serena. - Suficiente para evitar morrer de fome e ter um teto sobre nossas cabeças. Mas o custo da vida subia cada ano e não terei que ser adivinha para ver que, em vinte anos, os gastos superariam aos ganhos.

—Mas você queria mais — Freddy seguiu com o sermão —. Você sempre quis mais. E vê aonde te levou isso? Não pode comer justiça.

Não. Mas ao menos não se engasgaria com ela. Serena afrouxou o punho que apertava os lados do corpo.

—E me diga — perguntou Freddy com voz mais suave—. Onde te deixou isso?

—Sem uma posição — replicou Serena cortante —. Sem nenhuma esperança de que me dêem referências.

—Todos seus grandes planos — disse Freddy, metade censurando e metade consolando— terminaram em nada. É melhor não sonhar, querida. Se não tiver sonhos, não há nada que lhe possam tirar.

Aquilo era pura covardia. Freddy tinha medo até de cruzar a rua para comprar leite. Quando tinha ido esperar a Serena à estalagem onde a tinha deixado a diligência, tinha chegado com os lábios brancos e trementes. Durante o percurso até a casa se queixou de dor no peito. Freddy não encaixava bem as mudanças e nada trocava tão frequentemente como o mundo fora de sua casa.

Havia uma razão para que Serena tivesse renunciado a sua parte do legado de seu pai, que Freddy não teria podido sobreviver com sua metade e era incapaz de complementar seus ganhos.

—Todos seus grandes planos — repetiu Freddy com gentileza — e agora está aqui. Sem nada. Com menos que nada.

—Não — respondeu Serena —. Sem nada não.

—Com pesadelos e um bebê em caminho.

Serena manteve os olhos muito abertos. Tremiam-lhe as mãos e se esforçou por imobilizá-las apertando-as contra as saias até que ficaram quietas. Imaginou a vida que crescia em seu interior, gerando-se ao lado de sua amarga fúria. Às vezes temia que toda essa raiva fria e trememente devorasse vivo a seu filho. “Quando ganhar, estarei segura e não voltarão a me fazer mal”.

—Já lhe disse isso — respondeu; e lhe pareceu que sua voz chegava desde muito longe —. Não tenho pesadelos. Não tenho tempo de ter medo de nada.

Em seu último trabalho, os Wolverton tinham comprado um microscópio para que seus filhos se instruissem no mundo natural e se dedicassem a vê-lo tudo ampliado. Às vezes a lembrança que penetrava em seus sonhos se parecia com essas imagens alargadas cujas bordas dançavam sob o efeito cromático de um halo escurecido. Tinha a sensação de estar olhando algo muito pequeno e muito longínquo. Tão distante que quase não estava ocorrendo.

Havia se sentido tão impotente aquela noite, tão sem recursos! Deveria ter gritado. Teria que ter golpeado ao duque na cabeça. Deveria ter lutado. Em sua lembrança daquele momento, a maior burla procedia de seu próprio silêncio.

Não tinha gritado, e por isso tinha guardado silêncio depois.

Freddy suspirou.

—Quando estiver disposta a te render, estarei aqui — disse —. Mas não sei o que esperas obter, além de que nos jogue em cima esse horrível homem lobo.

A isso, ao menos, sim podia responder Serena.

—Sei de muito boa fonte que é um sujeito muito bruto. Pura força sem cérebro. Quando chegar o momento, só tenho que ser mais esperta que ele.

—Oh, querida! — Freddy lhe deu uma tapinha na bochecha —. Quando fracassar, estarei aqui para recolher os pedaços. Como sempre.

Ao dia seguinte, Hugo tinha muito que fazer, mas a lembrança da governanta o perseguiu durante todo seu trabalho. Enviou a um homem a averiguar o que tinha ocorrido em realidade entre seu chefe e a senhorita Serena Barton no Salão de Wolverton. Se nem Clermont nem ela o diziam, teria que descobri-lo por si mesmo.

Passou a manhã tentando deixar de pensar nela... em seu cabelo cor avelã preso em um coque frouxo, esperando que alguém o soltasse. Em seus olhos cinzas e imóveis, como água que não foi perturbada em muito tempo. E em suas mãos, também imóveis.

Ao chegar a tarde, deixou de esforçar-se por tentar trabalhar e se aproximou da janela. Tinha-a visto sentada no banco toda à manhã. Estava quieta como uma estátua, sem mover-se e sem respirar e, entretanto, cheia de vida.

Não era o que ele teria definido como bonita. Atrativa sim. E tinha algo nos olhos... Moveu a cabeça; o aspecto dela carecia de relevância.

No dia anterior a tinha posto a prova ao mencionar a violação. Era... terrivelmente possível. Não estava seguro do que teria feito se ela tivesse confirmado seus medos. Fazia muitas coisas por Clermont, mas jamais tinha feito mal a uma mulher. Até sua consciência ferida tinha seus limites.

Mas ela não se alterou ao ouvir a palavra. Não tinha tido nenhuma reação.

E aí estava o segundo problema. Ao apresentar-se, tinha assumido que ela reconheceria seu nome. Mas ela, ao parecer, conhecia sua reputação só pelas colunas de fofocas dos periódicos e nestes apenas se referiam a ele como o Lobo de Clermont. Não havia razão para que alguém que acabava de chegar a Londres conhecesse seu nome.

Teria que ter esclarecido o mal-entendido com ela.

Não o tinha feito e não sabia por quê. Puro instinto. Apesar das afirmações do duque, suspeitava que no núcleo daquele desacordo havia um escândalo que podia desfazer todo o esmerado trabalho de Hugo. Não podia arrumar o problema se não sabia ao que se enfrentava, e se lhe tinha medo, possivelmente nunca descobrisse a verdade... até que a visse na primeira página de um periódico.

Mesmo assim, não gostava de mentir nem sequer por omissão.

—Seja o que for a que se propõe senhorita Barton, não me fará perder quinhentas libras. Trabalhei muito duro por elas.

A quarenta e cinco metros da janela, ela moveu a cabeça. O repentino movimento o sobressaltou e se voltou para trás, mas a mulher só olhava um pássaro que posou no chão diante dela.

Hugo suspirou e separou de si os papéis. Não tinha sentido perder mais tempo com reflexões quando podia tentar averiguar a verdade.

Saiu do edifício pela porta de serviço, atravessou o beco e deu a volta na casa até a rua. Quando entrou na praça, a senhorita Barton seguia sentada no banco. Sorriu-lhe, essa vez com mais calor que no dia anterior.

Havia algo nela que atraía o olhar dele.

— Senhor Marshall — comentou —. Lhe disse que não teria êxito em sua busca de falatórios, recorda?

— Ofende-me — ele não sorriu e a expressão dela se voltou incerta —. Assume que apenas me interessa bisbilhotar quando a verdade é que pode que procure sua companhia pelo mero prazer de estar a ao seu lado.

Ela inclinou a cabeça a um lado e pensou naquilo.

— Agora considere essa possibilidade e a rechacei. Vamos, senhor Marshall, me diga que não saiu aqui em busca de alguma história sórdida.

— Logo admite que a história é sórdida.

A mulher lhe apontou com o dedo.

— Estou adivinhando seus pensamentos. Não deturpe as minhas palavras. Sei o que dizem de mim. Julgam-me em segredo e me encontram defeitos. Todos dizem que até não sou trigo limpo.

Hugo encolheu os ombros.

— Nunca entendi muito bem essa expressão. Por que terá que ser bom todo o tempo? Eu só me porto bem quando isso conta; e não lhe negaria uma conduta similar.

Ela o olhou um momento.

Hugo pensou que já a enganava o bastante. Não tinha intenção de lhe mentir abertamente.

— Não me acha — disse —. Não posso evitá-lo, é por minha cara. Faz pensar a todos que sou bastante amável, quando qualquer que me conheça poderia lhe advertir contra isso. Sou totalmente implacável. Careço de moral.

O sorriso que lhe dedicou era condescendente.

— Sério? Pois bem, estou segura de que é um homem muito mau. Estou muito assustada.

Hugo elevou os olhos ao céu.

— Porras!

— Porras? —ela reprimiu um sorriso—. Seguro que um homem tão horrível como você poderia escolher uma expressão mais forte. -Eu não digo palavrões, - explicou. - Seja só ou acompanhada.

—Eu não digo palavrões — explicou ele—. Nem só nem acompanhado.

—Entendo. É você muito mau.

Ele elevou os olhos ao céu com exasperação.

—Sou consciente de que este fato isolado não me ajudará a provar que não minto. Mas se deseja falar comigo em confiança, se deseja me contar sua história sem medo a ser julgada, sou seu homem. Ninguém se atreveria a fofocar comigo.

Ela o olhou fixamente.

—É você muito convincente — disse com um tom que implicava que não estava convencida—. Mas você é... o que, um contador? Alguém que cuida dos livros da casa?

Hugo quase se engasgou.

—Poderíamos dizer que sim — repôs—. Suponho que me encarrego de que os livros se somem ao final do dia.

A mulher assentiu com a cabeça com ar condescendente.

—Implacável como o senhor é e só tem que conciliar livros. Pobre senhor Marshall! — sorriu-lhe—. Considero que sei julgar às pessoas e você, senhor, é inofensivo.

“Inofensivo”.

Fazia tanto tempo que não o consideravam assim, que tinha esquecido o que era isso. E ela o tinha olhado e o tinha descartado.

Hugo se sentou com cuidado na beirada do banco.

—Talvez seja inofensivo — comentou—. Não digo palavrões e não bebo álcool — respirou fundo—. Mas você está sentada aqui por uma razão, senhorita Barton, e duvido que seja por sua saúde. Tão mau é que eu queira ajudar?

Da cara dela desapareceu todo rastro de humor.

—Ajudar — repetiu com voz inexpressiva—. Você quer ajudar.

—Isto não é um assunto corriqueiro para você. Uma dama não se arrisca a provocar a ira de um duque sem uma razão. Não quero vê-la sofrer.

—Se o senhor é tão implacável, por que não? — perguntou ela.

Hugo sorriu a seu pesar.

—Implacável não significa que revise todas as opções disponíveis e escolha a mais cruel. Significa que resolvo problemas custe o que custar. Isso me faz bem.

—E devido à bondade de seu coração, agora oferece...

—Não — respondeu ele—. Está confundida. Não há bondade em meu coração, isso é o que tento lhe explicar. Você é um problema. Distraí-me de meu trabalho pensar que está aqui. Me pergunto...

A mulher respirou com força e se afastou um pouco. Seus olhos pareciam muito redondos e muito cinzas. Apenas se movia. O ar em torno deles se carregou de repente. Hugo não podia afastar a vista dela e quase podia ouvir o eco de suas próprias palavras.

“Distraí-me pensar em você”.

A débil atração que sentia não era quase nada. Não era mais que o zumbido logo que ouvido de um inseto. Tão insignificante que ele podia afastá-lo com a mão. Mas ela se deu conta e aquela centelha de interesse, até fraco como era, tinha apagado o sorriso de seu rosto.

—Parta —disse com voz plaina.

Não, ela não estava ali por uma disputa trabalhista. Clermont tinha muito pelo que responder.

Hugo baixou a mão, tomou um galho do chão e a colocou no banco entre eles.

—Isto é um muro e não o cruzarei — disse.

Ela olhou aquele pedaço de madeira de uns quantos centímetros de comprimento.

—Eu não gosto de fazer mal às mulheres — murmurou ele.

A mulher não respondeu.

—Faço muitas coisas e de muitas delas não estou orgulhoso, mas não blasfemo, não bebo e não ataco às mulheres. Não faço nenhuma dessas coisas porque meu pai as fazia todas — a olhava aos olhos enquanto falava—. Já lhe hei dito algo que não sabe ninguém mais em Londres. Acredito que poderia me devolver o favor. O que é o que quer?

Ela negou devagar com a cabeça.

—Não, senhor Marshall. Não me deixarei intimidar por muito amável que seja . Estou farta de que me ocorram coisas. A partir de agora, vou fazer eu que ocorram.

Elevou a cabeça enquanto falava. E o zumbido irritante, a centelha de atração que tão facilmente tinha afastado ele antes, pareceu incrementar-se ao seu redor como um murmúrio crescente do vento.

Os rasgos dela se viam muito nítidos delineados contra o ar frio. Não tinha nem um cabelo fora de seu lugar. Apesar disso, o fazia pensar em um urso, forte e seguro, que reclamasse seu território no topo de uma montanha.

“Por fim encontrei a fôrma de meu sapato”, pensou.

Mas não tinha sentido ser fantasioso. Para que queria ele um urso? Mesmo assim... sim podia apreciar um quando o via.

—Valentes palavras — murmurou—. Isso é o que significa ser implacável. Depois de tudo, eu sim faço que ocorram coisas a outras pessoas de um modo regular.

Ela fixou a vista no galho que havia entre eles.

Hugo não fez gesto de mover-se.

—Suponho que não sabe por que o chamam o Lobo de Clermont — disse.

—Por sua crueldade.

—Mas os detalhes. Sabe como chegou a trabalhar para Clermont?

A senhorita Barton negou com a cabeça.

Hugo juntou os dedos e afastou a vista.

—Clermont jamais teria encarregado seus assuntos a um boxeador. Mas sempre gostou dos combates de boxe. E beber. Todos os duques gostam de beber. Um dia se embebedou depois de uma briga e contou todos seus problemas ao boxeador.

—E garanto que os duques têm muitos problemas — ela elevou os olhos ao céu.

—Era a ladainha habitual: título antigo, nada exceto dívidas para acompanhá-lo e uma reputação não muito limpa a que recorrer. O Lobo apostou cem libras esterlinas a que poderia obter que seis meses depois não houvesse credores chamando a sua porta.

Ela o observava.

—Como sabe isso?

Hugo fez um gesto com a mão no ar.

—Todo mundo sabe. Ao menos todos os serventes por aqui.

A senhorita Barton assentiu.

—Continue. Se esse Lobo for ser meu inimigo, devo sabê-lo tudo sobre ele.

—Clermont não carecia totalmente de recursos. Suas propriedades lhe geravam ganhos de uma pequena soma e, com uns meses de graça e a benevolência de alguns prestamistas, a situação podia ter dado a volta. Mas o duque não tinha alguns meses. O Lobo, pois, concentrou-se no maior credor. Todo mundo tem segretos e o segredo desse homem era que tinha feito seu dinheiro com o tráfico de escravos anos depois de que tivesse sido proibida. O Lobo se encarregou de que todos os detalhes chegassem à imprensa. Fizeram-lhe o vazio a sua família. E sabe o que fez o Lobo então?

Ela negou com a cabeça. Hugo a olhou aos olhos.

—Pagou a dívida — disse—. Publicamente. Sem ter que pronunciar uma ameaça, deixou claro que Clermont era intocável. Começaram a circular falatórios que diziam que, se alguém insistia em cobrar, o Lobo o destruiria. É surpreendente a quantidade de pessoas que estão dispostas a aceitar términos de pagamento mais flexíveis quando está em jogo seu futuro.

—Por que me conta isso?

—Senhorita Barton — repôs Hugo—. Com quem acredita que está falando?

A mulher respirou com força. Mas sua expressão não mudou depois de ouvir essa confissão.

—Já vê o que passa — disse Hugo—. Terei que me livrar de você. Mas destruir a alguém é um assunto sujo e complicado. É muito menos trabalho ajudá-la que destruí-la. Me deixe ajudá-la..

Não lhe tinha tirado a vista de cima durante aquele discurso.

—O que quer? — perguntou ele.

—Quero que ele pague — ergueu o queixo. Juntou as mãos com um movimento delicado, mas o modo em que cruzou os dedos com força não tinha nada de delicado.

—Dinheiro?

—Reconhecimento — ela apertou a mandíbula—. Ele quer que eu guarde silêncio. Pois bem, eu quero que ele fale. Que sinta uma décima parte da censura que senti.

Aquilo era impossível. Hugo entendia que Clermont lhe tivesse transpassado o problema daquela mulher. Qualquer forma de reconhecimento destruiria as possibilidades do duque de reconciliar-se com a duquesa. Havendo tanto em jogo, incluídas as quinhentas libras esterlinas de Hugo...

—Ele jamais fará isso — disse—. Me cai bem, senhorita Barton. Não quero tê-la em minha consciência.

A mulher tomou o galho do banco e o estendeu.

—Faça o pior que lhe ocorra — murmurou—. Tem fama disso, não?

Hugo olhou um momento o galho nos dedos dela antes de tomá-lo e voltar a colocá-lo no banco.

—Farei-o se for preciso — declarou—. Mas preferiria que não.



A TINTA DO PERIÓDICO DA TARDE tinha manchado de negro as luvas de Serena, mas seguia na esquina da rua, tentando ler os anúncios da última página sem forçar a vista.

Os aluguéis de propriedades com poucos hectares se aproximavam das quinze libras esterlinas anuais, e com uns gastos calculados no dobro disso mais sustento e o custo de alguém que ficasse com ela...

Em outro tempo tinha sonhado com o que faria com o dinheiro que economizava cuidadosamente de seu salário de governanta. Tinha pensado que, quando tivesse economizado suficiente, alugaria uma pequena granja e cultivaria lavanda. A partir daí, suas ofegantes esperanças tinham construído um milhar de possibilidades. Freddy tinha burlado de suas ambições, e possivelmente tinha tido razão. Comprar um periódico nesse momento, em que seus sonhos nunca tinham estado tão longínquos, era o cúmulo da insensatez. Só servia para sublinhar o muito que tinha perdido, quão afastados estavam seus sonhos de menina da realidade.

Tinha economizado quarenta libras em três anos de salário. Tinha bastante para o presente, mas nem tanto que pudesse permitir-se morar no passado. E não podia livrar-se de sua situação sonhando acordada. A realidade a esperava. Estava grávida e não tinha ganhos.

Dobrou o periódico em quartos, escondendo a lista de propriedades em aluguel, e elevou a vista ao céu que se obscurecia.

Obrigou-se a repetir aquelas condenadas palavras. Estava grávida. Não tinha ganhos. E acabava de receber um golpe, um golpe terrível.

O senhor Marshall parecia tão inofensivo, tão comum! Fazia meses que não se sentia tão cômoda com um homem. Quando tinha tomado aquele galho e o tinha colocado entre eles, uma parte estúpida dela tinha acreditado de verdade que era um muro e que podia respirar tranqüila.

Tinha-lhe feito sonhar com o que podia ter sido: uma tarde passada com um homem que a fazia sorrir, que não a olhava como se estivesse desonrada. Tinha sonhado com um mundo onde qualquer futuro podia estar aberto apenas encontrando a chave apropriada. Tinha desejado atração. Afeto. Segurança.

“Amor”.

Era estúpido saltar de uma conversa em um lugar ao amor. Mas se um homem podia sorrir e conversar com ela, outros também poderiam.

Sentada naquele banco, seus possíveis futuros tinham brilhado com a luz do sol.

Mas o senhor Marshall não era um sujeito sorridente e amável. Era o Lobo de Clermont, um homem famoso por sua crueldade. Com umas poucas frases tinha afogado todas suas esperanças.

Seu futuro se estendia ante ela como um caminho escuro onde toda esperança tinha ficado eclipsada.

Tinha-a enganado. “Não digo palavrões, não bebo álcool. E não ataco a mulheres. Não faço nenhuma dessas coisas porque meu pai as fazia todas”.

Nuvens escuras surgiu no horizonte.

Serena enrugou o periódico.

Era muito ardiloso. E ela era quão estúpida tinha estado a ponto de confiar nele. Mas não lhe tinha devotado ajuda porque se interessasse por seus assuntos, nem porque lhe importasse seu bem-estar. Tinha-o feito só porque era mais fácil comprá-la que destruí-la.

Nuvens escuras se abatiam em seu horizonte.

Levou uma mão ao estômago. O desespero não podia ser bom para o bebê. Quando se deixava invadir por ela, parecia encher seu ventre com uma amarga e esfomeada impossibilidade. Se lhe custava tanto digeri-la, como podia uma vida tão frágil e tão pequena conseguir o que ela não podia?

Não. Seu bebê não teria pesadelos nem dúvidas nem medos.

Quando se subia numa árvore, só um parvo olhava para baixo. Se o fazia, arriscava-se a sentir vertigem. Assim Serena olhou para cima, por cima da penumbra da noite. Fixou a vista no brilho laranja quente da luz e na tênue luz das estrelas situadas mais à frente. Olhou para cima e recusou pensar na possibilidade de cair.

Capítulo 3



POSSIVELMENTE ESTAVA FICANDO BRANDO, pois Hugo começou pelas medidas mais simples. Tentou livrar-se da senhorita Barton lhe tirando o assento. Custou-lhe um total de seis xelins pagar a quatro pensionistas para que se sentassem no banco. À manhã seguinte a viu chegar cedo. Ela se deteve em seco quando viu que o banco estava ocupado e levou uma mão à parte baixa das costas, em um minúsculo gesto de queixa. A seguir sorriu, moveu a cabeça e passeou pela praça como se essa tivesse sido sua intenção desde o começo. Enquanto passeava, olhou aos anciões. Deu uma volta à praça e depois outra. Meia hora depois, pareceu dar-se conta de que não iriam partir.

Levantou o queixo e olhou a casa de Clermont como se pudesse ver Hugo dentro. Como lhe desafiando a fazer algo pior. Permaneceu ali todo o dia, com a cabeça alta e, embora se esfregava alguma que outra vez os quadris quando acreditava que não a olhavam e trocava incômoda o peso de um pé a outro, isso só serviu para que Hugo se sentisse pior pelo que fazia.

O segundo dia chegou uma hora antes, com as luzes ainda acesas. Caminhou tranquilamente para o banco... e se deteve bruscamente.

Hugo tinha antecipado que chegaria antes e tinha devotado aos pensionistas sete xelins por aquela hora extra. Uma vez mais, ela permaneceu de pé nove horas seguidas, desaparecendo só, presumivelmente, para usar o banheiro. Uma vez mais, ele não pôde mais que admirar sua obstinação.

O terceiro dia choveu. A chuva caía em grandes correntes e não pôde convencer aos pensionistas. Mesmo assim, Hugo as arrumou para reunir a uns quantos peões vestidos com impermeáveis; e o fez bem a tempo. Acabavam de sentar-se quando chegou a senhorita Barton. Ia envolta em uma capa de lã escura que lhe cobria o vestido e Hugo não podia lhe ver o cabelo nem as mãos.

Depois de uma hora, seu guarda-chuva estava tão empapado que já não parava a água e ela o abandonou ao lado de uma árvore. Mas não se deixou deter pela chuva. Logo que olhava o banco; permanecia erguida ao lado de uma árvore apertando os lábios com determinação.

Hugo a observou ao longo da manhã. A meio-dia deixou de trabalhar para tomar um tigela de sopa. Ela seguia ali. Ele comeu de pé ao lado da janela e a observou abraçar seu corpo e esfregar-se vigorosamente para tentar conservar o calor.

Acabaria morrendo congelada. O vento voava as folhas a seu redor e fazia muito frio. O meio-dia deu passo à uma e depois às duas. Quando o relógio do vestíbulo deu as três, ela seguia ali apesar de que sua capa se obscureceu com a água e se encolhia cada vez mais em si mesmo.

Outra pessoa teria ido para casa ao primeiro sinal de mudança no tempo. Hugo não sabia se aplaudia a tenacidade daquela mulher ou se enfurecia por quão impossível tinha feito a situação. Na praça, ela passou uma mão pela cara para afastar a água.

Hugo teria que fazer algo para arrumar aquilo, embora só fosse porque não queria que a morte dela caísse sobre sua cabeça.



ATÉ QUE SE AMPARAR NA CAPA, não tinha sido tão mau. Serena estava úmida e tinha frio, mas ver-se obrigada a permanecer de pé tinha tido a vantagem de que tinha podido encontrar calor caminhando.

Mas quando o relógio deu as três, logo que sentia os pés e tinha as mãos congeladas dentro das luvas.

“Vá para casa. É apenas uma tarde”.

Esse impulso não era muito forte, mas sim insidioso. Tinha-o ouvido muitas vezes. “Guarda silêncio agora e se ocuparão de ti. Não grite esta noite; terminará logo”. Mas essa voz era uma mentira. Os que não faziam nada, perdiam. Não havia nada tão frio como o arrependimento.

Se partisse, o senhor Marshall saberia que podia afastá-la dali. Isso só a empurraria a esforçar-se mais.

Assim apertou as mãos juntas e caminhou.

Na rua não havia ninguém que não estivesse ali por necessidade. E quando uma figura dobrou a esquina, ela olhou para ali... e ficou paralisada no lugar. Era o senhor Marshall, “o Lobo de Clermont”; e parecia muito sombrio. Levava um vulto debaixo do braço. Quando chegou ante ela, olhou a rua e cruzou rapidamente.

Passou ao lado dela sem dizer uma palavra e se aproximou dos homens sentados no banco. Quando lhe tinha confessado sua identidade, Serena tinha tido que esforçar-se para ver nele ao Lobo de Clermont, mas nesse momento o viu claramente. Seu aspecto comum era uma ilusão, um manto de normalidade com o que se cobria por cortesia. Nesse momento projetava perigo, embora sua ira não ia dirigida a ela. Olhava aos homens do banco.

—E bem? —perguntou—. Fora daqui.

—Mas... —disse um.

—Já me ouviram. Acabou-se. Não os necessito mais. Fora daqui — fez um gesto com a cabeça.

Os homens se olharam; levantaram-se um por um e saíram da praça. Serena levou as mãos aos lábios e soprou nelas, tentando as esquentar através das luvas empapadas. O senhor Marshall não a olhou. Desenrolou o vulto que levava, que eram toalhas envoltas ao redor de um guarda-chuva. Pôs uma no assento do banco. Logo abriu o guarda-chuva e lhe fez gesto de que se aproximasse.

—Sente-se — disse. Seu rosto parecia esculpido em pedra.

Serena estava muito empapada e tinha muito frio para protestar porque lhe dessem ordens. Aproximou-se e se sentou. Ele enganchou o guarda-chuva na parte de atrás do banco e o sujeitou com uma corda de modo que protegesse a metade do banco da chuva. Depois desenrolou uma segunda toalha e tirou uma cigarreira metálica, um pacote irregular envolto em papel de cera e, inexplicavelmente, uma taça. Tendeu-lhe esta última.

—Segure isto.

Ela tentou obedecer, mas seus dedos estavam tão frios que não podiam agarrar bem e lhe escorregou a taça.

Hugo a apanhou no ar e a olhou de marco em marco, como se ela tivesse a culpa de que suas mãos não pudessem agarrá-la. Tomou a pulso sem dizer uma palavra e, antes que ela pudesse protestar, introduziu um dedo dentro da luva.

Serena fez um movimento espasmódico de rechaço e lhe apertou a pulso com mais força. Elevou a cabeça, olhou-a aos olhos e ficou muito quieto.

Ela podia contar suas respirações. E podia sentir o pulso lhe pulsando com força no punho que apertava os dedos dele.

O homem a soltou devagar.

—Minhas desculpas — murmurou—. Não pensava o que fazia. Lhe ia tirar as luvas e lhe esfregar os dedos para que recuperassem a sensação. Pode fazê-lo você mesma?

Serena lutou com a luva, mas esta se pegava à pele e logo que podia sentir o que fazia.

—Permite-me? — perguntou ele.

Ela o olhou aos olhos. Ele tinha perdido seu ar ameaçador e, até sabendo muito bem o equivocado dessa idéia, ela voltou a ter a sensação de segurança. “Segura. Segura. Com este homem está segura”.

Ridículo.

Entretanto, Serena lhe estendeu as mãos.

Lhe tirou primeiro uma luva e depois a outra. Só a tocou o tempo suficiente para lhe baixar o objeto pelos dedos.

O ar resultava frio na pele nua, mas a sensação durou apenas alguns segundos. Ele deixou as luvas no banco, envolveu-lhe as mãos com uma toalha e esfregou vigorosamente.

“Segura”, sussurrou a mente dela.

Ele deixou as mãos envoltas na toalha, a modo de manopla gigante, e tomou a cigarreira metálica. Era um recipiente plano e magro, como o que usavam os cavalheiros para guardar genebra, mas ele desenroscou o plugue e saiu uma nuvem de vapor.

Serena suspirou ofegante. Ele serviu o conteúdo, um glorioso líquido marrom dourado, na taça e o estendeu.

—Não sei como gosta do chá —disse— e não tinha meio de trazer o leite e o açúcar aqui. Pus ambas as coisas e confio em que o resultado seja agradável.

Serena conseguiu tirar uma mão da toalha e tomou a taça. A mão tremia ainda e ele a olhou entrecerrando os olhos. Mas a taça estava quente, tão quente que lhe queimava a pele. E o chá... O chá estava divino. Forte e doce, com uma garoa generosa de leite cremoso.

O primeiro gole pareceu lhe derreter o gelo dos dedos.

—Por que faz isto?

—Já o disse — repôs ele—. Eu não ataco a mulheres.

—Você não é responsável por minha presença aqui. Estou aqui por teimosia — ela tomou outro gole de chá.

- É isso que você acha?

Em vez de responder a pergunta, Serena tomou outro gole do copo.

—Isso é pura semântica — replicou ele—. Você está aqui. Quem tem a culpa a não ser eu?

—Me ocorre que o duque de Clermont. Você está a seu cargo, não ao contrário.

O senhor Marshall fez uma careta.

—Isso é o que acha?

Em lugar de responder à pergunta, Serena tomou outro sorvo da taça.

—É o melhor chá que provei em minha vida — declarou—. Obrigada.

—Não me agradeça.

Seus olhos se encontraram e ela descobriu que não podia apartar a vista. Os olhos dele eram marrons claros, como a cor da luz do sol filtrada através das folhas de outono. Olhava-a

com tanta concentração que o mundo inteiro pareceu desaparecer, das escuras nuvens de cima até os atoleiros do chão. Não existia nada além dele.

Fazia mais de três meses que Serena não sentia nem a mais leve faísca de atração sexual. Pensava que tinha perdido para sempre a capacidade de sentir isso, que a tinham roubado o medo e as mãos frias e atezadoras das lembranças. Mas ao parecer não era assim, pois dois goles de chá e um guarda-chuva podiam despertá-la.

“Inofensivo. Ele é inofensivo”.

Mas embora lhe tivesse devotado refúgio e calor, aquele homem não tinha nada de inofensivo.

O senhor Marshall lhe sorriu; não o sorriso fácil de um conhecido, a não ser um sorriso de bordas afiadas. Mas permaneceu em sua metade do banco. A asa de seu chapéu recolhia a chuva, que caía pelos bordas, mas isso não conseguia alterar em nada seu alinhamento.

—Podia ter enviado a um servente com o guarda-chuva. Não tinha por que vir em pessoa.

—Tenho suposto que a poria mais nervosa que lhe desse de comer em pessoa.

—De comer? Você não há...

—Ah! Obrigado por me recordar isso - ele desembulhou o pacote envolto em papel de cera e mostrou alguns sanduíches esmagados cheios com uma estranha mescla verde e rosa.

—Não deveria incomodar-se – disse ela.

O senhor Marshall fez uma careta.

—Você não deveria estar de pé em um lugar sob a chuva. Suas mãos não deveriam estar tão frias que não podem agarrar uma taça de chá como é devido. Não quero pensar o que lhe está fazendo a seus pulmões ao respirar este ar frio e úmido durante horas. Está pondo em risco sua saúde. Em que mundo pode fazer todas essas coisas e não pode comer um sanduíche? — estendeu-lhe o papel de cera—. Coma.

—Já tenta me intimidar outra vez — mas ela tomou o que lhe oferecia e mordiscou a ponta. Não estava segura do que havia dentro, algum tipo de presunto defumando, possivelmente. O pepino talhado foi mais fácil reconhecê-lo. Estava delicioso, embora isso podia ter mais que ver com a fome e o frio que com o sanduíche em si.

Ele voltou a lhe encher a taça de chá.

Serena bebeu.

—É você muito bom.

—Não, não o sou — a contradisse ele—. A estou confundindo deliberadamente pelo desejo de aplacar minha escassa consciência. E para acrescentar um mais a meus pecados, desejo conhecê-la melhor, desafiando as regras sociais. Assim não imagine nada parecido à bondade detrás de meu comportamento egoísta.

O guarda-chuva se inclinou detrás deles e tinha começado a gotejar na toalha. Plop, plop, plop, uma destilação lenta e firme.

—As regras da sociedade? — perguntou ela—. Quando um cavalheiro se digna dirigir-se a uma mulher desonrada, chama-se bondade. Não importam quais sejam seus motivos.

Ele endireitou o guarda-chuva.

—Eu não sou um cavalheiro.

Serena o olhou. Olhou sua jaqueta bem talhada e o meio sanduíche envolto ainda em papel de cera e colocado a seu lado.

—Trabalha para um duque.

—Você é uma dama que teve que recorrer ao emprego de governanta. Não me parece mau, mas meu pai era mineiro de carvão em Yorkshire. Sou o número quatorze de dezesseis filhos. Ganhei a vida com os punhos alguns quantos anos.

—Tem acento do norte — mas não muito marcado. Falava com um ritmo entrecortado que a fazia pensar em Londres; um ritmo rápido e frenético. Havia um sotaque de zumbido em sua voz, uma espécie de gorjeio. Mas tinha sido suavizado e treinado—. Mas como se converte um mineiro em um... um...?

O senhor Marshall sorriu.

—Eu tampouco sei o que sou.

—Não obstante, está a cargo das finanças do duque. Acredito que é necessário um certo nível de estudos para fazer isso.

—Escola beneficente — respondeu ele—. Além disso, era pequeno para minha idade e minha mãe convenceu a meu pai de que era muito jovem para ir à mina. Fez isso durante anos. Ele não levava em conta todos seus filhos. E como meus irmãos mais pequenos morreram, estava bastante confuso com minha idade. Por isso recebi uma educação melhor que o habitual.

Falava com a vista fixa na distância. Mas embora falasse com naturalidade, havia algo no que dizia... na idéia de sua mãe lhe mentindo a seu pai para que ele pudesse estudar, e no fato de que seu pai não se desse conta, que provocou um calafrio na coluna de Serena.

—Tinha quatorze anos quando decidiram que devia entrar na mina — Hugo se virou para ela—. Já era maior. O bastante maior para saber coisas. Tinha visto que a mina envelhecia aos homens antes do tempo. Um ano na mina era como dez anos fora. Trabalhar ali era a morte, a única dúvida era se essa morte chegaria devagar ou depressa — lhe estendeu outro sanduíche—. Eu estive três dias na mina. Não suportava a sensação de estar encerrado por todos os lados. Assim que fugi de casa.

—E a que se dedicou?

—A qualquer trabalho que podia encontrar — ele afastou a vista. Serena não sabia que classe de trabalho podia fazer um menino de quatorze anos, mas suspeitava que aquele homem,

embelezado com roupa limpa e sóbria, não quererá admitir ter sido um vulgar peão—. Mas sabia o que queria. Sempre soube o que queria, desde que parti.

—Queria ser a mão direita de um duque? —perguntou ela duvidosa.

—Isto? —ele baixou a vista como se surpreendesse de ver-se e negou com a cabeça—. Não. Nunca aspirei servir a ninguém. Mas é um bom modo de conhecer pessoas mescladas em negócios. E o dinheiro... Aos quarenta anos terei meu próprio império. Penso ser o filho de um mineiro de carvão mais rico de toda a Inglaterra. Este é apenas o primeiro passo para chegar ali —lhe sorriu—. A escandalizei? Sei que se supõe que devo lhe professar uma devoção eterna ao homem ao que sirvo.

—Não sinto nenhum apreço por esse homem em particular — disse Serena—, como possivelmente você recorde.

O senhor Marshall lhe sorria. Não deveria fazer isso. Não deveria fazer nada disso. A Serena faziam cócegas onde as mãos dele a haviam tocado. A normalidade de tudo aquilo a deixava sem fôlego.

Embora possivelmente “normalidade” não fosse a palavra indicada. Não tinha nada de normal estar sentada ao lado de seu inimigo em meio de uma tormenta tomando chá e conversando sobre a vida nas minas.

Mas ele estava sorrindo. Serena tinha pensado no Lobo de Clermont como em uma ferramenta do duque, objeto dele. Mas o senhor Marshall estava sentado no banco lhe dando sanduíches. Talvez aquilo fosse uma estratégia diabólica e retorcida por sua parte, mas parecia improvável. Teria tido mais sentido que lhe deixasse passar frio e fome.

O coração lhe pulsava com força, em parte por medo e em parte de excitação. Aquele era o homem que, se a imprensa de fofocas tinha razão, tinha recuperado as propriedades de Clermont quando estavam à beira do desastre iminente. O duque se apoiava completamente nele. Sem ele, Clermont não era nada.

Essa idéia... que pudesse privar o duque de alguém tão valioso, fez-lhe olhar com simpatia ao senhor Marshall. Este não queria ser seu inimigo. Pois bem, não tinha por que sê-lo.

Serena respirou fundo.

—A mim nunca me deu bem a lealdade — confessou—. Quando era governanta, economizava dinheiro porque queria comprar uma granja. Não muito grande — acrescentou, quando ele inclinou a cabeça, confuso—. Queria cultivar lavanda e lilás. Aprendi por minha conta a extrair a essência da planta de lavanda. Queria fazer sabões finos, empacotá-los em caixas deliciosas e vendê-los com muitos benefícios a damas que não soubessem nada de nada.

Ele elevou as sobrancelhas.

—Ambiciosa — assinalou.

—E por que o faz, então? — perguntou ela—. Por que quer me jogar daqui se não for por lealdade ao duque?

O senhor Marshall duvidou um momento antes de responder.

—Em realidade, entreguei minha devoção inquebrável a uma pessoa.

Olhou-a aos olhos. A Serena deu um tombo o coração. Não podia referir-se a ela. Era muito cedo, apenas se conheciam. E, entretanto, o modo como a olhava...

—Oh? —ouviu-se perguntar.

O senhor Marshall sorriu com malícia e se aproximou um pouco mais. Ela sentiu que ele era a única pessoa no mundo. A chuva e o frio tinham desaparecido no fogo dos olhos daquele homem.

—Sou fiel a mim mesmo — disse ele—. Minha fortuna sobe e cai com a do duque. Não quero lhe arruinar a vida, mas não renunciarei por você a minha oportunidade de ser alguém.

Serena tragou saliva.

—seu chá está esfriando — ele assinalou a taça com um gesto.

Ela tomou um gole. O líquido esfriou. Com o apetite um pouco satisfeito, deu-se conta de que o chá não era perfeito. Tinha um débil sabor metálico e se tornou morno e um pouco amargo.

Mas a atração entre eles não tinha nada de morno. Ela podia roubá-lo, só tinha que descobrir como.

O senhor Marshall afastou-se um pouco para trás, cruzou os braços e o momento de calor entre eles passou.

—Senhorita Barton — disse ele devagar—, não faça que isto seja pior do que necessário para você. Darei-lhe cinquenta libras esterlinas e lhe escreveremos referências para que possa obter outro posto.

Serena o olhou aos olhos.

—Isso é tudo o que quer de mim... me convencer de que me parta?

—Não — ele falava com calma—. Mas o que quero de você carece de importância. O que “preciso” é que se vá, e, portanto irá.

—Não por cinquenta libras e referências — disse Serena com a mesma calma—. Como pode pensar que umas referências compensarão pelo que me ocorreu? Quero justiça, senhor Marshall. Não referências.

Ele se inclinou para ela.

—Forçou-a? — havia um grunhido em sua voz.

Serena conteve o fôlego. Recriou em sua mente aquela noite, aquela horrível noite, e se encheu de culpa e arrependimento. Perdeu temporariamente a fala, consumida pelo silêncio interminável.

Obrigou-se a tragar saliva e com ela aquele amargo redemoinho de emoção. Levantou o queixo e o olhou aos olhos.

—Não — sua voz se quebrou, mas não baixou a vista—. Não me forçou.

“Eu lhe deixei fazê-lo”.

Talvez houve um toque de lástima nos olhos dele, uma ameaça de gentileza em suas mãos quando lhe tirou a taça de chá. Mas quando falou, em sua voz não havia o menor indício de piedade.

—Então são cinquenta libras esterlinas e referências — disse—. E nem um ápice de vingança.

Capítulo 4



O MENSAGEIRO RETORNOU DE WOLVERTON HALL um dia depois da chuva. Hugo estava de pé ao lado da janela de seu escritório olhando a praça.

Esse dia estava seco e os pensionistas tinham voltado para o solitário banco. Acreditou ver um ar rebelde na postura dela, mas o que importava? Isso não mudaria nada.

Não afastava seus olhos dela, mas era consciente da presença do mensageiro detrás dele.

—Então? —perguntou por fim—. O que aconteceu?

Tinha enviado Charles Gordon a fazer averiguações. Era um homem magro e esguio, e tinha medo de Hugo. Este viu pela extremidade do olho que tragava saliva e fixava a vista à frente.

—Ela não partiu — disse Gordon, lambendo os lábios—. A despediram por comportamento imoral.

—Mentiu? Roubou? —a voz de Hugo era inexpressiva... muito inexpressiva. Sabia o que seguiria; o havia dito ela.

—A tendência geral dos falatórios é que levou a um homem a seu leito. Na casa, todos acreditam.

—Surpreenderam-na com ele?

—Viram-no sair de suas acomodações.

—Ah! —Hugo juntou as gemas dos dedos—. Quando diz que o viram... o homem em questão foi identificado?

—Não. Uma donzela viu uma figura na sombra saindo dos aposentos das faxineiras.

—E por que recaíram as suspeitas nela? Tinha um pretendente? Um flerte com um homem?

Fazia as perguntas, mas sua mente corria já muito adiante delas. A senhorita Barton tinha admitido que o duque não a tinha forçado. Tinha-lhe feito promessas? Tinha-a seduzido?

—Não — disse Gordon—. Mas quando se suscitou o tema, investigaram. Havia sangue nos lençóis dela, e não parecia estar em seus dias.

Hugo sentiu uma espécie de golpe pelo que aquilo implicava. Na praça, a senhorita Barton elevou o queixo. Ele não podia distinguir seus rasgos, mas recordou como o tinha arregalado seus olhos cinzas quando disse: “Como pode acreditar que cinquenta libras e referências me compensarão pelo que me aconteceu?”.

Ela tinha sido virgem. Isso implicava que Clermont havia se comportado mau, pior inclusive do que Hugo tinha suposto. Ela afirmava que não a tinha forçado, mas na força havia graus, e tudo o que se insinuavam ali convertiam Hugo no vilão daquele drama em particular.

Aborrecia que Clermont o tivesse imposto aquele papel.

—Se precisa livrar-se dela — disse Gordon—, umas palavras sobre isto nos ouvidos adequados e a levarão em seguida.

Isso era certo. No ano anterior tinha havido um caso similar, a donzela pessoal de uma dama despedida por conduta indecente. Hugo o tinha visto tudo desde sua janela. Outros serventes se congregaram a seu redor na praça quando ela partia com sua mala. Tinham-na empurrado e a tinham insultado. Insultos que ele tinha ouvido dali, com um cristal e dezesseis metros de distância entre os serventes e ele. Tinham-na chamado rameira e prostituta, e esses não tinham sido os piores insultos. Ele descia já as escadas para pôr fim aos distúrbios quando alguém tinha atirado uma pedra.

Ver o sangue dela tinha sido tão efetivo para dispersar ao grupo como uma legião de agentes de polícia brandindo seus porretes.

Hugo tinha poucas pretensões sobre sua moral. Fazia certas coisas que não só roçavam os limites da conduta ética, mas sim os ultrapassavam. Mas não gostava de pensar na senhorita Barton no centro de uma multidão assim. Não eram pessoas sem rosto as que imaginavam a seu redor quando imaginava isso, a não ser a seu pai ameaçando com o cabo da vassoura.

“Nunca vai ser nada na vida, rapaz, por isso volta aqui...”

—E bem? — perguntou Gordon—. Quer que faça circular essa história?

—Não.

—Isso parece... muito amável — comentou Gordon, duvidoso.

—Nada disso.

Era puro instinto de sobrevivência. Se alguém atirava uma pedra à senhorita Barton, Hugo provavelmente o mataria a sangue frio. E não poderia cumprir suas ambições se o penduravam por assassinato.

Além disso, a idéia era deixar o nome de Clermont fora do assunto. Se lhe pendurassem a etiqueta de rameira, os falatórios demorariam apenas umas horas em decidir com quem tinha sido prostituta.

Havia modos melhores de afastá-la dali. A pressão que tinha exercido até o momento tinha sido um mero jogo de meninos.

Não queria fazê-lo. Caía-lhe bem. Admirava-a. Havia algo nela que não o deixava em paz. Esmagar os sonhos e ambições de uma mulher como essa era ir contra seus impulsos.

Razão de mais para que ela tivesse que ir-se. Cada vez que falava com ela, envolvia-se mais.

Tinha chegado o momento de exhibir sua força. Gordon não era o único ao que tinha enviado a fazer averiguações. Fez-lhe gestos com a mão para que retrocedesse alguns passos e abriu a pasta que tinha recolhido sobre a senhorita Barton.

No momento ela vivia com sua irmã, a senhorita Frederica Barton, em um apartamento de cobertura no Cheapside. A mais velha das senhoritas Barton subsistia com uma renda anual depositada no banco Daughtry'S.

—Não — repetiu, mais que nada para convencer-se a si mesmo—. É hora de acabar com este assunto.

A senhorita Barton era encantadora, valente e muito teimosa. Em outras circunstâncias, teria açoitado a uma mulher como ela até conquistá-la. Teria atizado a atração entre eles até convertê-la em uma chama crepitante. Mas não tinha tempo para desejos fantasiosos. Não era companhia o que ansiava no fundo.

Podia estar bem fazê-la sua, mas não era o desejo de uma mulher o que lhe roubava o sono. Era a lembrança de seu pai erguendo-se ante ele com a vassoura na mão e o fôlego lhe cheirando a álcool.

“Nunca será nada. Sua asquerosa vida não vale nem os malditos farrapos que leva”.

Não. Havia um abismo de necessidade em seu interior, mas nenhuma mulher podia enchê-lo. Por muita que fosse a decisão com a que aquela o olhava aos olhos.

Hugo molhou a pluma no tinteiro. Gordon o observou escrever algo em um papel, selá-lo e acrescentar a direção. Logo o entregou.

—Leva isto — lhe disse.



TINHA SIDO UM LONGO DIA PARA SERENA, ainda mais longo pelo fato de que não tinha acontecido nada. Havia dito ao senhor Marshall que fizesse o pior que pudesse fazer, mas ele se limitou a ocupar o banco com outras pessoas e deixá-la em paz.

Depois de sua conversa do dia anterior, ela esperava algo. Não esperava que ele não fizesse nada.

Abriu a porta do apartamento de sua irmã com um suspiro.

—Freddy? —chamou.

Sua irmã não respondeu. A sala estava muito silenciosa. Não se ouvia o repico das agulhas de tecer nem o rumor do tecido. Mas as coisas de sua irmã penduravam no vestíbulo e, além disso, nunca saía tão perto do entardecer. Serena franziu o cenho e entrou na estadia.

Freddy estava sentada em sua cadeira com os braços ao redor de seu corpo. Balançava-se levemente adiante e atrás e lhe tremia todo o corpo. No chão, abandonada, havia uma manta de bebê por terminar.

—Freddy, o que acontece?

—Lê — a voz de Freddy tremia. Assinalou com o queixo uma mesa perto dela—. Leia.

Na mesa havia uma carta. Serena não sabia o que pensar. Tomou o papel e o leu com rapidez. Era do caseiro de Freddy.

—“Me tem feito notar...” — murmurou, lendo em voz alta. A frase seguinte a deixou sem fôlego e não foi capaz de pronunciar as palavras. Quando chegou ao final, estava furiosa.

Tinha acreditado que o Lobo de Clermont a tinha deixado em paz esse dia. Já! Olhou a sua irmã, que seguia abraçando o corpo. Uma coisa era que irritassem a ela, a Serena, e outra muito distinta que prejudicassem a Freddy.

Sua irmã não tomava parte naquela disputa. Jamais tinha feito nada, não da terrível noite em que ia na carruagem com sua mãe e as tinham atracado. Freddy estava sentada ao lado de sua mãe quando o bandoleiro lhe disparou.

Nunca tinha falado disso, mas logo que tinha podido sair de casa depois. Serena tinha acreditado que acabaria por superar a angústia, mas tinha passado os anos e o medo de Freddy para o mundo exterior não tinha feito a não ser aumentar. Atacá-la daquele modo tão desprezível era...

O senhor Marshall tinha muito ao que responder.

Serena deixou a carta sobre a mesa.

—Já me cansei — disse com voz que tremia de raiva—. Não permitirei que te ocorra isto, Freddy. Prometo-o.



A PORTA DA CASA da mansão Clermont era dura, mas Serena a golpeou com todas suas forças.

Era a terceira vez que chamava e não esperava resposta, mas não tinha intenção de retirar-se sem conseguir uma. Depois do que tinha encontrado em sua casa a noite anterior...

Ergueu a mão uma vez mais e a porta se abriu. Um homem de cabelo cinza a olhou de cima. Serena se ergueu tudo o que pôde, embora não conseguiu passar além do ombro do outro.

—Exijo falar com o senhor Marshall — disse com toda a dignidade de que foi capaz—. Exijo falar com ele agora mesmo.

O laçao a olhou com altivez.

—Não está disponível neste momento.

—Pois faça que o esteja. Se não me receber...

—Tenho instruções de lhe dar isto — o laçao estendeu a mão com uma parte de papel branco dobrado nela.

Serena tomou. Tinham-no dobrado formando um quadrado; uma mão firme tinha escrito “Senhorita Barton” na frente.

—E isto — disse o laçao.

Ela ergueu a vista. O homem sustentava um lápis. Parecia fora de lugar em suas mãos cobertas por luvas brancas, muito triviais para existir tão próximo a libré de um duque. Serena pegou também, e estava desdobrando a missiva quando a porta se fechou a suas costas, firme e irrevogável. Serena cruzou a rua e rompeu o selo da carta.

“Senhorita Barton”, leu. “Viria-lhe bem acalmar-se. Convencer ao caseiro de Frederica de que as jogue à rua foi questão de um momento. Considere-o uma simples advertência.

Como você tem pouco que fazer com seu tempo, estou seguro de que o inconveniente de mudar-se de casa não será nada. A tarefa não apresentará muito problema para uma mulher de sua fortaleza. Não obstante, se me vejo obrigado a ir até o ponto de arruinar o banco Daughtry’s, de onde tira sua irmã sua renda anual, pode estar segura de que não seguirei sendo tão complacente.

Minha oferta segue em pé: cinqüenta libras e referências. Talvez possa incrementar de algum modo a compensação econômica.

Como sempre,

Seu”.

Não havia assinatura.

Serena olhou a ofensiva missiva com raiva crescente. Estava preparada para suportar qualquer ameaça dirigida a ela, mas ameaçar de novo a Freddy? Era como atacar a esquilos bebês.

Dobrou o papel e escreveu sua resposta ao dorso.

“Ao ponto, senhor. Minha irmã e eu apenas podemos perder cem libras entre as duas. Dificilmente sentiremos falta de reservas tão pequenas”.

Não era certo, mas em sua experiência, os homens ricos jamais entendiam o valor do dinheiro. Assentiu com ferocidade e a seguir jogou a carta que tinha reservado para um momento assim.

“Mas você e eu sabemos, e toda Mayfair sabe, que à duquesa não agradará ouvir minha história. Você não me dá medo. Por que me ia dar isso Não tenho nada que perder, já estou arruinada.

Clermont, por outra parte... me Recorde isso São vinte mil libras as que tem que perder se o abandona sua esposa ou quarenta mil? As fofocas não ficam de acordo na cifra.

Uma última coisa. Você não é meu, e lhe agradecerei que não se dirija para mim de um modo tão familiar.

S. Barton”.

Entregou a resposta ao lacaios, que essa vez abriu a porta à primeira batida, e retornou ao banco, que esse dia estava livre. Fazia frio, mas sua fúria a mantinha quente. E em qualquer caso, não teve que esperar muito. O lacaios lhe levou a resposta do senhor Marshall em torno do meio dia.

“Querida Serena”, tinha escrito.

Ela tinha certeza de que se dirigiu a ela por seu primeiro nome só para irritá-la.

“Pode fingir tudo o que queira, mas você e eu sabemos que, diga o que diga, seus recursos são o único que se interpõe entre vocês e a vida na rua. É obvio, para o duque pode ser uma moléstia a falta de dinheiro, mas ele estará resguardado do verdadeiro custo da pobreza.

Estarão-o vocês?

Ainda seu,

Hugo”.

A Serena lhe tinham esfriado as mãos enquanto lia, mas agarrou o lápis e escreveu uma resposta.

“Eu, ao menos, tenho experiência com a pobreza. Não me dará prazer repeti-la, mas estou segura de que sobreviverei. Poderá seu duque?

Tenho alguns conselhos para ele em relação com a vida frugal; os passarei se sua esposa o abandona de tudo. Aí vai um: Sabia que mesclando duas partes de vinagre, duas partes de azeite e uma parte de melaço se pode fazer uma limonada passável?

S. Barton”.

A resposta demorou pouco mais de meia hora em chegar.

“Serena:

A receita do vinagre é asquerosa, mas presumo que essa era sua intenção. Em interesse do jogo limpo e a conduta cavalheiresca, duas coisas às que não vou fingir que aspiro normalmente, devo admitir que ganhou este ataque concreto.

Digo-lhe isto muito a sério: causaria-me uma grande tristeza destruir seu futuro e esmagar seu espírito.

Seu”.

Debaixo disso havia uma linha tachada, tão escura que ela não pôde ler as palavras originais, e a seguir dizia:

“Postdata. Embora não pareça, seu bem-estar não me é indiferente. Vejo-a da janela de meu escritório e não pode ser bom para você andar com tal frenesi”.

Serena tragou saliva e ergueu a vista. As janelas da Mansão Clermont refletiam o sol da tarde. Via-se movimento detrás das cortinas: figuras na sombra, provavelmente donzelas ocupadas em suas tarefas, mas ninguém que se parecesse com o senhor Marshall.

“Entendo”, escreveu no reverso da carta dele. “Está me observando. Se aparecer à janela agora tenho um presente especial para você”.

Entregou a nota ao laçao e permaneceu de pé ao lado do banco, esperando. O coração lhe pulsava com força e tinha as mãos suarentas. Freddy tinha razão. Lançava-se a tudo sem pensar e depois lhe acontecia que...

Conteve o fôlego. Na janela do segundo piso apareceu uma figura. Serena não distinguia seus rasgos, só via uma silhueta escura. Mas pensou que ele provavelmente poderia vê-la bem, iluminada pelo sol. Forçou um sorriso.

O Lobo de Clermont levantou a mão.

Serena, sem dar-se tempo a acovardar-se, fechou o punho e fez um gesto incrivelmente grosseiro. Ele permaneceu um momento na janela, imóvel, e logo se afastou.

A mulher recebeu sua nota dois minutos depois. Abriu-a com coração galopante. No papel havia só duas palavras.

“Case-se comigo”.

Serena olhou um momento a nota, esforçando-se por lhe encontrar sentido. Tinha ameaçado a sua irmã. Tinha ameaçado seu bem-estar. Mas aquilo... aquilo possivelmente era o mais sinistro que havia dito.

Recordava-lhe a inexplicável e estúpida sensação de segurança que tinha em sua presença, a atração que vibrava entre eles. Essas duas palavras atacavam seu ser mais vulnerável e faziam brincadeira de seus desejos.

Mas não se deixaria intimidar. Não seria vulnerável. Estava em jogo o futuro de seu filho e o senhor Marshall podia usar a arma que quisesse, que ela não vacilaria.

Elevou o queixo e escreveu sua resposta.

“Perguntava-me quando começaria a me ameaçar com os destinos piores que a morte. Felicidade, senhor Marshall. Agora conseguiu me assustar”.

Capítulo 5



QUANDO HUGO SAIU DE SEU TRABALHO, assobiando desafinadamente, há muito que tinha anoitecido.

Não havia motivos para que se sentisse tão agradado consigo mesmo, pois ainda não tinha nem idéia do que ia fazer sobre a senhorita Barton. Apesar disso, quando ela conseguiu superá-lo, pela terceira vez, com aquele comentário sobre os destinos piores que a morte, ele tinha já um sorriso enorme na cara. E não a tinha perdido apesar das horas passadas nem apesar de que tinha tido que ficar muito mais tempo que de costume para terminar seu trabalho.

Saiu do beco e girou à rua, golpeando o chão com a bengala com um ritmo alegre. E então se deteve.

A senhorita Barton seguia sentada no banco.

Na escuridão não tinha podido vê-la desde sua janela. Tinha assumido que partiu. Se tivesse sabido que seguia ali... Não. Não sabia o que teria feito se tivesse sabido que estava sentada na escuridão, onde qualquer uva sem semente podia atacá-la. Cruzou a rua devagar.

—Senhorita Barton? —perguntou com voz baixa e ameaçadora—. O que faz aqui ainda?

A mulher se levantou ao vê-lo aproximar-se. Seu rosto estava sombrio.

—Você o que acha? Estou esperando para falar com você.

—Comigo? —Hugo se aproximou um passo mais a ela—. Por quê?

Não podia lhe ver a cara. A luz estava três metros por detrás dele e o rosto dela ficava na sombra. Olhou em sua direção e em seguida foi muito consciente de sua proximidade. Era muito menor que ele. O tecido de seu vestido sussurrava na escuridão. Seus passos eram seguros e decididos. Seu beijo seria igual. Ao Hugo fez cócegas a pele de antecipação quando ela se aproximou até ficar a pouca distância.

Antes que tivesse tempo de pensar, a mulher fechou o punho e lhe deu um murro na mandíbula.

Hugo lhe deteve a mão antes que pudesse repeti-lo.

—Nunca golpeie a um homem com o punho fechado — lhe disse.

Podia sentir o pulso dela.

—Por quê? Porque isso lhe dá uma desculpa para me maltratar?

Ele a soltou.

—Em lugar disso, esbofeteia-me.

—Certo!

—Assim não tomará muito a sério e a pegará por surpresa quando lhe der uma joelhada entre as pernas.

A senhorita Barton soltou uma gargalhada surpreendida.

—Isso está melhor — Hugo se ouviu dizer —. Eu passei o dia flertando com uma mulher formosa e exasperante — disse—. O que tem feito?

Ela soprou.

—Passei o meu recebendo ameaças covardes de violência — replicou—. Além disso, foi um dia encantador.

O bom humor de Hugo se escureceu um pouco.

—Sério?

—Sim — disse ela com paixão—. Assim que baixa a guarda, inculcarei a golpes um pouco de sentido comum ao sujeito que me ameaçou.

—Tão mau foi?

—Tão mau foi? —estava-se desculpando com ela por fazer seu trabalho? Não. Claro que não. Isso seria ridículo.

A mulher pôs os braços nos quadris.

—Você convenceu ao caseiro de minha irmã para que a jogasse à rua quase sem aviso. Temos que ir em dois dias. Dois dias!

—Não têm aonde ir?

—Você não o compreende. Se tratasse apenas de mim, isso não apresentaria nenhuma dificuldade. Mas minha irmã... não sai de suas acomodações a menos que seja preciso. Quando veio me buscar na estalagem faz umas semanas, quase se deprimiu na multidão. Morreria ir-se embora.

—Sinto-o — disse ele, sem dar-se conta.

Ao parecer, sim se estava desculpando e, ao parecer, até o dizia a sério.

—Deveria senti-lo.

Hugo, horrorizado, ouviu um pequeno soluço. Essa ameaça de lágrimas era o pior que ela poderia ter feito.

Aproximou-se mais a ela.

—Não vai se deixar intimidar por mim, verdade? Sei de boa tinta que o Lobo de Clermont tem ombros muito largos e carece de pescoço. Não merece nem um ápice de seus sentimentos.

—Decida-se de uma vez! —exclamou ela—. Ameaça-me com danos físicos, ou seja, amável comigo. Não faça as duas coisas. É muito confuso.

—Não exagere. Ameacei destruindo seu meio de vida, mas eu não muito e nem ameaço às mulheres com violência física.

—Oh? — perguntou ela—. E como explica sua última mensagem?

Hugo demorou um momento em recordar o que havia dito. Aquelas duas palavras impulsivas... Nem sequer sabia o que queria dizer com elas.

—Não vai me dizer que era uma proposta de matrimônio séria — disse ela—. Era uma ameaça. E não me deixarei intimidar.

Hugo tragou saliva.

—O matrimônio nunca me tinha passado pela mente. Não sou o tipo de homem que esteja destinado à felicidade matrimonial. Há muitas coisas que quero fazer com minha vida para carregar com os gastos de uma esposa e filhos. Tome essas palavras com a intenção com a que foram dirigidas... como minha mais sincera expressão de admiração por uma digna oponente.

—Você é um homem preparado — replicou ela—. Expresse sua admiração de algum outro modo. Faz-me pensar... — se interrompeu e retrocedeu um passo—. O que faz?

Ele deu outro passo para ela, que elevou as mãos para afastá-lo. Hugo lhe estendeu sua bengala.

—Tome-o — disse.

—Mas...

—Deixe de discutir e tome-o.

Ela fechou a mão no punho da bengala e a tirou dele.

—Isso é uma arma — disse Hugo—. Se fizer algo que não goste, dá-me na cabeça com ele. Está escuro e você vai sozinha. Vou lhe acompanhar a sua casa.

Serena o olhou.

—Não compreendo.

Ele tampouco o entendia.

—Não lhe dê muita importância — encolheu os ombros e pôs-se a andar rua abaixo.



SERENA NÃO SABIA O QUE PENSAR quando caminhava rua abaixo ao lado do Lobo de Clermont com sua pesada bengala na mão. Os passos dele não eram largos, mas sim rápidos e regulares, e o seu coração acelerou tentando não ficar atrás. Sua mente girava na mesma velocidade.

Quando frearam o passo para cruzar uma rua, voltou a tentá-lo.

—Não compreendo por que faz isto — disse.

—Sim o compreende — disse ele sem olhá-la—. Entende perfeitamente o que ocorre. Sentimo-nos atraídos um pelo outro e isso resulta incômodo.

Ela respirou fundo.

—Não se faça de surpreendida. Se eu fosse um lojista de ultramarinos e você a encantadora filha do lojista de frente, publicaríamos os proclames este domingo. Provavelmente nos teríamos adiantado aos votos matrimoniais enquanto nossos pais faziam vista grossa.

—Não estou surpreendida. Mas você quer me alterar e...

—Não é certo. Eu estou tão perdido como você — disse ele, com um murmúrio aborrecido que quase ocultava a queixa que continha sua voz.

Serena se deteve na esquina e ele se voltou para olhá-la.

—Se eu fosse um laçao e você uma doméstica, conheceríamos todos os quartos e despensas onde poderíamos nos esconder juntos.

“Inofensivo”, sussurravam os vis sentidos dela. “Ele é seguro”. Seu discurso direto tinha algo de reconfortante... de consolador, com um fio que só se fez mais afiado quando se aproximou um passo mais a ela.

—Se fosse sapateiro — disse—, ofereceria-lhe um desconto nos sapatos.

—Agora perdeu o julgamento por completo.

—Não. Assim teria uma desculpa para lhe medir os pés com minhas mãos — ele franziu os lábios—. E não acho que pararia nos dedos.

Serena tinha ambas as mãos na bengala. Notou que se inclinava levemente para ele.

—Mas não o é — respondeu—. Você é o Lobo de Clermont e eu sou a mulher a que não pode jogar.

—“Não pode” é um conceito muito implacável — comentou-o—. Eu prefiro “não quer”.

Dizia-o um homem que fugiu de sua casa aos quatorze anos e tinha fama de conseguir o que queria.

Mas ele era muito mais que o caipira cruel que ela tinha pensado em uma ocasião. Falava de esmagar suas esperanças e sonhos, mas quando estava a seu lado, dispersava o desespero que a consumia já fazia muito tempo.

Queria roubá-lo... não por privar ao Clermont de seus serviços, a não ser para o ter para ela.

—Não me diga que não posso – prosseguiu ele—. Isso implica uma incapacidade.

—Não pode — repetiu ela com um sorriso—. Não pode, não pode, não pode.

—Ah!, agora zomba de mim — ele estendeu a mão e tocou a lateral da bengala —. Menos mal que isto está entre nós ou poderia esquecer que não sou um lacaio. Nem um sapateiro — se aproximou um passo mais; já estava tão perto que esquentava o ar noturno ao redor dela. Ar que lhe esquentava os pulmões.

Serena acreditava que era um homem seguro, mas se equivocava; não havia nada seguro nele. Mas se interpunha no caminho dela para a segurança e se pudesse roubar sua lealdade...

Uma sombra cruzou seu rosto um instante pelo que significaria aquilo.

Ignorou-a. Dava igual como o obtivesse. Não era bom olhar para baixo quando se subia em uma árvore. Tinha repetido aquele “não pode”, mas depois de meses de “não pode”, ela teria que provar que sim podia.

Ergueu uma das mãos da bengala e a apoiou na bochecha dele. Sua pele, ao tato, era rugosa e com barba incipiente.

Ele aspirou o ar com um sobressalto.

—Não é boa idéia, Serena. Não sou um simples lojista, não penso me casar contigo e, embora o pensasse, meu trabalho me obriga a ir contra ti — disse.

Mas não retrocedeu. Tampouco avançou mais. Limitou-se a esperar; seus olhos se viam muito escuros na noite.

Serena soltou a bengala e este se balançou momentaneamente em um extremo antes de se chocar contra o chão.

Então ele se moveu lentamente em sua direção.

No princípio seus lábios, quentes e seguros, roçaram apenas os dela; foi uma pressão passageira que se retirou rapidamente. Em seguida apoiou a mão no quadril dela e a atraiu para si. Sua boca voltou a roçar a dela; entreabriu os lábios e mordiscou os lábios femininos um par de vezes. Serena sentiu que todo seu corpo se esquentava.

A mulher imitou o movimento dele, entreabrindo os lábios, e ele tomou entre os seus e os mordiscou. Ela pensou que podia perder-se naquele movimento adiante e atrás, no calor do fôlego dele e o sabor de sua boca sobre a dela. Tudo aquilo era extremamente doce.

Acreditava que um beijo era uma pressão passiva de lábios sobre lábios, não aquele intercâmbio de carícias. Cobrava vida ao lado dele; vibravam de desejo partes dela às que nunca

tinha prestado muita atenção. Quando ele a atraiu para si, lhe fez cócegas a nuca. Voltou a beijá-la e Serena sentiu um formigamento nas solas dos pés.

Hugo lhe lambeu os lábios e ela abriu a boca escandalizada. Ele aproveitou para deslizar sua língua dentro.

Aquilo deveria ter lhe dado asco, mas não foi assim. Resultou-lhe incrível. Maravilhoso. Abriu-se a ele e estendeu também sua língua. Ele subiu as mãos por suas nádegas, até a coluna. Com uma delas lhe acariciou o braço, o cotovelo. E logo os dedos roçaram o peito dela. Devagar, levemente, e depois, quando Serena não se afastou, quando se pressionou contra ele, com mais firmeza.

E embora ela soubesse que ele tomava uma grande liberdade com aquela carícia, a sensação de que a tocasse ali era boa... um contraponto intenso ao jogo de seus lábios.

—Ah, Serena! —murmurou ele—. Isto não é boa idéia — mas não se deteve.

Deslizou devagar a mão pelo torso dela até a curva de seu ventre. Seus dedos se detiveram ali.

Serena ficou imóvel. Tomou rapidamente a mão dele e a afastou com brutalidade. O coração lhe pulsava com força.

—O que ocorre? —perguntou ele. Sua voz era rouca, mas estreitou os olhos. A luz que tinha detrás coloria seu cabelo escuro com tons quentes.

E então franziu o cenho. Estendeu a mão de novo, essa vez com vacilação, e lhe roçou o estômago. Não se podia ver, não debaixo das anáguas e os espartilhos, mas um homem que se apertasse contra uma mulher e a acariciasse com a mão, podia senti-lo.

—Senhorita Barton —murmurou—. Esqueceu de me dizer algo. Duas coisas.

—Não — ela não podia olhá-lo aos olhos.

—Este foi seu primeiro beijo, não?

Serena não foi capaz de assentir. Afastou os olhos.

—Você disse que ele não a forçou.

Ela sentiu a boca seca.

Hugo moveu a cabeça.

—Deixando isso de lado, e não sei como vou poder deixá-lo de lado... em todas nossas discussões, em todos os comentários que trocamos, alguma vez lhe pareceu importante mencionar que estava grávida?

Capítulo 6



Hugo QUERIA QUE NEGASSE A ACUSAÇÃO.

Serena não o fez. Em lugar disso, inclinou-se para recolher a bengala. Ele não sabia se queria simplesmente colocá-lo entre ambos para assinalar que a trégua tinha terminado ou se pensava lhe dar com ele e afastar-se.

A mulher respirou fundo.

—E eu que pensava que sabia!

—Como eu poderia saber? Por arte de magia?

—O disse a Clermont — replicou ela—. Assumi que, se ele sabia, você...

—E o que lhe fez imaginar que me contaria isso? Disse-me que isto era uma disputa por um emprego. Que a tinha contratado para cuidar de seu futuro filho.

Serena elevou o queixo.

—Bom. O posto não tem pagamento e não se referia a seu herdeiro, mas o resto é certo — tinha levado uma mão a seu ventre—. Por que acredita que estou aqui agora? Por que acredita que passei dias de pé no parque? Certamente, não foi por interesse pessoal. Não vou falhar a meu filho.

—Não, e essa é a outra coisa. O que lhe prometeu o duque para levar-lhe à cama?

Ela tinha a vista fixa na distância. Respirou com força e se voltou para ele.

—Prometeu-me não despertar a casa — sua voz estava a ponto de quebrar-se.

—Não — murmurou ele.

Serena acabava de corroborar suas suspeitas mais negras, e as tinha escurecido ainda mais. Entretanto, mantinha uma postura erguida e digna que destacava na escuridão como um raio de luz cegadora. Se a Hugo já não gostava da idéia de prejudicar a uma mulher, tudo nele se rebelava ao pensar em fazer mal a uma mãe. E a julgar pela ferocidade de suas palavras, e o modo com que tocava o abdômen, ela era isso.

—Fazia alguns comentários durante o dia — ela—. Tentei ignorá-lo, embora não é fácil ignorar a um duque que é convidado da casa. Mas me pôs nervosa. E logo veio a meu quarto de noite — a nudez de sua narração era quase pior que as palavras que dizia—. Lhe disse que não e ele insistiu. Ameacei gritar e me disse que, se o fazia, despertaria a toda a casa e de todos os modos me jogariam a culpa. Acabava de começar naquele posto. Se o perdia nessas circunstâncias, possivelmente não encontrasse outro.

Hugo tragou saliva para reprimir a raiva.

—Por que me disse que não a tinha forçado?

Serena o olhou confusa.

—Não me obrigou. Eu não lutei com ele.

Hugo a olhou. Parecia convencida do último ponto. Ele não estava tão seguro. O que o duque tinha feito não era punível pela lei, embora ela ousasse denunciar o delito na Câmara dos Lordes. Se não podia provar que se debateu, não o condenariam.

Isso não implicava que não tivesse sido forçada. O ocorrido parecia, de algum modo, ainda pior que a violência física, como se Clermont não só tivesse obtido seu prazer e lhe tivesse roubado a ela seu futuro, mas além disso lhe tivesse tirado o direito a acreditar-se sem culpa.

—Não gritei – repetiu ela—. Você diz que me admira como uma oponente digna. Mas você não o entende. A única razão pela que me nego a retroceder agora é porque não quero deixar que meu filho se afogue em silêncio.

—Deveria ter me dito.

—O que isso teria mudado?

“Tudo”. As cruéis palavras de seu pai que recordava Hugo tinham um contraponto. Não era muito alto nem muito insistente, mas às vezes, quando fechava os olhos, podia recordar a sua mãe cantando.

—Ao menos não a teria obrigado a permanecer de pé quatro dias seguidos — replicou—. Teria entendido que quando falava de “reconhecimento” não procurava apenas vingança. Me diga, senhorita Barton, e me diga isso claramente. O que é o que quer?

—Quero recursos suficientes para meu futuro.

—Procura manutenção perpétua?

—Não. A granja da que lhe falei. Quero cultivar lavanda, fazer sabões e vendê-los.

Hugo inclinou a cabeça.

—Quero que meu filho possa superar as circunstâncias de seu nascimento. Se for filho de um duque, deveria ter algumas vantagens. Quero que estude em Eton. Ou, se for menina, que seja apresentada em sociedade. Clermont é o pai. Deve-lhe um futuro a seu filho e não me retirarei até que isso esteja assegurado.

Hugo exalou o ar e tentou imaginar o duque assumindo essa responsabilidade. Tentou imaginar à duquesa entendendo-o. Era inútil; isso jamais ocorreria.

Tentou imaginar-se a si mesmo jogando a Serena dali, mas essa perspectiva era igualmente fútil. Estava apanhado entre a improbabilidade e a impossibilidade.

Franziu o cenho.

—Terei que investigar algumas coisas — disse—. Mas falaremos amanhã... digamos às onze. E esta vez falo a sério. Nada de ameaças por parte de nenhum dos dois. Temos um problema.

Estendeu a mão e a colocou em cima da dela na bengala. Serena elevou para ele os olhos, grandes e luminosos.

—Eu resolvo problemas — disse Hugo.



QUANDO SERENA CHEGOU AQUELA NOITE, Freddy estava na cama, e dormia ainda quando Serena despertou à manhã seguinte.

Esta calçava já os sapatos no vestíbulo quando uma voz melancólica soou a suas costas.

—Serena? Já te parte? Onde esteve ontem à noite até tão tarde?

A Serena deu um tombo o coração.

—Por aí — respondeu.

—O que fazia?

—Estava... por aí.

Ouviu ruído de pés golpeando o chão e depois Freddy dobrou a esquina com semblante preocupado.

—Chegou acompanhada — disse—. Lhes vi.

Serena tinha acreditado que sua irmã dormia a noite anterior, embora o que provavelmente tinha passado era que estava muito desgostada para falar. Era inútil negar a acusação, assim que se limitou a pegar sua capa.

—Um homem. Não lhe causaram já muitos problemas os homens? — perguntou Freddy.

—Não era nada disso.

—Sabe como são os homens? Com eles sempre é algo disso. Foi assim como te meteu em confusões, passeando com um homem depois de obscurecer? —Freddy fez uma careta—. Você nunca aprende.

—O que era que tinha que aprender?

—Depois que disse uma palavra quando decidiu exhibir seus problemas diante de toda Mayfair. E agora me vejo obrigada a abandonar o lar que vivo. Eu fico sem teto e você te dedica a pular com homens de noite.

—Não estava pulando. Era o Lobo de Clermont, se tanto te interessa. Tenho que falar com ele. E embora não fosse assim, o que quer que faça, que passe a vida escondida porque me aconteceu algo ruim?

Freddy apertou os lábios.

—Se te preocupa o lugar onde viveremos, tenho notícias de alguns quartos — continuou Serena—. Terei outro lugar para nós antes que acabe o dia. Precisamente agora ia a...

Enquanto falava, Freddy se agachou e tomou um par de sapatilhas.

—Nós? —disse—. “Nós” não teremos nada — jogou as sapatilhas a Serena.

Eram de lã e, portanto, Serena não se machucou. Mesmo assim, ficou surpreendida. A pacífica Freddy lhe atirava coisas?

—Como te atreve? —gritou Freddy—. Como te atreve a me colocar nisto?

—Freddy, só é um lugar onde viver. Encontraremos outro igualmente bom.

—Você não o compreende! —Freddy olhou a seu redor—. Não o compreendeste nunca. Eu só tive um lugar seguro, estas salas; e agora me tiraste isso.

Agachou-se e tomou uma valise velha que havia ao lado da mesinha da entrada.

—Você ouve o que diz? — perguntou Serena—. Quer que me esconda igual a você, que sofreu uma vez e não voltou a te arriscar a nada nunca mais. Até que não me tenha rebaixado a seu nível, não estará contente.

Os olhos de Freddy jogaram faíscas. Apertou os lábios e, naquele momento, Serena teve a horrível sensação de ter falado muito. Freddy lhe lançou a valise. Esta não chegou longe e aterrissou no chão em um montão discordante de fivelas e couro.

—Não entende o que te passou? — Freddy a olhou de marco em marco—. Tiveste um destino pior que a morte, mas segue...

—Sigo viva — repôs Serena—. E meu filho está vivo. E tenho intenção de seguir vivendo. Pode dizer o mesmo?

Freddy, ao ouvi-la, empurrou a mesinha, que caiu ao chão com um golpe ressonante.

Serena se adiantou e se agachou para levantá-la. Sua irmã aspirou ar audivelmente.

—OH, não te incomode — disse irritada—. Já recolherei eu. Sempre limpo suas confusões. De todos os modos não o faria bem. Vai paquerar com uma companhia inteira de homens. Não me importo.

Capítulo 7



ÀS ONZE EM PONTO, aproximou-se do banco de Serena um homem ao que ela não tinha visto nunca. Parecia o tipo de homem como ela teria imaginado um mês atrás que seria o Lobo de Clermont: alto e musculoso, de olhos colocados muito juntos e com o pescoço escondido entre alguns ombros muito largos.

—Senhorita Barton? — perguntou.

Serena se levantou; dobrou a lista de anúncios de casas que estava olhando.

—Tem que me acompanhar pela parte de atrás.

Ela o seguiu. Era estúpido estar nervosa. Tinha falado outras vezes com o senhor Marshall. Mas não desde que a tinha beijado; não desde que tinha descoberto que estava grávida de outro homem e se afastou dela.

Seguiu ao homem até a ruela da parte de atrás. De ali entraram pela porta dos serventes da mansão de pedra branca. A porta dava a um porão. Atravessaram-no com rapidez e subiram vários pisos de uma escada estreita e depois passaram a um vestíbulo ricamente atapetado com quadros nas paredes.

Tudo o que a rodeava então transmitia riqueza e gerações de poder... tudo o que se alinhava contra ela. Lutava contra isso. Não só contra o duque de Clermont ou contra o senhor Marshall, a não ser contra a opinião de todo um país. Ela não era nada comparada com aquele poder... nada mais que um simples grão em um saco cheio de trigo. A ninguém importava se o grão queria ser moído e convertido em farinha. Pouco importava se ela falasse ou guardasse silêncio; de todos os modos não tinha voz.

Mas importava a ela.

O homem se deteve diante de uma porta e Serena respirou fundo.

Seu acompanhante bateu uma vez com os nódulos.

—Adiante — disse uma voz.

O servente abriu a porta e esperou expectante. Serena compreendeu que não ia entrar com ela.

Penetrou na estadia com passos longos e a cabeça alta. “Respira”, recordou-se. Estava em um escritório, ou ao menos assumia que era um escritório, porque também podia ser uma biblioteca, com tantos livros nas prateleiras. Mas havia papéis por toda parte, não só espalhados aos montes, mas também em pequenas prateleiras e amarrados com fitas de algodão de cores diferentes, todos os quais pareciam ter algum significado. Azul por ali, amarelo por lá, vermelho espalhados pelo escritório...

Não podia ver Hugo, pois o respaldo alto da cadeira de couro negro estava girado para escondê-lo.

—Vá, senhor Marshall! —exclamou, caminhando pela estadia com mais valentia do que sentia—. De maneira que é aqui onde esmaga esperanças e destrói sonhos.

—Muito engraçada — ele ficou em pé. Apesar de suas palavras, não dava amostras de que encontrasse aquilo nem remotamente divertido. Tinha os lábios apertados e assinalou uma cadeira de madeira situada frente a ele—. Sente-se — ordenou.

Serena alisou as saias com as mãos e obedeceu.

O senhor Marshall se afundou em sua cadeira, mas não iniciou uma conversa. Limitou-se a cruzar os dedos e olhá-la em silêncio. Serena se perguntou o que era o que via. À mulher que tinha beijado a noite anterior? A uma dama de virtude fácil? Ou a outra pessoa totalmente distinta?

Ele franziu o cenho e afastou sua cadeira.

—Bem — disse—. Acredito que temos um problema.

—A você não parece que vá muito mal.

—Eu não... — ele se interrompeu e soprou com frustração—. Esqueça-o. O que lhe vamos oferecer é isto.

—A quem se refere com esse “vamos”?

O senhor Marshall ignorou a pergunta.

—Não podemos lhe dar o que pede. Nem Eton nem a apresentação em sociedade. Para dar isso, o duque teria que ficar em evidencia com o menino. Sua esposa o descobriria e ele tem muito que perder.

—Nesse caso, seguirei sentada diante desta casa. O que você acha que dirão os falatórios quando começarem a notar a barriga? — perguntou ela.

Fez gesto de levantar-se e o senhor Marshall deu um murro na mesa.

—Espere!

—Não grite comigo— disse ela com secura—. Você precisamente, não.

Ele a olhou um momento. Respirou fundo.

—Minhas desculpas — murmurou—. Estou um pouco nervoso neste momento; suspeito que ambos o estamos — em sua bochecha se moveu um músculo—. Estamos dispostos a lhe dar cinquenta libras esterlinas e mais adiante outras cinquenta. Suficiente para viver, se administrar sabiamente seus recursos. Suficiente para pagar uma boa educação ou uma escola para senhoritas. Não é o que você queria, mas é o máximo que posso lhe oferecer.

Seria uma parva se não aceitasse. Todo mundo pensaria isso.

Mas se aceitasse, condenava-se a mais silêncio, a olhadas desdenhosas e a uma vida inteira de repulsa. E seu filho seguiria sendo um bastardo desprotegido e sem sobrenome.

—E minha irmã? — perguntou.

Ele agitou uma mão no ar.

—Pode ficar onde está ou viver com você, como ela prefira. Já o comunicamos assim a seu caseiro. A senhorita Frederica Barton já deve saber que não é necessário que parta.

Serena sabia que devia aceitar o que lhe tinha devotado, mas o olhou aos olhos e lhe sustentou o olhar.

—Isso é tudo o que tem que oferecer? Não basta.

Ele a tinha estado observando todo o tempo, mas então, pela primeira vez, afastou a vista.

—Há algo mais — tocou com nervosismo o atirador de uma das gavetas do escritório—. O que você queria para seu filho era aceitação. Isso não seria possível se nascer bastardo. E em qualquer caso, Eton teria sido uma promessa fútil, pois seus estatutos dizem claramente que só admitem a filhos legítimos. Tem planos de bodas neste momento?

—Você sabe que não.

Ele seguia sem olhá-la a ela; tinha a vista fixa no escritório.

—Pense em fazê-los.

Serena sentiu que se ruborizava.

—Senhor Marshall, recorde as circunstâncias nas que me encontro. Não tenho um grande patrimônio nem um sobrenome familiar que me resguarde. Estou grávida de um homem casado. O matrimônio não é uma opção.

A expressão dele não mudou.

—Ao contrário, senhorita Barton. A senhorita tem uma proposta de matrimônio pendente, a que ainda não respondeu.

—Por que diz isso? Acredito que eu saberia melhor que você se alguém me tivesse feito uma proposta.

—Pense-o bem, senhorita Barton. Conheço muito bem as circunstâncias da oferta. Depois de tudo, eu a fiz.

A ela lhe deteve o coração no peito. A nota confusa e estremeceadora que lhe tinha enviado... tinha sido somente na tarde anterior?

—Isso não ia a sério — protestou—. Você não quer casar-se

—Imagino que não seria um matrimônio normal — ele pareceu distanciar-se ainda mais—. Nem sequer teríamos que consumá-lo. Nenhuma mulher que eu goste o suficiente para me casar com ela merece carregar alguém como eu. Se nos casarmos, será uma boda tranquila e íntima com licença especial. Depois seguiremos caminhos separados, você a sua granja e eu... — olhou os montões de papéis desordenados que havia a seu redor—. Eu só dou a oportunidade de que seu filho seja legítimo. Nada mais.

Olhou-a então, com expressão abatida e nervosa. E no fundo... Serena não soube que dizer.

Respirou fundo.

—OH, que romântico é você!

Ele apertou os lábios.

—Acostume-se. Isto é interesse, não é amor.

Olhou-a, esquivando os olhos dela, e moveu alguns papéis do escritório.

—Você queria uma granja que pudesse pagar, não? Quer que eu procure propriedades ou deseja realizar a busca você mesma?

—Não queria lhe causar nenhuma incômodo.

—Não é incômodo — ele ergueu a vista para ela—. Em realidade, comecei já. Aqui detalhei algumas possibilidades — resgatou alguns papéis situados na ponta do escritório e os empurrou para ela.

Não, não era frieza o que Serena detectava nas maneiras dele. Estava nervoso. E se estava nervoso...

Serena nunca tinha podido reprimir muito tempo a esperança; e naquele momento se deixou alagar por ela.

Não havia destinos piores que a morte. Só havia contratempos temporários no caminho para a vitória. E por muito friamente que apresentasse ele a possibilidade de seu matrimônio, uma coisa estava clara. Ela tinha vencido.

O senhor Marshall era dela, não de Clermont nem de ninguém mais. Independentemente do que dissesse, ninguém se atava a uma mulher por toda a vida sem lhe outorgar sua lealdade. Levantou-se, sem fazer caso dos papéis que ele tinha empurrado em sua direção.

—A chave para escolher uma boa propriedade — disse ele, tomando os papéis— é pensar se terá água e sol, e ver a colheita antes de que seja recolhida. Assim saberemos muito da qualidade do chão.

Ela deu a volta à mesa e pôs as mãos nos ombros dele.

O senhor Marshall tragou saliva.

—Lavanda, disse lavanda, verdade? Cresce melhor em um chão seco e arenoso, que não seja nem muito alcalino nem muito ácido. Pode começar a olhar propriedades no Cambridgeshire. É uma das partes mais secas da Inglaterra, sabe? Procure um chão que produza cenouras de modo regular e... — se interrompeu quando ela se inclinou para ele.

—Estaria renunciando à possibilidade de te casar por outro lado, Hugo. Se depois te apaixonar por alguém...

—Isso não ocorrerá. Nunca o quis — ele soltou o ar entrecortadamente e Serena se deu conta de que tinha contido o fôlego—. Não tenho tempo para mulheres — elevou uma mão até o rosto dela e baixou os dedos por sua bochecha até o queixo—. Nem sequer para ti — sussurrou.

Serena o olhou aos olhos.

—Quer dizer que não posso? — perguntou.

Hugo emitiu um barulho confuso. Abraçou-a, atraiu-a para si e a sentou em seu colo. Beijou-a nos lábios com suavidade, mas com ânsia.

Havia dito que aquilo não tinha nada que ver com o amor, mas seu beijo o desmentia. Não era só desejo reprimido. Um homem que se visse empurrado unicamente pelo desejo físico teria tentado seduzi-la antes e não casar-se com ela. Em vez disso, beijava-a como se aquela fosse sua última possibilidade. Como se ela fosse um copo de água e ele um homem a ponto de embarcar-se em uma viagem pelo deserto. Saboreava-a com os lábios.

E ela acreditou por um momento que, independentemente de suas palavras, o matrimônio seria de verdade. Ele mudaria de idéia e ela saboreava isso em seu beijo.

Mas então ele se afastou.

—Como pode ver — disse com voz rouca—, isto não é mais que egoísmo por minha parte. Não há lugar para ti em minha vida. Mas assim ao menos saberei que está a salvo.

Enganava-se se acreditava que ela se conformaria com um matrimônio pela metade. Tinha jurado roubá-lo de Clermont e que a condenassem se ia se conformar com menos que a vitória total. Tinha conseguido levá-lo até esse ponto e conseguiria que mudasse de idéia.

—Entendo — murmurou; pôs a palma da mão na bochecha dele—. Não há nada de amor.

—Nada — e essa vez ele a olhou aos olhos sem afastar a vista.

Capítulo 8



AQUELA MANHÃ SERENA se separou de sua irmã em uma situação tensa. Não sabia o que ia ser dela; desconhecia as intenções de Hugo Marshall e não sabia se Freddy voltaria a lhe dirigir a palavra. Por isso, ao retornar, empurrou a porta das acomodações de Freddy contendo o fôlego.

Tudo parecia estar ordenado de novo. As luvas de Freddy estavam colocadas uma em cima da outra na mesinha da entrada; suas botas de cano longo, secas e sem ter sido usadas, achavam-se debaixo. Não havia nem rastro das sapatilhas que lhe tinha atirado Freddy nem da valise que tinha jogado a seus pés. Tudo tinha sido guardado.

Serena entrou cautelosamente na sala principal.

Freddy estava sentada ante a janela e nas mãos tinha um tecido que parecia muito mais fina que a que usava habitualmente para seus trabalhos benéficos. Era um tecido de cor laranja dourado, com um desenho sutil de damasco.

—Frederica? — perguntou Serena.

—Há pão na caixa e leite fresco — respondeu sua irmã—. E maçãs. Jimmy subiu maçãs da frutaria. Pensei que podíamos comer isso.

Jimmy era o rapaz que vivia abaixo; Freddy lhe pagava para que lhe comprasse coisas. Mas até ele, um menino de treze anos, era às vezes muito para sua irmã. Se tivesse falado voluntariamente com ele...

Serena quase esperava que Freddy seguisse zangada. Em vez disso, escondeu-se detrás de uma fachada de normalidade. Retirou-se ao interior de uma carapaça grossa construída a partir dessas salas. Nada do que dissesse Serena, nem fúria nem lágrimas, faria-a sair delas.

—Freddy — começou Serena—. O sinto.

Sua irmã elevou a vista com o cenho franzido.

—E deveria. Hei-te dito mil vezes que não me chame Freddy — baixou a vista e alisou o tecido em que trabalhava—. Não é próprio de uma dama. Não desejo responder a um nome assim.

—Tinha razão. Pus-te em perigo e...

—Você sempre o põe tudo em perigo. Se de menina te caía de uma árvore e eu te curava os joelhos, no momento seguinte voltava a subir a outra árvore. Nunca aprendia a lição.

Serena não estava de acordo nisso. Sim aprendia a lição: “subir a mais árvores, praticar mais”.

Mas supunha que essa não era a lição que Freddy queria que aprendesse.

—Sempre é o mesmo — prosseguiu esta—. Você cai e eu te recolho. E antes que te tenha curado de tudo, já está procurando como cair outra vez.

Estalou a língua com desaprovação e Serena a olhou fixamente.

Ela pensava que Freddy estava traumatizada e se escondia do mundo; e sua irmã pensava que ela estava desprotegida. Era assim como a via Freddy? Como uma criatura estranha e impetuosa que ia de desastre em desastre porque se negava a render-se? A visão que lhe dava isso de si mesmo lhe resultava tão alheia que ficou sem resposta.

Como podiam ser irmãs? Parecia impossível que pudessem ver o mundo com olhos tão diferentes.

E, entretanto, ali estava Freddy, que não tinha saído daquelas salas desde que procurou Serena na estalagem onde a tinha deixado a diligência, movendo a cabeça como se fosse Serena que dava motivos para que a encerrassem no manicômio.

Não podia dizer em voz alta o que pensava.

“Não, Freddy. Acredito que te equivoca. A louca não sou eu, é você”.

—No que está trabalhando? —perguntou—. Esse tecido é precioso.

—É um dos velhos vestidos de nossa mãe — disse Freddy com calma—. O estou refazendo. Pensei que seria um bom vestido de noiva para ti.

Serena se engasgou com a saliva.

—Como o soubeste?

—Sou sua irmã — disse Freddy com um sorriso que tinha tanto de irritante como de misteriosa—. Sei tudo.

—Não, não é verdade.

—Seu senhor Marshall me fez uma visita esta manhã, justo depois de você sair. Há-me dito que lhe ia pedir isso — Freddy fez uma careta—. Suspeito que vais aceitar. É o tipo de coisa que faria você: confiar seu destino e seu futuro a um homem ao que mal conhece quando aqui teria segurança.

Segurança? “Imobilidade” parecia uma palavra mais acertada.

—Em qualquer caso — disse Freddy—, quando tudo se afunde a seu redor, eu estarei aqui para recolher os pedaços. Outra vez.

Freddy nunca mudaria. Não podia. Jamais subiria a grandes alturas. Mas algum dia seus recursos se acabariam e se asfixiaria em sua pequena sala.

—E se não me afundar? — perguntou Serena.

Freddy a olhou entrecerrando os olhos.

—Como pode perguntar isso quando...? — respirou fundo e elevou os olhos ao céu—. Não importa. Vais provar o vestido para que veja que acertos necessita?

Serena sabia que não podia ganhar aquela partida.

—Obrigado — respondeu—. Me ajude com os botões, por favor.



A SEMANA ANTES DAS BODAS passou em um frenesi de licenças e avisos. Hugo descobriu que era melhor ocupar-se com detalhes que pensar no impenetrável mistério de suas próximas núpcias.

Sempre que a idéia de que ia se casar cruzava por sua mente, afastava-a.

O matrimônio era um enredo. O seu era simplesmente um compromisso prático.

Com uma mulher.

Um mais dos trabalhos que fazia diariamente, salvo que aquele lhe dava direito a deitar-se com ela.

Essa era a razão pela qual não se atrevia a pensar no que estava fazendo... porque quando pensava em Serena Barton como em sua futura esposa e não como uma mulher com a que tinha um acordo, sua imaginação voava.

E o que mais o atraía não era a idéia de deitar-se com ela... repetidamente. Não, era pensar que teria a alguém pela primeira vez em anos. O matrimônio implicava companhia. A companhia se convertia em uma razão para renunciar à luta, para passar as noites com ela em lugar de examinar arquivos de fretes procurando que mercadorias dariam mais benefícios.

Não. Não podia permitir-se pensar muito no tema.

Mas não ter pensado em seus incipientes desejos fez que chegasse sem estar preparado à igreja onde foram se casar. E durante a cerimônia se sentiu desconcertado, como se estivesse a ponto de tropeçar e não pudesse agarrar-se para não cair.

Não podia olhar muito a Serena. Seu vestido era da cor da luz do dia justo antes do entardecer; se a olhava muito momento, temia que ficaria cego quando ela se fosse. O vigário estava entre eles, recitando palavras que Hugo não compreendia, “na riqueza e na pobreza, fidelidade, esposa”. Repetiu seus votos como em um sonho e em seguida ouviu as respostas dela.

Mas quando tomou a mão para lhe pôr o anel, encontrou-a firme e cálida, o único real que havia na estadia. Custou-lhe soltá-la. O vigário lhe deu permissão para beijá-la e ele assim o fez. Não foi um beijo intenso e luxurioso nem tampouco longo e amoroso, a não ser um leve roce dos lábios pelo breve espaço de tempo que ela estaria em sua vida.

Depois, na carruagem de ponto onde as levava a casa a sua irmã e a ela, não pôde evitar pensar no que não teria. Quando se deteve a carruagem, desceu a irmã.

Serena não se moveu.

—O arrendamento está em ordem — disse Hugo—. E te paguei uma passagem na diligência. Contratei a uma mulher para que te ajude todo o ano próximo. Não discuta; não deve estar sozinha nestas circunstâncias.

Ela estava de costas a ele.

—Obrigada — disse. Sua mão apertava compulsivamente o tecido do vestido.

—Se me necessitar para algo, só tem que dizê-lo.

Era uma oferta tola, mas Hugo já estava acostumado a se fazer de parvo diante dela.

—Eu... quer dizer... — lhe tremeu a voz e uma parte dele se assustou.

—O que? —a voz lhe saiu fria, mas não lhe importou.

Serena se virou para ele.

—Acredito que deveríamos consumir o matrimônio depois de tudo.

“Sim”, grunhiu uma besta possessiva dentro dele. Mas o que Hugo perguntou em alto foi:

—Por quê? Porque se for uma forma equivocada de me agradecer, eu não quero...

Serena apertou os lábios.

—Porque possivelmente você possa fingir que isto é unicamente uma transação por motivos pragmáticos, mas eu não. Consumá-lo protegerá aos dois no caso de que fique em dúvida o matrimônio. Mais ainda. Estamos casados e pode que isto não seja um acordo convencional, a não ser um real.

—Não o é.

—É-o. O que é um marido a não ser o homem que te oferece apoio quando todo mundo te dá as costas?

Ele era isso para ela? Não podia olhá-la nesse momento ou ela saberia quanto lhe afetavam suas palavras.

—O que é uma esposa a não ser uma companheira que cumprirá seus desejos mais profundos? Prometemo-nos mutuamente cumprir nossos desejos mais profundos.

—Ah, sim?

—Você será meu amparo contra o mundo e eu... — lhe pôs uma mão no braço e ele sentiu um formigamento que lhe subiu até a nuca—. Legalmente está obrigado por minhas ações. Outra mulher poderia aproveitar-se disso. Você confiou em que eu não frustrarei suas ambições. Deixe-me que eu confie também em ti com isto.

“Sim”.

Hugo não pôde fazer que seus lábios pronunciassem essa palavra. Nem sequer pôde tocá-la. Agarrou-se com força a borda do assento.

—Não tenha esperanças comigo, querida. Eu não tenho nenhuma que te dar.

—Embusteiro.

Lhe tremia a voz, mas suas mãos estavam firmes nos ombros dele. Baixou a cabeça muito lentamente. Cheirava a bergamota e a sabão, a luz do sol e a açúcar. E ele estava perdido.

Beijou-a nos lábios, suas mãos rodearam sua cintura e inalou seu aroma. Abraçou-a como tinha desejado fazê-lo aqueles últimos dias.

Serena se apoiou nele e o beijou com suavidade. Hugo não queria soltá-la. Podia seguir beijando-a eternamente.

Abriu-se a porta da carruagem.

—Patrão? —perguntou o chofer—. OH! Ah! OH!

Hugo elevou a vista.

—Eu não... isto não é... — gaguejou o chofer.

—Acalme-se — disse Hugo—. Acabamos de nos casar — não olhou a Serena aos olhos—. Nos leve ao Norwich Court.

Serena deteve as mãos em uma pergunta silenciosa.

Mas ele não pôde decidir-se a respondê-la porque não tinha nada que oferecer.



A CARRUAGEM SE DETEVE diante de uma fileira de casas pequenas e sombrias.

Serena tinha esperado algo mais suntuoso do homem que era responsável pela fortuna de Clermont. Mas Hugo não se desculpou pela escada escura e estreita nem pela desordem da casa que havia detrás da porta que abriu. Havia duas portas na sala principal, tão pequenas que ele teria que agachar-se para passar por elas.

Não era um homem organizado. Em honra à verdade, Serena suspeitava que, depois de ter vivido com Freddy, ele jamais poderia lhe parecer ordenado. No respaldo de uma cadeira pendurava uma jaqueta e havia um par de meias atiradas no chão.

Entrou em uma das salas vizinhas e viu um montão de barris e um baú. Na outra havia uma cama, com as mantas e os lençóis revoltos.

Nenhum dos dois falou.

Ela não sabia o que tinha esperado. Que se ofereceria a ele e o roubaria do duque? Que se converteria em seu marido de verdade e os dois ficariam unidos como as palavras da cerimônia das bodas sugeriam que devia ser?

Mas não havia união. Sentia que estavam dolorosamente separados.

Entrou no dormitório sem tempo a perder. O coração lhe pulsava com força, mas desabotoou o casaco que cobria seu vestido, deixou-o em cima de uma cadeira e tirou as luvas. Quando desatou o cinto do vestido lhe tremiam as mãos, mas começou a desabotoar os colchetes do sutiã. Era estúpido que lhe tremesse a mão, muito estúpido, porque ela não sentia nenhuma inquietação.

Não podia senti-la. Não o permitiria. Sempre que não baixasse a vista...

Mas elevou a vista dos botões e viu o Hugo na soleira olhando-a. Quando subia às árvores de menina tinha descoberto que havia um ponto no que chegava ao final dos ramos. Um ponto no que as folhas davam passo ao sol e a brisa soprava sem estorvos em sua cara.

Quando chegava à taça da árvore, sentia por alguns segundos uma maravilhosa sensação de ter completo seu objetivo. Mas esse era também o momento no que olhava o chão longínquo sob seus pés. E quando o fazia, já não embargava sua mente à emoção da vitória a não ser a pergunta: “E agora como desço daqui?”.

Levara muito tempo afastando seus medos e fingindo que não existia o chão debaixo dela. Mas tinha a granja e tinha salvado a seu filho de ser um bastardo. Todo o resto o tinha deixado para mais tarde. E agora, com nada mais ao que aferrar-se, esse “mais tarde” tinha chegado já.

Hugo não avançou para ela, mas isso não impediu que Serena se deixasse levar pela parte mais escura de sua imaginação. Ele se deitaria em cima dela e a cravaria ao colchão com seu peso. Já quase podia ouvir sua respiração ofegante; lhe nublou a vista.

Não soube de onde saiu à primeira lágrima, nem a segunda. Ela não era uma mulher que fizesse algo tão inútil como chorar.

Mas quando se deu conta, estava chorando em cima do tecido laranja de seu vestido de noiva. E não eram lágrimas refinadas e recatadas, eram grandes soluços que não podia conter.

Não se deu conta de em que momento ele foi sentar-se a seu lado e a abraçou. Nem de quando começou a lhe secar as lágrimas.

Não tentou consolá-la nem lhe prometeu que tudo ficaria bem. Não lhe sussurrou palavras carinhosas. Limitou-se a abraçá-la e ela teve a sensação de que seu calor a envolvia durante horas. Quando passou um pouco a tormenta e os soluços se converteram em gemidos, Hugo lhe estendeu um lenço limpo.

—Lembranças incômodas? — perguntou por fim.

Sim. E também sentimentos impossíveis. Culpabilidade. Medo. Todas as coisas que havia posposto como se fossem faturas sem pagar haviam tornado a chamar a sua porta, insistindo em cobrar imediatamente todas as quantidades endividadas.

Serena soou o nariz.

—Não é nada. Não se preocupe por mim. Só segue com o que íamos fazer.

—Não, querida. Tenho que estar excitado para seguir com isso, e não encontro nada desejável em me deitar em cima de uma mulher que preferiria estar em outra parte — lhe tocou o nariz. Serena sabia que estaria vermelha, mas ele não comentou nada de seu aspecto—. Embora seja você— terminou ele.

—Já estou bem.

Hugo negou com a cabeça.

—Não acredito que isto deva ocorrer.

Fez gesto de levantar-se, mas lhe pôs uma mão no braço.

—Você não o entende. Só tenho essa única lembrança de Clermont. Preciso... — tragou ar com força—. Quando acordado de noite recordando seu peso em cima de mim, quero outra lembrança ao que poder me aferrar para que se desvaneça esse pensamento. Necessito que você o expulse.

Reuniu coragem e se levantou. O sutiã do vestido estava já desabotoado. Só tinha que tirar as mangas e deixá-lo cair ao chão. Assim o fez e ficou de espartilho e regata.

Esperava que despida ajudasse a conseguir seus propósitos. Mas ele não se mostrou embargado pela luxúria ao vê-la em roupa interior; simplesmente se aproximou dela.

Serena o sentia quente e próximo; lhe afastou brevemente o cabelo e logo lhe tirou uma forquilha.

—Não vamos fazer isto assim — comentou.

Ela tragou saliva.

—Assim como? — perguntou com voz tremente.

Hugo retirou outra forquilha.

—Assim como você está pensando agora. Tremem-lhe as mãos.

—O que? Como...? Não sei... — ela estava imersa em sua incerteza e nos medos escuros que se elevavam em seu interior.

Mas ele seguiu retirando forquilha, uma por uma, sem tocá-la no processo. A touca dela se inclinou de um modo alarmante, e quando ele retirou uma forquilha mais, o cabelo lhe caiu solto sobre os ombros.

—Qual é sua intenção? — perguntou ela.

—Não vou consumir este matrimônio — ele encontrou uma última forquilha presa nos cachos e a colocou com as demais na palma de sua mão, formando uma fila ordenada de metal cinza.

—Não vais consumir o matrimônio — repetiu ela.

—Eu não — ele estendeu a mão e, quando ela elevou a sua para tomá-la, pô-lhe as forquilha na palma—. Mas você sim.

O calor de sua mão tinha esquentado as forquilha. Serena as olhou confusa e fechou os dedos em torno delas.

—Isto funciona assim — disse ele—. Pode trocar forquilha por favores. Se quiser que te desate o espartilho, dá-me uma forquilha. Se quiser que te dê um beijo, dá-me outra. Mas eu não posso te tocar até que me peça isso.

Serena tragou saliva.

—E quando tiver uma forquilha — seguiu ele, e essa vez lhe dedicou o sorriso largo e lento que ela recordava tão bem—, posso trocá-la a minha vez.

—Por um favor? —lhe tremia ainda a voz—. Pode trocar uma forquilha pelo direito a...

—Ah, sim! Você pode fazer que te toque, mas eu só posso fazer que toque a ti mesma.

—Isso não parece justo.

O sorriso dele se fez mais amplo.

—Não sou famoso por ser justo.

“Inofensivo”. “É seguro”. Serena recuperava aquele impulso, que freava seu coração e afastava seus medos mais escuros dos cantos de seu corpo onde habitavam. Ele não se moveu. As imagens escuras que tinham começado a embargá-la-se dissiparam lentamente. E em seu lugar ficou... confusão.

Mesmo assim, sabia por onde começar.

—Tire a casaco — disse com voz tremente.

Etendeu a mão.

—Uma forquilha, por favor.

Serena a deu e seus dedos roçaram a palma da mão dele no processo.

Hugo desabotoou os botões e tirou o casaco marrom escuro. Debaixo levava uma camisa branca, que colocou brevemente a seus músculos quando ele soltou o casaco. Deixou que caísse ao chão e se voltou para olhá-la de frente. De algum modo, ter tirado aquela capa exterior o fazia parecer maior que antes, possivelmente porque aquela impressionante largura de ombros estava muito mais perto dela.

O pulso de Serena se acelerou, mas ele seguiu sem mover-se.

—Não vais pedir nada por sua forquilha? — perguntou ela ao fim.

—Não — respondeu ele com uma tranquilidade absoluta—. Primeiro quero reunir algumas — não explicou mais, mas ela conteve o fôlego. E essa vez não de inquietação. Não, essa vez sentiu as primeiras chispadas de curiosidade.

Assinalou-o com uma forquilha.

—O colete, por favor.

Hugo obedeceu. Ela não podia ver o corpo dele através do tecido da camisa, mas podia ver a forma de seus músculos ao trabalhar; as curvas destes, fortes e bem definidas.

Sentia-se já mais valente, e quando terminou, estendeu-lhe outra forquilha.

—A camisa.

Ele obedeceu sem palavras. Quando tirou o objeto pela cabeça, os músculos do peito se flexionaram e formaram ondas e Serena os olhou fixamente. Sabia que era um pugilista e que tinha os ombros largos, mas não havia nada como ver a verdade de sua antiga profissão expressa em seu corpo. Aqueles ombros se esticaram quando golpeava a outro homem; tinha encaixado golpes no estômago e no ventre. Uma débil cicatriz rosa formava uma linha curva do umbigo até o peito; uma linha vermelha mais irregular lhe marcava as costelas. Havia toda uma história escrita em sua pele, e ela queria aprendê-la inteira.

Hugo não havia dito nada enquanto o olhava, mas era muito consciente do escrutínio dela.

—Está flexionando os músculos por mim? — perguntou ela.

—Isso seria vaidade — respondeu ele.

Serena sorriu pela primeira vez desde que entrou no quarto dele.

—Sim, o seria.

Ele sorriu com malícia.

—Teria que ter sabido que não seria fácil enganar a governanta.

Serena deu um passo para ele; ao Hugo lhe congelou o sorriso na cara. Ela estendeu a mão e lhe tocou o abdômen com a ponta da forquilha. Ele conteve o fôlego. Serena subiu a forquilha pelas costelas dele e teve o prazer de ver que lhe provocava arrepios.

—Quero seus sapatos — disse. Tinha a boca seca e lhe custava falar.

Hugo se agachou a tirar-lhe. Ao fazê-lo, as calças lhe apertaram as nádegas e os músculos de seu traseiro se estremeceram.

Serena também se estremeceu. Esperou que ele se endireitasse e lhe entregou outra forquilha.

—Outra vez. Agora as meias.

Essa vez, quando ele se agachou, o fez para se exhibir diante dela, pois virou em um ângulo que lhe permitia flexionar precisamente esses músculos. Seguro que sabia como se viam suas coxas com todo aquele tecido apertando-os. Não disse nada, mas quando terminou de tirar as meias, olhou-a e lhe piscou.

Tinha inventado um jogo com as forquilhas que lhe tinha tirado o medo. Serena lhe entregou outra.

—Tem já suficientes para seus planos perversos? — perguntou.

—Ainda não — Hugo sorriu—. Além disso, faz tão bem que eu não gostaria de te interromper.

Serena ia recuperando a confiança. Deu-lhe um golpinho no queixo com a ponta da forquilha.

—Por essa rabugice, senhor, exijo o cinturão.

—Exige, né? —ele tirou da fivela—. Nesse caso, suponho que devo obedecer — tirou lentamente o cinturão. A calça baixou umas polegadas pelos quadris e descobriu uma flecha escura de pêlo que descia pela parte frontal de seu estômago.

Serena queria saber aonde levava aquele rastro de cabelo escuro.

—Agora quero...

—Agora —a interrompeu ele com suavidade—, toca-me, cobro minhas forquilhas — a olhou aos olhos.

Esse olhar durou apenas um momento, meio segundo, apenas o tempo de uma piscada, mas bastou para que a ela lhe acelerasse o pulso. O sorriso dele se fez mais amplo. A Serena fez cócegas a pele. Era muito consciente de cada centímetro de seu corpo, da regata que apenas lhe cobria as extremidades e do espartilho que pressionava seus peitos. Não sabia se era medo ou excitação o que a tinha de repente deixado em brasas.

—Minha primeira ordem — lhe pôs uma forquilha na mão— é que espere aqui até que volte.

Serena piscou, mas ele saiu do quarto antes que pudesse protestar. Deu um passo à frente, mas recordou que ele o tinha pedido com uma forquilha e, de acordo com as regras do jogo, não podia segui-lo. Mas Hugo não voltava. Ela ouviu um ruído metálico e o som de um fole funcionando. Que fazia? Ao final ouviu um vaio como de vapor e um juramento apagado.

Por fim retornou com uma toalha. Uma toalha da que saía vapor.

—Isto é um truque que aprendi no boxe — disse—. Te deite na cama.

Serena ficou paralisada ao ouvir essa ordem. Ele inclinou a cabeça para um lado e deixou uma forquilha na mesinha.

—Não vou te tocar. Recorda que não posso fazê-lo até que o peça. Te deite na cama.

Ela tragou saliva e obedeceu. Hugo se sentou a seu lado e o colchão se afundou sob seu peso.

—Ponha isto na cara.

Esendeu-lhe o tecido, quente e úmido, quase muito quente ao tato. Serena a desdobrou com cuidado e a pôs sobre os olhos, cobrindo o nariz.

—Respira — disse ele—. Devagar.

O ar era úmido. Ela sentiu que o calor penetrava em sua pele e relaxava músculos que não sabia que tinha esticado.

—Agora exala — disse ele.

O ar sob a toalha se refrescou temporalmente.

—Inala.

Serena tinha a sensação de ir à deriva em uma atmosfera de calor.

—Isto é encantador.

—Sim — disse ele—. Quanto mais quente esteja antes de uma briga, menos provável é que lhe façam mal. Não sei por que é assim, mas suspeito que aqui possa ocorrer o mesmo.

Ela emitiu um suspiro de satisfação.

—E agora o que?

—Não sei — disse ele—. Não ficam forquilhas.

Serena tirou a toalha da cara.

—Como é possível?

Ele a olhava fixamente, com os olhos escuros e os lábios apertados com determinação. Assinalou a mesinha, onde tinha ido deixando suas forquilhas.

—Te disse que respire.

A jovem estava convencida de que a luxúria era um sentimento egoísta independentemente do que a tivesse. Mas Hugo elevava o queixo com determinação e em seus olhos havia uma expressão altruísta. Fazia tudo àquilo por ela, para apagar a tensão de seus músculos e o medo de seu coração.

Estava segura. Aquele era o homem ao que tinha aprendido a conhecer. Decidido, sim, e ambicioso. Mas também amável e brincalhão. Não lhe tinha feito mal. Tinha visto a angústia dela e a tinha acalmado.

Serena empurrou uma das forquilha para ele e respirou fundo para criar coragem.

—Me tire o espartilho, Hugo.

Quase não a havia tocado desde que lhe tinha soltado o cabelo, além do roce de seus dedos quando as forquilha trocavam de mão.

Agora a tocou. Pôr-lhe uma mão no quadril e subiu a outra ao nó da cinta do espartilho. Afrouxou o objeto quase com reverência. Serena teve a sensação de que seus dedos quase a queimavam inclusive através do tecido rígido do espartilho. Sentia fogo nos pulmões quando ele afrouxava as cintas. Respirou fundo e inalou seu aroma: um aroma de sal e ar cítrico.

Hugo desatou o espartilho e o tirou devagar. Os peitos, liberados de seu cárcere, saltaram para frente, coberto só pela fina malha da regata. O ar era afresco em sua pele, mas quase não o sentia.

A respiração dele tornou-se entrecortada. Fixou a vista na protuberância dos peitos dela, onde sobressaíam os mamilos no tecido da roupa interior. Moveu os olhos ao compasso do ciclo de respirações dela, acima e abaixo, como se já estivesse unido com ela a algum nível.

Colocou uma forquilha ao lado das outras.

—Te toque os seios.

Sua voz era rouca, e suas palavras enviaram uma corrente de calor ao corpo dela. Serena elevou uma mão sem deixar de olhá-lo aos olhos. Tomou a curva de um peito na palma da mão e a ele lhe dilataram as pupilas. Ela passou o polegar pela parte superior do montículo e Hugo lambeu os lábios. A carícia provocou uma débil faísca de prazer nela, mas foi o olhar dele, cheio de adoração, quase devoção, o que aumentou esse fio de prazer fazendo-o crescer.

Serena riscou outro círculo com o polegar e ele conteve o fôlego. E depois, porque o pedia seu corpo e o suplicavam os olhos dele, acariciou o mamilo com as gemas dos dedos. Invadiu-a o desejo, que adotou a forma de um palpitar insistente e líquido entre suas pernas.

Hugo não fez gesto de tocá-la. Limitou-se a olhar com respiração ofegante. O prazer dela era também dele.

—Agora — Serena tragou saliva e criou coragem—. Agora me toque você os seios.

Ele se inclinou sobre ela e pôs sua mão cálida onde antes estava a dela. Seu polegar caloso roçou o mamilo através do tecido. Se sua própria carícia lhe tinha provocado uma sacudida de prazer, a dele fez brotar um poço de desejo, escuro e necessitado. Hugo baixou a cabeça e levou os lábios ao outro mamilo. Seu fôlego era quente e úmido; sua língua repassou a pele escura do mamilo. Serena se entregou à sensação das carícias dele, carícias pequenas, urgentes ainda pelo desejo; a língua e os dentes dele acariciando-a, levando-a ao limite de seu desejo.

—Para — ofegou.

Ele se afastou. Esticou os músculos do braço e se sustentou no lugar.

—Quero suas calças — disse ela.

—Eu quero sua regata.

Serena se deu conta de que tinham deixado de trocar forquilhas e simplesmente lançavam um pedido atrás de outro. Respirou fundo e tirou a regata pela cabeça. Liberou os braços bem a tempo de ver como ele tirava as calças e a roupa interior. Então pôde seguir com a vista a linha escura desenhada em seu ventre até o ninho de cachos do que se projetava sua ereção. Seu pênis era duro e comprido, e tão grosso que os dedos dela apenas se encontrariam se colocava sua mão ao redor.

Provou-o. Sim, seu polegar mal chegava a roçar o dedo indicador. Ele gemeu quando o tocou, mas não se moveu. Lhe acariciou o pênis acima e abaixo, pensando no contraste, suave e quente ao primeiro contato mas duro como o aço quando o apertava. Ele emitiu um ruído da garganta, um pouco parecido a um grunhido, e se agarrou aos lençóis com as mãos, mas não se moveu. Não a beijou nem a tomou em seus braços, limitou-se a fechar os olhos e lhe deixar explorar.

Serena soltou sua ereção e subiu as mãos por seu corpo, pelos músculos do abdômen e a amplitude do peito. Apoiou-as nos ombros dele, ficou de joelhos e o beijou.

Enquanto o beijava, deitou-se agarrada ao corpo dele; apertou o corpo contra a pele cálida e os músculos duros de Hugo.

Ele a beijou com força. A língua dela procurou a sua e ele devolveu carícia por carícia e beijo por beijo. Serena sentiu que se derretia, cada beijo novo atizava um fogo incontrolável que não deixava de crescer. Mas ele ainda não a rodeou com os braços.

Ela fechou a mão de novo ao redor de seu pênis e ele fez um movimento quase espasmódico.

—Ah, querida! —disse em voz baixa e rouca.

A Serena ardia todo o corpo, da cabeça até os pés. Mas apertar-se contra ele não lhe bastava. Necessitava mais... necessitava os braços dele em torno de seu corpo e o corpo dele lhe exigindo mais. Não sabia em que momento sua incerteza se converteu em descaramento.

—Me toque outra vez os peitos — ordenou.

Sua ordem foi menos tímida e a resposta dele, mais segura. Pôr-lhe as mãos na cintura e foi subindo pelas costelas até as colocar sobre os peitos nus. Não os acariciou; inclinou-se para beijar um e depois o outro, primeiro tocando-os só com os lábios e depois com toda a boca, roçando o mamilo com a língua. Serena se sentia muito bem.

Começaram a lhe tremer as coxas e Hugo se sentou na cama e a pôs escarranchada sobre ele. Assim os peitos dela ficaram à altura de sua cara e ele voltou a acariciá-los com a boca. Sua ereção encaixava na união das coxas dela. O desejo dela era já algo mais que um formigamento

na pele. Tinha crescido até alagá-la por completo. Estava molhada entre as coxas. Moveu-se contra ele, esfregando-se contra seu pênis, e o desejo se intensificou.

Outra vez. E outra. Ergueu-se em cima dele para apertar uma vez mais e a cabeça do membro dele se colocou em seu lugar. Serena abriu os olhos para olhá-lo. Tomou uma mão e lhe apertou os dedos.

Não disse nada. Não preissava. Serena sentiu que lhe falhavam as extremidades. Não podia sustentar-se naquela posição.

Soltou-se, e relaxou os músculos que a sustentavam por cima dele. Simplesmente se deixou cair sobre seu pênis. Sentiu-o muito grande dentro, mas não era uma sensação desagradável. Era... prazenteira.

Estava “a salvo”. Era seguro experimentar simplesmente a ereção dele, as tensões de seu próprio corpo e a vibração crescente de seu desejo. Era seguro querer erguer-se sobre os joelhos e tragá-lo inteiro uma vez mais.

Fez olhando-o aos olhos; ele respirou fundo e apertou as mãos dela.

O corpo de Serena sabia o que tinha que fazer sem necessidade de instruções. Um instinto profundo a impulsionou a mover-se contra a pélvis dele, a procurar o ritmo apropriado e a fricção perfeita. Sumiu-se na sensação deles dois juntos, na sutil satisfação que a embargou ao ver a cara dele quando incrementou o ritmo.

—É maravilhosa — grunhiu Hugo.

A paixão aumentou até converter-se em uma pressão imensa que exigia satisfação imediata. Tentou-o uma e outra vez, mas a satisfação não chegava. Quando seu desejo alcançava o limite da frustração, ele deslizou a mão entre suas pernas e a acariciou justo onde o necessitava.

A carícia dele foi certa. O calor que tinha ido acumulando se liberou de repente em um inferno que a tragou da cabeça aos pés. Perdeu de vista tudo o que não fosse o prazer que a embargava.

E então, quando passou o torvelinho, lhe agarrou os quadris e a investiu de baixo, unindo os ecos do prazer dela com o seu. Soltou um grito rouco quando ela se estremecia ainda nas seqüelas do orgasmo.

Depois disso ficaram imóveis sobre a cama. Ele a rodeou com seu braço, quente e reconfortante. Aquilo estava bom; era justo o que ela necessitava.

Hugo lhe pôs uma mão na bochecha.

Foi um momento de união perfeita. Serena entendeu que chamassem “intimidade” a aquilo. Nunca se havia sentido tão próxima a alguém. Seus fôlegos se mesclavam. O corpo dele...

Ela abriu os olhos e o olhou.

Hugo não sorria. Em todo caso, seu olhar era mais intenso que nunca.

—Ver — murmurou—. Agora entenderá por que não queria consumir o matrimônio.

Capítulo 9



SERENA ESTAVA SE SENTIDO muito relaxada contra o peito de Hugo. Mas assim que ele falou, toda a tensão voltou para seu corpo. Ficou tensa e se separou dele.

—Hugo. Isto não tem que ser...

Lhe pôs uma mão nos lábios para que ela não pusesse em palavras seus desejos mais profundos.

—Sim tem.

—Isto significou algo para ti. Algo autêntico.

—Pois claro que sim — ele se sentou e pegou sua mão—. Não vou mentir. Isto entre nós é uma espécie de amor.

Serena exalou o ar. Estava surpreendida.

—Um amor passageiro e de curta vida — explicou ele—. Um entardecer perfeito que se vê uma vez e se recorda para sempre. E nunca se repete.

—Algumas vezes se repete. — ela cravou os dedos nos dele—. Por que não?

—Porque amanhã você irá para sua granja e eu...

—Não tem por que ser assim — O cabelo de Serena caía revoltado sobre os ombros e seus olhos eram muito grandes e cinzas.

Hugo lhe afastou uma mecha do cabelo.

—Não pode ficar comigo — disse com voz dura—. Lembre-se para quem trabalho.

A mulher empalideceu, mas não demorou nem um segundo em subir o queixo.

—Poderia...

—O que? Ir contigo? Suponho que sim. Mas não o farei. Tenho quinhentas libras que esperam o resultado deste assunto com o duque. É a única oportunidade que tem um pugilista como eu de reunir tanto dinheiro. Com isso poderei ser alguém de verdade. Se for contigo...

Serena franziu o cenho.

—Já é alguém — disse.

“Nunca será nada”. Hugo respirou com força.

—Não é suficiente.

—Sim o é, Hugo. Se você...

—Não é suficiente — repetiu ele, sombrio. Separou-se dela e pôs os pés no chão—. Me ouve? Não me basta.

—Que não te basta?

Era uma pergunta razoável.

—Porque é inteligente e triunfador — seguiu ela—, e é um homem bom. O que tem feito com as forquilhas... foi precioso. Me fez ficar calma.

—Isso não é nada — disse ele—. Minha mãe sempre fazia essas coisas comigo. Quando era pequeno, deu-me uma pedra e me disse que, se dormisse com ela debaixo do travesseiro, no dia seguinte não aconteceria nada que não pudesse superar.

Serena, ao seu lado, aspirou o ar com força. Mas não lhe dava vergonha lhe contar a verdade; que tinha sofrido dias que lhe tinham feito duvidar da pedra de sua mãe.

Afastou aquelas lembranças.

—Quando fiquei mais velho, levou um frasco de pepinos japoneses em vinagre ao parque e me disse que o enchesse com todas as coisas mais importantes. Logo o enterrou muito, muito fundo, onde meu pai não pudesse encontrá-lo por muito que o tentasse.

Aquele dia garoava, mas ele quase não sentia a umidade.

“Tem um frasco, mamãe?”.

Ela tinha sorrido e negado com a cabeça.

“Buscaremos-lhe um”.

Tinha seguido sorrindo. Em seguida tinha suspirado.

“Enterrei muitos meninos”, havia dito por fim. “Não penso voltar a enterrar nada importante”.

—Sua mãe deve ser uma grande mulher — disse Serena a seu lado.

—Minha mãe me disse que eu seria alguém — tinha sido um gesto reflexivo de consolo por parte dela, para contradizer as expressões de seu pai.

—Pois possivelmente deveria lhe escutar.

“Pode ser o que quiser”, havia-lhe dito sua mãe uma e outra vez.

“Um homem rico?”, tinha perguntado ele.

“O filho de um mineiro de carvão mais rico de toda a Inglaterra”, tinha-lhe prometido ela.

—Quando fui embora de casa — explicou Hugo—, tinha quatorze anos. Três dias antes tinha entrado pela primeira vez na mina e tinha havido um acidente. Um pequeno afundamento, nada sério, mas fiquei apanhado cinco horas na escuridão sem nada que fazer exceto imaginar que gastava lentamente o ar. Quando saí, prometi que não voltaria — respirou fundo—. Meu pai não esteve de acordo. Rompeu-me o nariz e três costelas com o pau da vassoura. Disse-me que não era o bastante bom, que nunca seria nada.

—Oh, Hugo! — lhe acariciou a bochecha—. Não pode seguir acreditando nisso depois de todos estes anos.

Ele negou com a cabeça.

—Escapei porque minha mãe ficou no meio. O último que lembro é o som de seus gritos quando eu saía pela porta.

Serena lhe passou um braço pela cintura.

—Oh, Hugo! — repetiu.

—Ela morreu umas semanas depois — Hugo quase não podia respirar—. Assim que o que consegui ainda não é suficiente — apertou os punhos—. Não é suficiente para compensar por havê-la deixado. Não vou permitir que ela perdesse tanto por um simples ninguém.

Ao inteirar-se da notícia, tinha voltado ao parque e tinha desenterrado o frasco.

“Serei o filho de um mineiro de carvão mais rico de toda a Inglaterra”, tinha prometido ao cristal. A seguir havia tornado a enterrá-lo onde estava e escondido também todos seus demais desejos em um lugar tão profundo que nem sequer Serena pudesse desenterrá-los.

—E essa é a situação — a atraiu para si com um braço e inalou o doce aroma de seu perfume—. Você não pode ficar e eu não irei. E agora os dois sabem a que estamos renunciando. Não foi uma boa idéia.

Serena soltou o ar.

—Mas estará segura e estará bem — Hugo a beijou na testa—. E bastará com isso.



SERENA ACREDITAVA QUE HUGO MUDARIA DE IDÉIA.

Acreditou pela primeira vez quando ele despertou a seu lado e piscou para situar-se.

Mas não mudou de idéia.

Em seguida disse que voltaria atrás em sua insistência e que a deixaria com a água e o sabão do asseio, ou a barbearia junto com a barba de um dia.

Não foi assim; ele se lavou, barbeou e se vestiu sem alterar sua decisão.

Serena decidiu que mudaria de idéia na carruagem que tinha alugado para levá-la até o pátio da diligência.

Mas nesse percurso disse só umas quantas palavras, só as suficientes para saudar Freddy quando passaram para buscá-la. Os três continuaram em silêncio, com Freddy apertando à correia com tal ferocidade que suas luvas se viam enrugada, embora o veículo se movesse muito pouco.

Quando chegaram, ele não fez nenhum intento por comprar passagem para si mesmo, mas sim se afastou e fingiu estar ocupado com o baú de Serena para que as irmãs falassem a sós.

—Bem — Freddy olhou com receio o pátio da estalagem cheio de gente e franziu o cenho aos cavaleiros —. Suponho que tem que ir ali, não? —terminou a frase com um expressivo suspiro.

—Sim, assim é.

—Sempre foste antinatural — Freddy levou um lenço ao nariz como se pudesse bloquear a presença dos cavalos—. Mas sentirei tua falta. As coisas podem ser bastante aborrecidas quando você não está.

Serena a abraçou.

—Cuide-se —disse.

Freddy lhe devolveu o abraço.

—Sempre o faço. É você a que me preocupa.

Possivelmente Freddy sempre imaginaria a Serena estranha e perturbada, e esta sempre se horrorizaria ao imaginar a sua irmã resguardada em suas acomodações, convertendo-se lentamente em pedra; pois era impossível que alguém convencesse à outra, ou que alguém compreendesse à outra.

Mas sua irmã a tinha acolhido quando Serena mais necessitava. E embora Freddy lhe produzisse dor de estômago, seguiam compartilhando um afeto que tudo o que as separava voltava agridoce. Possivelmente Deus dava irmãs às pessoas para lhe ensinar a amar o inexplicável.

—Te cuide muito — disse Serena—. E vai diretamente para casa, ouve-me? Não fique esperando até que a carruagem se perca de vista.

Freddy aspirou ar audivelmente e não respondeu, mas estava pálida e suarenta.

Serena voltou sua atenção para Hugo.

Sua postura era intimidante. Tinha os braços cruzados para impedir que ela se aproximasse e apertava os lábios com desaprovação. Quase não havia nem rastro do homem que lhe tinha sorrido e tinha feito que se sentisse tão cômoda e tão bem a noite anterior.

—Hugo — disse ela. Até mesmo seu nome soava desnecessariamente formal. Esse seria o momento no que mudaria de idéia, quando o chofer chamava os passageiros a subir a bordo.

—Serena — a voz dele era tão desalentadora como sua postura, mas seus olhos... Ah, seus olhos! Bebiam a imagem dela, como se assim pudessem guardá-la em sua lembrança.

Ele ia dizer. Ia-lhe pedir que não partisse.

Mas em vez de lhe dizer que não podia viver sem ela, disse:

—Adeus.

E antes que Serena pudesse encontrar as palavras certas, as palavras que salvariam a brecha entre os dois e deixaria completo aquele matrimônio incompleto, ele ergueu o baú dela com uma mão e o depositou no porta-malas da carruagem.

—Adeus — repetiu.

Serena subiu ao veículo aturdida, mas negando-se a deixar-se envolver pela confusão. Aquilo não ocorreria. Não podia ocorrer. Sentou-se em um lugar perto da porta para poder ver Hugo. Este se inclinava sobre sua irmã e dizia algo que Serena não podia ouvir pelo ruído de outros passageiros.

Freddy sorriu em resposta.

Seria então. Voltaria-se e a veria. Tinha que fazê-lo. Serena pôs os dedos na maçaneta da porta.

“Não vá”. Seus olhos se encheram de lágrimas. “Não pode ir. Amo-te”.

Foi uma revelação. Não soube de onde tinha saído. Só soube que significava que ele não podia afastar-se. Voltaria-se, veria-a e se daria conta de que ele também a amava.

Mas não foi isso o que aconteceu. Ele não elevou a vista e não a viu. Não a amava. Simplesmente ofereceu o braço a Freddy e os dois se perderam entre a multidão.

E ele desapareceu assim, sem mais.

Capítulo 10



NOS DIAS SEGUINTE à partida de Serena, Hugo lutou por voltar para a normalidade. Não conseguiu. Resultava-lhe quase impossível interessar-se pelos detalhes das finanças do duque. A comida perdeu seu sabor e se via muito frequentemente de pé na janela de seu escritório, sem trabalhar nem pensar, só olhando o banco de ferro vazio da praça.

O terceiro dia decidiu que certamente o distraía não saber como ela estava, e decidiu lhe escrever uma carta simples. Mas quando começou, descobriu que a pluma não lhe obedecia.

“Senhorita Barton”, escreveu.

“Passei o dia como passo habitualmente os dias: ameaçando a fornecedores, acoassando a aqueles que não respondem a minhas expectativas e geralmente criando o caos nas vidas de outros. A praça em frente está vazia de tudo exceto de pombas. Descubro-me as odiando.

Deteve-se e olhou o papel. Muito revelador. Muito amistoso. E o pior de tudo... tinha cometido um engano importante na saudação. Enrugou o papel, jogou-o no cesto de papéis e voltou a começar.

“Senhora Marshall”, escreveu, e lhe produziu uma satisfação sombria chamá-la com seu sobrenome. “Espero que esteja bem instalada em seu novo lar e que tudo resulte satisfatório. Por favor, se algo não estiver como deveria, comunique-me isso e me ocuparei de tudo”.

Suspirou. Selou a carta e, antes que tivesse tempo de arrepender-se, fez com que fosse enviada ao correio.

Nos dias seguintes procurou não pensar nela, mas isso era como tentar não pensar em elefantes. É impossível nos dizer que não pensemos em elefantes sem trazer para a mente a esses grandes animais cinza.

A resposta dela chegou alguns dias depois.

“Senhor Marshall. Minha nova casa é tudo o que tinha esperado. Tudo está a meu gosto. Não há nada que esteja ruim. Muito obrigado por seu interesse”.

Hugo olhou aquelas palavras com frustração. Ali não havia nada ao que responder, nada que pudesse revelar seus sentimentos perturbadores, nem perguntas que pudesse fazer sem dar a entender sentimentos que era melhor não expressar.

Casaram-se e tinha escolhido viver sem ela. Qualquer outra coisa que pudesse comunicar só serviria para fazer mais mal aos dois. O melhor para todos seria manter uma correspondência superficial, uma carta mensal só para ver como ela se encontrava.

E, entretanto, quando saiu aquela tarde do trabalho, não foi diretamente a sua casa, mas sim se encontrou vagabundeando pelas ruas. Em qualquer lugar que olhasse via casais. Maridos e mulheres sentados em carruagens abertas; casais de noivos que trocavam olhares de flerte. Todo mundo lado a lado como as pombas no frio outonal. Ele era o único que estava sozinho.

Antes nunca tinha se importado. Não era um homem que desfrutasse do que não tinha. Mas lhe era mais fácil pensar em Serena, que já não estava em sua vida, que no duque de Clermont, que sim o estava.

Surpreendeu-se diante de uma loja, contemplando um xale de cor azul céu e perguntando-se como ficaria sobre a pele de Serena. E depois, atônito, entrou e comprou-o. Olhou-se a si mesmo confuso. De verdade tinha chegado aquele ponto?

Quando por fim chegou a sua casa, já noite, sentou-se em seu escritório e molhou a pluma no tinteiro.

“Senhora Marshall,” escreveu. “Alegra-me que esteja contente com sua nova casa e que tudo vá de acordo com suas esperanças. Por favor, aceite meus melhores desejos por sua felicidade”.

Não enviou o xale. Não lhe ocorreu um modo de fazê-lo. Confessar que pensava nela? Isso teria sido o cúmulo da estupidez. A última coisa que precisava era confundi-la lhe fazendo acreditar que podia ser um marido correto. Não seria amável criar falsas esperanças a ela, nem tampouco a si mesmo.

Mas possivelmente ela o captou de todos os modos, porque alguns dias depois recebeu sua resposta.

“Senhor Marshall, alegro-me que lhe alegre que esteja contente com minha nova casa. Posso predizer o tema de sua próxima carta? Que lhe alegre que me alegre que você se alegre, etcétera.

Acabo de nos economizar muito em selos e uma conversa incômoda. Se seguirmos assim, nos acabará rapidamente a tinta. E por isso vou dizer isto o mais simplesmente que possa, sem insinuar que espero nada mais de você. Alegro-me, me alegro muito, de ter tido aquela noite com você. Há momentos escuros de noite em que imagino que me rodeia com seus braços. Apesar de que se declare desumano, foi você minha estrela guia. Não finjamos que não significamos nada um para o outro. Possivelmente não sejamos marido e mulher no verdadeiro sentido da palavra, mas fomos amigos e fomos amantes e espero que sigamos sendo amigos”.

Em Hugo doíam os pulmões quando leu isso. Em realidade lhe doía todo o corpo, dos dedos dos pés até o coração.

À manhã seguinte gastou uma grande soma em enviar o xale a New Shaling, junto com uma nota. *“Comprei isto faz alguns dias. Fez-me pensar em você”*.

Seus dias passavam na rotina. Tudo começava a encaixar em seu lugar. Tinha recebido uma mensagem do duque, onde indicava que tinha conseguido suavizar as coisas com sua teimosa esposa. Os investimentos partiam bem. Em três meses mais, uma vez assegurado o dinheiro da duquesa, teria conseguido ganhar para o duque mais de mil libras... mais de cinco mil libras... e ganharia sua aposta. A partir daí, começaria a expandir seu império.

O problema era que já não punha o coração nisso. Tinha centrado toda sua vida em chegar a algo, pensando que assim silenciaria um dia a voz de seu pai.

Essa noite voltou a lhe escrever, antes de ter notícias dela sobre o xale.

“Pode me chamar seu amigo se quiser, mas eu penso em ti quando me acaricio. Segundo minhas informações, isso implica sentimentos que são, decididamente, mais que amistosos. Isso te horroriza?”.

Esperou vários dias a resposta. Quando por fim chegou, leu-a imediatamente.

“Senhor, sou uma mulher respeitavelmente casada. Não posso expressar com palavras o horror e a repulsão que me produziu ler os sentimentos que comunicou”.

Hugo ergueu a cabeça da carta. Mas esta não tinha terminado, e um traço masoquista lhe obrigou a continuar.

“Sua carta só serve para sublinhar minhas carências. Depois de tudo, como esposa, é meu dever ser eu quem faz essas carícias, não?”.

Hugo teve que reprimir-se para não partir imediatamente para New Shaling.



A CASA ESTAVA EMPOLVOROSA COM OS PREPARATIVOS para a volta do duque. Hugo não conseguia interessar-se por eles. Apenas conseguia incomodar-se em repassar as contas mais básicas; não queria pensar no futuro.

A culpa de tudo isso era de Clermont. Esses últimos meses lhe tinham roubado sua certeza. E o que lhe tinha dado Serena...

Moveu a cabeça. Isso não importava. Só faltavam alguns meses. Se conseguir suportá-los, ganharia a aposta, cobraria seu dinheiro e não voltaria a ver o duque.

Ouviu que a carruagem se detinha abaixo. Todos os outros serventes teriam descido para receber ao amo; Hugo permaneceu em seu escritório, revisando faturas e pagamentos, e informe de propriedades. Resultava irônico que, agora que tinha deixado de esmerar-se, tudo estivesse prosperando. Os navios chegavam antes de tempo com carga que era muito mais valiosa do que havia no outro lado do extremo. O preço do trigo subia, e o da lã subia ainda mais.

Quase parecia que o universo inteiro queria recompensá-lo. Se a sorte se mantinha quando comesse a investir seu próprio dinheiro, seria rico aos quarenta anos. Teria serventes e propriedades. Derrotaria à voz escura de seu interior à força de lucros. Possivelmente em dez anos pudesse fazer uma visita a New Shaling e ver se conseguia reavivar a chama...

Não. Não. Não podia pensar nisso.

O duque demorou horas em se recuperar da viagem. Em comer e lavar-se, ou o que queira que fizessem os duques depois de reconquistar a sua esposa fugida. Hugo seguia sentado em seu escritório esperando que aparecesse Clermont. Não sabia se queria lhe jogar na cara suas mentiras ou se preferia que se mantivesse afastado para não ter que vê-lo.

Ao final, o duque de Clermont entrou em seu escritório.

Não tinha mudado. Seguia sendo um homem grande e forte. Não estava mais gordo nem seus olhos eram menores. E, entretanto, a primeira coisa que pensou Hugo foi que parecia cem vezes mais vil.

—Vejo que a governanta se foi — disse o duque, corajoso—. E a duquesa voltou e, dentro de alguns meses, se tudo for bem, receberei outro pagamento da custódia.

—Sim — repôs Hugo com voz tensa—. Bom.

Mas o duque estava de bom humor.

—O que acha que devo comprar primeiro? —perguntou—. Cavalos? Ou uma amante?

Hugo não podia acreditar que seguisse falando assim depois do que tinha ocorrido.

—Tenho uma idéia melhor — propôs—. Pode fazer uma viagem.

—Uma viagem? Essa é uma idéia soberba para fugir de minha esposa. A Brighton, possivelmente? Ou a França?

—Nenhuma das duas — repôs Hugo—. Estava pensando que se podia ir ao inferno.

Ele não amaldiçoava nunca. E, entretanto, não lamentava suas palavras. Em seu peito pulsava uma sensação feroz de senso de moral, ao lado de seu despertado coração.

Um silêncio seguiu a suas palavras. Clermont o olhou com incredulidade e moveu lentamente a cabeça.

—Não acredito que... — explorou—. Não acredito que deva me falar desse modo.

Hugo ficou em pé. Não era mais alto que o duque, mas este retrocedeu um passo.

—Você me disse que queria que arrumasse um assunto de emprego. “Um assunto de emprego”. Tem idéia do que poderia lhe haver feito?

—Vamos, vamos, Marshall. Agora não me vais dizer que tem consciência, verdade? — Clermont fez uma careta—. É muita pouco apropriada, e levo três semanas ouvindo falar com Sua Excelência de amor e de moral. Dói-me a cabeça de assentir a essas tolices. Levo muitos dias ouvindo sermões. Será que não vão terminar nunca?

Hugo apertou os dentes. Se queria as quinhentas libras, tinha que trabalhar alguns meses mais com aquele homem. Tinha que fazê-lo.

Apertou os punhos e se virou.

Sua indignidade tinha deslizado debaixo da sua pele até que tinha terminado por acreditá-la. Via mentalmente a silhueta de seu pai inclinando-se sobre ele e sentia o peso sólido da vassoura lhe quebrando as costelas.

“Nunca será nada, maldito bastardo inútil”.

—Olhe — disse Clermont detrás dele—. Sou uma pessoa melhor. Eu te perdôo por esse comentário pouco amável, você me perdoa por minha mentira e estamos em paz, não?

Hugo nunca tinha podido tirar essas palavras da cabeça. A intervenção de sua mãe as tinha enterrado profundamente em sua carne, tão fundo que não podia as tocar.

“Nunca será nada”.

E devido a isso ia se afastar da mulher que amava?

Não.

Toda a lógica do mundo não podia nada frente a um fato: que não podia suportar por mais tempo a presença de Clermont.

—Não estamos em paz — disse com uma calma surpreendente. Virou-se.

Clermont o olhava com seus olhos azuis gelados... claros e, entretanto, muito confundidos.

—Não estamos nem remotamente em paz. Diga-me o que lhe fez. Admita-o em voz alta, covarde.

Clermont lambeu os lábios, confuso.

—Ela o quis.

Hugo o agarrou pelo pescoço da camisa.

—A verdade, Clermont.

—Ela estava tão quente como...

Hugo o golpeou no estômago. Não usou muita força, mas Clermont, ao que provavelmente não tinham batido nunca em sua vida, ficou verde. Havia momentos para sutilezas e havia momentos para reprimir a fúria; mas Hugo não via sentido em fazer nada disso aquele dia.

—A verdade, Clermont, ou a próxima vez lhe quebro os ossos com minhas próprias mãos.

—Estava aborrecido — choramingou o duque—. E ela era o mais próximo a uma mulher que havia por ali. Que mal havia nisso?

Hugo voltou a lhe bater.

—Porque isso? Agora disse a verdade!

—Não foi pelo que disse, foi pelo que fez — Hugo o soltou, mas só o tempo suficiente para tomar um pedaço de papel e uma pluma e os pôr diante dele—. Quero que admita isso por escrito.

—Por escrito? Mas...

—Por escrito — insistiu Hugo—. Quero que escreva que a forçou e que, como reparação por seu crime, aceita enviar a seu filho a Eton... ou apresentar em sociedade a sua filha.

—Mas...

—Faça-o — disse Hugo com voz ameaçadora—. E deixe de choramingar, bufão inútil. Pense por um momento no que sei de você, no que poderia lhe fazer. Você sabe melhor que ninguém do que sou capaz. Estou sendo muito brando com você. Se mantiver sua parte do trato, este papel jamais se fará público. Se não...

Podia ver o duque fazendo todo tipo de cálculos sórdidos. Se a duquesa se inteirasse... depois de tudo, havia quarenta mil libras em jogo. Hugo imaginou que o duque, com sua covardia habitual, pensava que possivelmente podia manter aquilo em segredo o tempo suficiente para enganar a sua esposa e garantir seus recursos durante anos.

O duque assentiu, tomou o papel e escreveu sua confissão. Quando terminou, Hugo secou cuidadosamente a tinta com mata-borrão e dobrou o papel pela metade.

—Se acha que vou honrar nossa aposta depois disto... — lhe ameaçou o duque.

Hugo avançou para a porta.

—Não me cabe dúvida de que não — disse com frieza—. Mas, por outro lado, já não terá necessidade de honrar a aposta.

—E isso por quê?

Hugo lhe dedicou um último sorriso tolo e acenou o papel no ar.

—Porque você teria que ter recursos para que eu ganhasse a aposta. Prometi que não faria público este papel, mas não prometi não mostrar-lhe a Sua Excelência a duquesa. Acredito que já menti a muitas mulheres.

O duque o olhou com medo nos olhos.

—OH, Deus! Espera. Marshall!

Mas Hugo já tinha cruzado a porta.

Capítulo 11



NO FINAL, HUGO NÃO PÔDE DECIDIR-SE a ir diretamente a New Shaling. Embora isso acrescentasse uma semana a sua viagem, primeiro foi ao norte, ao lugar de seu nascimento, e procurou nos arquivos da paróquia.

Seu pai tinha morrido quase uma década atrás, mas Hugo não se incomodou em averiguar onde o tinham enterrado. Era melhor esquecê-lo. Já tinha prolongado muito tempo sua lembrança.

Visitou o parque onde tinha enterrado o frasco. Mas quinze anos depois, não encontrou outra coisa que partes de cristal e raízes de árvore. Muito apropriado.

Sim procurou uma lápide que não tinha nada escrito fora de uma igreja pequena e arrancou as ervas daninhas da tumba de sua mãe, uma mulher que tinha entendido o que era a vida muitos anos atrás. Enterrar aos mortos e cuidar dos vivos.

Quanto aos vivos... Três de suas irmãs tinham sobrevivido e chegado à idade adulta. Delas duas foram para América e a terceira tinha desaparecido. Hugo era o único dos dezesseis filhos que seguia ali. Tinha conduzido todos esses anos sua ambição como uma carga pesada. Grande engano. Tinha recebido um presente enorme e não tinha intenção de esbanjá-lo. Embora as árvores tivessem perdido todas suas folhas e as geadas começavam a morder os campos, tinha a sensação de que tivesse chegado a primavera.

A carruagem que o levou a Cambridge se anunciava como rápida, mas lhe pareceu que a viagem se prolongava interminavelmente. Uma carruagem o levou o resto do caminho até a propriedade de Serena.

A granja era pequena, apenas dois acres. Hugo tinha visto o mapa e os limites quando tinha ajudado a Serena a completar o arrendamento, mas era a primeira vez que via a propriedade em pessoa. Ficou um pouco atrás no caminho pensando como seria recebido. Havia um só campo de um lado, plantado nesse momento com trigo de inverno. Mas desenhou em sua mente as melhorias que tinha comentado ela que acrescentaria: um abrigo onde pudesse isolar-se a extrair a essência de lavanda, um galinheiro com um bando de galinhas, e um horta onde estava a erva daninha atrás da casa.

Abriu-se a porta e Serena caminhou com rapidez até o poço que havia no lado direito da propriedade. Notava-lhe já a barriga, que resultava evidente em seu modo de mover-se e na leve curva de seu estômago. Hugo conteve o fôlego.

Havia perdido tanto.

A mulher jogou o balde no poço e começou a puxar a corda que subia. Levava um xale de cor azul céu cujos extremos se moviam com a brisa.

Hugo avançou lentamente até ela e se aproximou por trás.

—Bonito xale — comentou.

Serena lançou um grito e soltou a corda; ouviu-se um esguicho quando o balde caiu até o fundo do poço.

—Santo céu! — disse ela—. Hugo. O que faz aqui?

Ele a olhou nos olhos.

—Você o que acha?

—Acredito...

—Vim te assustar — disse ele.

Estreitou-a contra si porque já não podia esperar mais. Sentiu-a cálida e suave em seu abraço e notou que cheirava muito bem. Poderia passar horas inalando seu aroma.

—Hugo...

Ele não queria falar. Não queria responder perguntas. Não sabia quem era, o que queria nem que sonhos acabariam por encher seu coração. Só sabia que, se não podia tê-la, nada voltaria a estar bem. Beijou-a. Saboreou-a, doce e firme contra ele, pôr-lhe a mão na parte baixa das costas e a atraiu para si.

Serena lhe devolveu o beijo.

—Amo-te — disse ele. A verdade criou raízes em seu interior. As palavras escuras de seu passado retrocederam pela primeira vez em anos.

—Mas Hugo...

Ele colocou um dedo em seus lábios.

—Deixe-me terminar — pediu—. Acreditava que tinha que provar meu valor com dinheiro e lucros. Mas isso nunca provaria nada. Nunca seriam suficientes. Quero ser alguém. Deixe-me ser seu marido. Deixe-me ser o pai de seu filho, de todos os seus filhos. Isso me dá mais satisfação que golpear Clermont ou do que me teria dado todo o êxito que tivesse podido encontrar nos negócios.

Ela se afastou um pouco.

—Bateu em Clermont?

—Duas vezes. E isso me recorda que o chantageei para que promettesse enviar a seu filho a Eton —Hugo a estreitou com mais força—. Nunca pretendi ser um bom homem, mas sim sou... sim sou teu —baixou a cabeça para a dela.

O fôlego de Serena lhe esquentou o rosto.

—Bateu-lhe forte?

—Temo que sim.

—Esse é meu Hugo! —a voz dela brilhava de satisfação—. Te amo, sabe? Se não tivesse vindo, pensava ir te buscar assim que chegasse o inverno e o chão ficasse muito duro para trabalhar nele.

—Pois me alegra ter recuperado o bom senso — disse Hugo—. Você não deveria viajar em seu estado. Mas a curiosidade me obriga a lhe perguntar isso. O que pensava fazer quando chegasse?

—Me permita demonstrar isso - ela ergueu o rosto para ele e riscou a linha de sua mandíbula com os dedos—. Isto — o beijou do lado da boca—. E isto — lhe beijou o outro lado—. E...

Beijou-o nos lábios. Os seus eram suaves e sabiam a todas as coisas que ele mais tinha desejado.

—Faria isso — sussurrou—, até que fosse obrigado a confessar que me amava.

—Amo-te.

—Isso não tem graça — ela voltou a beijá-lo—. Que desculpa tenho agora?

Hugo inalou trêmulo e a apertou com mais força.

—Pode me obrigar a repeti-lo — sussurrou—. Fazer que lhe diga isso sempre. Me obrigar a dizê-lo tanto que nunca tenha motivo para duvidá-lo. Amo-te.

Seqüelas e princípios



Eton, quase doze anos depois.

—“A paz dormirá em territórios de turcos e infiéis, e enquanto isso estas tumultuosas guerras assolarão aqui famílias irmãs...”.

Robert Blaisdell, de onze anos, marquês de Waring e herdeiro do duque de Clermont, ergueu a vista de seu assento na janela. Sebastian Malheur, seu primo, deixou de ler em voz alta a Shakespeare e olhou o livro com o cenho franzido.

—O que significa “tumultuosas”?

Pela cabeça de Robert passou, não uma definição a não ser uma série de ruídos: o som da porcelana da China se chocando contra a parede; os gritos de seu pai, cujas palavras não resultavam inteligíveis através das paredes mas cuja intenção estava clara. “Tumultuoso” significava o ruído de uma portada e os soluços calados de sua mãe. Mas, sobre tudo, era o longo silêncio que seguia, pois os serventes não se atreviam a falar por não atrair a atenção sobre si mesmos e Robert continha o fôlego com a esperança de que, se ficasse muito calado e fosse muito bom, possivelmente não voltasse a acontecer.

—Tumultuoso —disse— significa quebrado em pedaços.

Sebastian enrugou o nariz.

—Isso não tem sentido. Como vai estar uma guerra quebrada e em pedaços?

Um grito que soou no pátio de baixo, seguido de um grande clamor, liberou Robert de responder. Outros meninos que estudavam na biblioteca, quatro no total, deixaram encantados seus livros para aproximar-se das janelas e observar a briga.

No pátio se reuniu uma multidão, uma mescla de meninos de todas as idades formavam um círculo ao redor de outro menino. Enquanto Robert olhava, um menino maior o agarrou pelo pescoço da camisa e outro o golpeou.

—Alguém deveria parar isso — disse Sebastian.

Esse “alguém” teria que ser Robert, pois era ele quem estava acostumado a deter essas brigas; era o que faria um cavalheiro andante e, embora jamais o admitisse diante de ninguém, Robert gostava de imaginar-se como tal.

—Quem é? —acrescentou Sebastian, olhando os meninos de baixo—. É novo?

—Sim. É do primeiro — disse outro menino—. Um bolsista.

—Ah! —interveio um dos mais velhos—. Um aluno com bolsa de estudos. Não sente é de admirar. Quem são seus pais?

—Acredito que são agricultores. Ou fabricantes de sabão.

Caretas de desprezo acolheram essas palavras, mas Robert esfregou as mãos na roupa e se incorporou. Depois de tudo, os cavalheiros protegiam aos fracos.

—Pior ainda — continuou o menino mais velho—. Davenant lhe perguntou quem era seu pai e respondeu: “Hugo Marshall”. Davenant lhe disse que não tinha ouvido falar dele e o pequeno lhe respondeu: “Não importa; de todos os modos é melhor homem que seu pai”.

Robert ficou imóvel no lugar.

Sebastian não se moveu da janela, mas o mais velho fez uma careta.

—Tem coragem, isso certamente. Infelizmente, não está tão claro que tenha cérebro.

A mente de Robert nublou. Apoiou as gemas dos dedos no cristal e voltou a olhar para baixo.

—Quem disse que era seu pai?

—Hugo Marshall.

Robert tinha ouvido antes esse nome. Tinha-o ouvido alguns anos atrás, depois de que outra horrível briga terminasse em uma cruel separação. Nessa ocasião tinha sido sua mãe a que tinha saído da casa dando portadas e ordenando que preparassem carruagens; seu pai ficou mal-humorado no estúdio.

Robert tinha entrado na estadia e, criando coragem, tinha perguntado:

—Pai, por que mamãe está sempre triste?

“Triste” não era a palavra exata, mas então ainda não tinha aprendido “tumulosa”.

Seu pai tinha esvaziado sua taça de álcool e tinha olhado para o teto.

—A culpa é de Hugo Marshall — havia dito depois de um momento—. Hugo Marshall tem a culpa de tudo.

Robert não tinha sabido o que pensar disso. Ao final se aventurou a perguntar:

—Hugo Marshall é um vilão?

—Sim — tinha respondido seu pai com uma risada amarga—. É um vilão. Um trapaceiro. Um cão. Um maldito bastardo.

Aquele “maldito bastardo” tinha um filho e naquele momento estava rodeado por outros meninos. Na estadia de acima, todos os meninos olharam para Robert. A biblioteca lhe pareceu muito pequena e o ar muito quente.

—Não me diga que sabe quem é esse Hugo Marshall — disse o menino mais velho.

—Não tenho nem idéia — era a primeira vez em muito tempo que Robert dizia uma mentira—. É a primeira vez que ouço seu nome — se apressou a acrescentar, com a esperança de que não o delatassem suas bochechas ruborizadas.

Um formoso dia do verão, posterior a essa conversa com seu pai, Robert tinha caminhado pelos prados brandindo uma vara como se fosse uma espada e desafiando a duelo às margaridas. Às vezes se imaginava lutando com dragões, mas normalmente brigava com vilãos, trapaceiros e cães chamados Hugo Marshall. Quando o derrotava, e sir Robert sempre vencia a seus vilãos, levava a maldito bastardo a sua casa, amarrado e tremendo, e jogava o cão aos pés de sua mãe.

Depois disso, todos viviam felizes e comiam perdizes. Não havia mais gritos, mais silêncios nem mais separações.

—Paramos-os? —perguntou Sebastian.

Três meninos mais olhavam para Robert. Este admitia que fosse possível que o olhassem porque era o único herdeiro de um duque que havia em Eton. Ou possivelmente fosse por seus olhos azuis claros que tinha herdado de seu pai, e que tinha descoberto que punham nervosos a outros meninos se os olhava fixamente. Mas a razão mais provável de que o olhassem, ou isso se dizia ele, era que percebiam que era um cavalheiro andante inato, e portanto de moral superior e digno de ser seu líder.

—Não — disse—. O encorajaremos. Esse menino acha que é superior a nós. Quando o expulsarem, dará-se conta de que não o é.

A seu lado, Sebastian franziu o cenho, perplexo.

Robert se voltou com rapidez.

—Não tem nada que objetar, verdade, Malheux?

—Não —respondeu sua primo depois de uma longa pausa—. Nada absolutamente.



ROBERT SE ESFORÇAVA POR ESQUIVAR de Marshall tudo o que podia. Não era difícil; ele levava já tempo em Eton e o outro acabava de começar. Normalmente, um menino recém-chegado passava pela ronda habitual de brigas enquanto todos averiguavam onde se encaixava. Uma vez que encontrava seu lugar na rodada pirâmide, podia conservá-lo com um mínimo de problemas e apenas um olho arroxado de vez em quando.

Mas Marshall não tinha lugar em Eton. Robert estava decidido a que fosse assim. Fazia um comentário casual sobre sua jaqueta e alguém lhe quebrava um ovo em cima. Comentava o divertido que seria que o filho de um fabricante de sabão tivesse que banhar-se com porcaria e em seguida lhe trocavam a pastilha de sabão por partes de barro.

Não esperava que Marshall notasse que ele, Robert, era o instigador de seus problemas. E se surpreendeu ainda mais quando o menino começou a contra tacar como o cão sem maneiras que era. Marshall começou a criar insultos sarcásticos em latim, o bastante inteligentes para que outros meninos rissem dissimuladamente. E depois do incidente do barro, “alguém” penetrou no quarto de Robert e roubou toda sua roupa interior. Encontrou-a na despensa, dentro de um barril de pickles, molhada, fria e salgada. Nenhuma lavagem poderia matar o aroma de vinagre.

Aquilo era ir muito longe. Robert compreendeu então que teria que enfrentar-se diretamente com ele.

Encontrou-o contra a parede de pedra do campo de críquete. Robert não era o primeiro em brigar com ele; quando chegou ali, o menino tinha as costas contra a parede, tinha deixado as lentes alguns pés atrás dele e tinha os punhos elevados.

—Vamos, covardes! —dizia—. Três contra um não é o bastante bom para vocês?

Era a primeira vez que Robert o via de perto. Seu cabelo era de um tom laranja claro, sua pele pálida e sardenta. Uma grande mancha avermelhada rodeava um de seus olhos; no dia seguinte estaria arroxeadado. Cuspiu saliva rosa e girou um pouco para olhar a seus atacantes. Então viu Robert.

—Falando de covardes... — disse.

—Eu não sou covarde — Robert arregaçou as mangas e se adiantou—. Te desafio a que volte a me chamar covarde. Não sabe quem sou?

Todos outros retrocederam para lhes deixar espaço. Robert deu voltas em torno do outro com os punhos em alto. E então notou algo curioso. Os olhos do Marshall eram azuis... de um tom azul gelo.

Um tom azul gelo familiar. Robert via alguns olhos iguais todos os dias no espelho.

—Sei quem é — disse Marshall com desdém—. É meu irmão.

Robert sentiu então todo seu mundo de cabeça para baixo. Não havia outro modo de descrever o que acabava de ocorrer. As palavras do outro menino o golpearam com a força de um canhão, esmagando todas as certezas que tinha tido até esse momento.

—Não pode ser meu irmão.

Mas recordou claramente o choque da porcelana da China nas paredes e os gritos de sua mãe. “Libertino”, “mulherengo”.

“Libertino”. Marshall tinha os olhos de Robert. Tinha os olhos de seu pai.

Marshall aspirou audivelmente o ar e limpou o nariz.

—Seus pais não lhe contam nada?

—Não!

Robert não sabia se a palavra era uma resposta ou uma negação. E o outro menino falava com muita naturalidade, como se “seus pais” fossem uma unidade e se sentassem a ter uma conversa com ele.

A cabeça de Robert dava voltas.

—Como pode ser meu irmão se seu pai é Hugo Marshall?

O outro menino cuspiu uma vez mais e não respondeu.

Não era necessário. Robert tinha só uma leve idéia do que implicava ser “libertino”. Jogar por dinheiro, beber e fecundar a moças cabeças-de-vento. Nunca lhe tinha ocorrido pensar na possibilidade de que essas moças que ficavam prenhes acabassem tendo filhos.

O outro menino simplesmente encolheu os ombros.

Quinhentos dias jogando sozinho no prado e tinha um irmão? Não eram só seus pais os que ficavam mal ali; ele, Robert, também. Pensou no sabão trocado por barro, nas brigas, no olho de Marshall, que ao dia seguinte estaria negro.

Pensou nos três meninos que lutavam com ele a sua chegada. Faziam algo pouco cavalheiresco porque ele, Robert, tinha-os animados.

Embora aquele menino não fosse seu irmão, ele, Robert, era o vilão daquela obra. E se Marshall dizia a verdade...

Robert era o trapaceiro, o cão, o maldito bastardo. Nada teria um final feliz. A menos que...

Algumas decisões não eram nada difíceis.

—Me pegue — disse com urgência, o bastante baixo para que não o ouvissem os outros meninos—. Me bata com força.

Marshall não vacilou. Adiantou-se e estrelou o punho no nariz de Robert. Este não teve que fingir que caía; suas pernas se dobraram sozinhas. Quando se levantou do chão, sangrava pelo nariz. Limpou-se com a manga.

—De verdade não sabia? — perguntou Marshall.

Tinha-lhe pego com a mão esquerda.

—Pode pegar mais forte com a direita? — perguntou Robert.

Marshall ergueu o queixo.

—Posso pegar forte com as duas.

—Porque eu também sou canhoto. Acaba de me atirar ao chão e o admiti. Depois disso, acredito que já não lhe incomodarão mais — balbuciou Robert. Estendeu com cuidado a mão esquerda—. Paz?

O outro o olhou um momento. Em seguida estendeu a sua vez a mão esquerda.

—Paz — assentiu—. Mas se romper a paz, eu romperei a ti.

—Vá! —disse Sebastian, adiantando-se para eles—. Isto prometer ser interessante.

A guerra da duquesa: Capítulo 1



Leicester, novembro de 1863

ROBERT BLAISDELL, NONO DUQUE DE CLERMONT, não se escondia.

Era certo que tinha subido à biblioteca da Casa do Conselho, que tinha se afastado o bastante da multidão de baixo para que o ruído se convertesse em um retumbar distante. E era certo que não havia ninguém mais por ali. E que estava de pé detrás de grossos cortinados de veludo azul cinzento que o ocultavam dos olhares curiosos. Como também era certo que, para chegar ali, tinha tido que mover o velho sofá de couro marrom.

Mas não tinha feito tudo isso para esconder-se, mas sim porque, e isso era um ponto chave em seu trem de pensamento lógico, naquela sala centenária de madeira e gesso, só se abria uma das folhas da janela e causalmente era a que ficava escondida atrás do sofá.

Ali estava, pois, cigarro na mão, com a fumaça elevando-se no frio ar outonal. Não se escondia, só tentava preservar da fumaça os livros antigos.

Uma desculpa que possivelmente teria acreditado ele mesmo... se tivesse sido fumante.

Através do cristal velho podia distinguir a pedra obscurecida da igreja situada justo em frente. A luz da luz lançava sombras imóveis sobre o pavimento. Alguém tinha empilhado um montão de folhetos contra a porta, mas a brisa outonal os tinha espalhados na rua e os jogado nas poças.

Aquilo era um desastre. Um condenado desastre. Robert sorriu e golpeou o extremo do cigarro contra a janela, com o que lançou cinza para as pedras abaixo.

O fraco rangido de uma porta ao abrir o sobressaltou. Voltou-se para ouvir o conseguinte gemido das pranchas de madeira do chão. Alguém tinha subido as escadas e tinha entrado na biblioteca. Os passos eram ligeiros... de mulher, possivelmente, ou de menino. Também eram estranhamente hesitantes. A maioria das pessoas que subia à biblioteca em meio de uma noite musical tinha um motivo para fazê-lo. Um encontro clandestino, talvez, ou procurar um parente perdido.

Desde seu lugar privilegiado detrás das cortinas, Robert podia ver só uma parte da sala. A pessoa em questão se aproximou mais, com passos ainda vacilantes. Não podia vê-la, mas a ouvia deter-se frequentemente para examinar o que a rodeava.

Não chamava ninguém nem fazia uma busca decidida. Não parecia que procurasse um amante escondido. Andou ao redor da sala .

Robert demorou meio minuto em dar-se conta de que tinha esperado muito para anunciar sua presença.

—Ah! —podia dizer—. Estava admirando o elenco. Está muito bem colocado neste lado, não lhe parece?

A mulher, pois Robert estava seguro de que era uma mulher, pensaria que era um louco. E até o momento, ninguém tinha chegado ainda a essa conclusão. Assim, em vez de falar, atirou o cigarro pela janela e este caiu com a ponta laranja brilhante para o chão até que aterrissou em um atoleiro e se apagou.

O único que via da sala era meia estante de livros, a parte traseira do sofá, e ao lado uma mesa com um jogo de xadrez em cima. O jogo estava começado. Pelo pouco que recordava Robert das regras, estavam ganhando as negras. A visitante se aproximou e Robert se aproximou mais à janela.

Ela entrou em seu campo de visão.

Não era uma das jovens às que tinha visto antes no atestado salão. Essas eram todas belezas que esperavam que se fixasse nelas. E a visitante, quem quer que fosse, não era uma beleza. Levava o cabelo moreno recolhido em um coque sério na nuca. Seus lábios eram finos; e seu nariz, afiado e um pouco longo. Levava um vestido azul escuro com cós de cor marfim, sem encaixes nem laços, só tecido singelo. Até o corte do vestido parecia severo: uma cintura tão apertada que Robert não sabia como podia respirar e umas mangas que caíam dos ombros até os pulsos sem que lhes sobrasse nem uma parte de tecido de adorno que suavizasse a imagem.

Não viu Robert detrás da cortina. Tinha inclinado a cabeça para um lado e contemplava o jogo de xadrez com a mesma expressão com a que um membro da Liga da Moderação olharia uma garrafa de brandy, como se fosse um diabo ao que terei que espantar com orações e hinos. Ou, em seu defeito, com a lei marcial.

A mulher adiantou um passo e depois outro. A seguir colocou a mão na bolsinha de seda que pendurava em seu pulso e tirou um par de óculos.

As lentes deveriam ter acentuado seu ar severo, mas produziram o efeito contrário, suavizaram seu olhar.

Robert a tinha julgado mal. A mulher não apertava os olhos com desdém, os entrecerrava para ver melhor. Não era severidade o que via em seu olhar a não ser um pouco muito distinto, algo que não conseguia identificar de tudo. Ela pegou um cavalo negro do tabuleiro e o virou na mão uma e outra vez. Robert não via nada na peça que merecesse tanta atenção. Era de madeira sólida, sem nada especial. Entretanto, ela a estudava com olhos grandes e luminosos.

Em seguida, inexplicavelmente, a levou aos lábios e a beijou.

Robert a olhou petrificado. Quase tinha a sensação de interromper um encontro amoroso entre uma mulher e seu amante. Aquela mulher tinha segredos e não queria compartilhá-los.

A porta da sala voltou a ranger de novo.

A mulher abriu muito os olhos como com medo. Olhou frenética a seu redor e se lançou por cima do sofá; em sua pressa por esconder-se, aterrissou no chão a dois pés de distância de Robert. Não o viu nem sequer então. Fez-se uma bola, envolvendo o vestido ao redor de seu corpo detrás da barreira do sofá. Sua respiração era ofegante e superficial.

Menos mal que Robert tinha movido o sofá ou a mulher jamais teria conseguido esconder detrás aquele vestido e a ela!

Seguia apertando o cavalo na mão; empurrou-o com violência debaixo do sofá.

Nessa ocasião se ouviram passos pesados na estadia.

—Minnie? —chamou uma voz de homem—. Senhorita Pursling? Está aqui?

Ela enrugou o nariz e se apertou contra a parede. Não respondeu.

—Uau! —disse outra voz que Robert não reconheceu. Uma voz jovem e algo pastosa pela bebida—. Não invejo a essa mulher.

—Não fale mal de minha quase prometida — respondeu a primeira voz—. Você sabe que é perfeita para mim.

—Essa ratazinha tímida?

—Levará bem a casa. Ocupará-se de meu conforto. Encarregará-se dos meninos e não se queixará de minhas amantes — se ouviu um ranger de dobradiças, o som inconfundível de alguém que abria uma das portas de cristal que protegiam as estantes de livros.

—O que faz, Gardley? — perguntou o homem bêbado—. A busca entre os volumes em alemão? Não acredito que caiba aí — terminou com uma gargalhada.

Gardley. Podia ser o ancião senhor Gardley, dono de uma destilaria, mas a voz soava jovem, assim devia ser o senhor Gardley filho. Robert o tinha visto a distância: um indivíduo anódino de estatura média, cabelo castanho e características que lhe recordavam vagamente os de cinco pessoas mais.

—Ao contrário — dizia Gardley jovem—. Acredito que entraria muito bem. No referente a esposas, a senhorita Pursling será igual a estes livros. Quando queira lê-la, ela estará ali. Quando não, esperará pacientemente, no mesmo lugar onde a deixei. Será uma esposa cômoda para mim, Ames. Além disso, a minha mãe gosta.

Robert não acreditava conhecer Ames. Encolheu os ombros e olhou a que supunha devia ser a senhorita Pursling para ver como recebia essa revelação.

Ela não se mostrava nem surpreendida nem scandalizada pelos pouco românticos comentários de seu quase prometido. Mas bem parecia resignada.

—Terá que te deitar com ela, sabe? —perguntou Ame.

—Certo. Mas graças a Deus, não muito freqüentemente.

—É como um camundongo. E como todos os ratos, seguro que tábuas delgadas quando a cravar.

Houve um ruído surdo.

—O que? —protestou Ames.

—Está falando de minha futura esposa.

Robert pensou que possivelmente Gardley não fosse tão mau depois de tudo.

Até que o ouviu continuar:

—Eu sou o único que pode pensar em cravar a esse camundongo.

A senhorita Pursling apertou os lábios e ergueu a vista como se implorasse ao céu. Mas dentro da biblioteca não havia céu ao que implorar. E quando ergueu a vista e olhou através da separação das cortinas...

Seu olhar se encontrou com o de Robert. A mulher abriu muito os olhos. Não gritou nem se assustou. Não se moveu. Simplesmente lhe lançou um olhar terrivelmente acusador e lhe tremeram as aletas do nariz.

Robert não pôde fazer outra coisa que saudá-la com um gesto da mão.

Ela tirou as lentes dos óculos e se virou com tanto desdém que ele teve que olhá-la para assegurar-se de que estava sentada a seus pés. E de que, do ângulo onde estava em cima dela, podia ver o interior de seu decote, justo a única parte da figura dela que não lhe parecia severo a não ser suave.

“Isso guarda para depois”, disse-se, e ergueu o olhar umas polegadas. Como ela se virou, ele viu pela primeira vez uma débil cicatriz em sua bochecha, uma espécie de teia de aranha branca com linhas cruzadas.

—Seja qual lugar foi esse camundongo, não está aqui — dizia Ames—. Provavelmente estará no quarto das damas. Eu digo que voltemos para a diversão. Sempre pode dizer a sua mãe que falaste com ela na biblioteca.

—Certo — disse Gardley—. E não tenho que lhe dizer que ela não estava presente para responder. Depois de tudo, tampouco diria nada se estivesse.

Seus passos se afastaram. A porta voltou a ranger e os homens saíram.

A senhorita Pursling não olhou para Robert nem se dignou reconhecer sua existência de nenhum outro modo. Ficou de joelhos, fechou o punho e golpeou com ele a parte de atrás do sofá, uma, duas vezes, com tanta força que o golpe moveu o móvel para frente, e este pesava cem quilos.

Robert lhe deteve a mão antes que golpeasse pela terceira vez.

—Vamos, vamos — murmurou—. Você não quer se machucar por ele. Não vale a pena.

Ela o olhou com olhos muito abertos.

Ele não entendia que ninguém pudesse chamar tímida a aquela mulher. Era puro desafio. Soltou-lhe o braço antes que a fúria feminina pudesse viajar pela mão dele e consumi-lo. Já tinha raiva suficiente com a sua própria.

—Eu não importo — respondeu ela—. Ao que parece, não sou capaz de ajudar a mim mesma.

Robert quase deu um salto. Não sabia como tinha imaginado sua voz. Aguda e severa como sugeria seu aspecto? Possivelmente tinha esperado um chiado, como se fosse o camundongo que haviam dito os outros homens. Mas aquela voz era cálida e profundamente sensual. Uma voz que fez que de repente fosse muito consciente de que ela estava de joelhos ante ele com a cabeça quase ao nível de sua virilha.

“Isso guarda-o também para depois”.

—Sou um camundongo. Os ratos guincho quando os cravam — ela voltou a golpear o sofá. Se seguir assim, acabaria machucando os dedos—. Você também quer me cravar?

"Isso também ficaria para mais tarde."

—Não — Graças a Deus, as divagações mentais não contavam; ou todos os homens arderiam no inferno por toda a eternidade.

—Sempre se esconde detrás das cortinas para escutar conversas privadas?

Robert notou que lhe ardiam às pontas das orelhas.

—Você sempre salta detrás dos sofás quando ouve que chega seu prometido?

—Sim — disse ela, desafiante—. Não o ouviu? Sou como um livro que deixaram esquecido. Um dia um de seus serventes me encontrará coberta de pó quando fizerem a limpeza geral. “Ah”, dirá o mordomo. “Aí foi onde acabou a senhorita Wilhelmina. Tinha-me esquecido dela”.

Wilhelmina Pursling? Que nome tão horroroso!

A jovem respirou fundo.

—Por favor, não lhe conte isto a ninguém — fechou os olhos e apertou as pálpebras com os dedos—. Por favor, parta, quem quer que seja.

Robert afastou a cortina e se colocou diante do sofá. Já não podia vê-la, só imaginá-la amontoada no chão, furiosa até estar à beira das lágrimas.

—Minnie — disse. Não era amável chamá-la por um nome tão íntimo, mas ele queria ouvi-lo em sua voz.

Ela não respondeu.

—Darei-lhe vinte minutos — disse ele—. Se então não a vejo abaixo, subirei para procurá-la.

A mulher demorou um momento em responder.

—O bonito do matrimônio é que me dá direito à monogamia — disse por fim—. Com um homem que tente ditar meu paradeiro é suficiente, não lhe parece?

Robert olhou o sofá confuso, até que se deu conta de que ela tinha interpretado que a tinha ameaçado tirando-lhe para fora.

A ele lhe davam bem muitas coisas, mas a comunicação com as mulheres não era uma delas.

—Não queria dizer isso — murmurou—. É que... Se aproximou do sofá e se agachou por cima da borda de pele—. Se uma mulher que você aprecia se escondesse atrás do sofá, queria que alguém se incomodasse em ver se estava bem.

Essa vez a pausa foi mais longa. Em seguida ouviu um rumor de tecido e ela o olhou. Seu cabelo tinha começado a fugir do coque severo e pendurava em torno de seu rosto, suavizando seus traços e realçando a brancura pálida de sua cicatriz. Não era bonita, mas sim... interessante. E não lhe importaria ouvir sua voz toda a noite.

Ela o olhava perplexa.

—OH! —exclamou—. Tenta ser amável — falava como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça essa possibilidade. Suspirou e moveu a cabeça—. Mas sua amabilidade está mal dirigida. Verá, isso — assinalou a porta por onde seu quase prometido tinha desaparecido— é o melhor ao que posso aspirar. Levo anos desejando algo assim. Assim que essa idéia deixe de me dá indigestão, casarei-me com ele.

Não havia nem traço de sarcasmo em sua voz. Ficou em pé. Arrumou o coque com a mão e alisou as saias até que recuperou seu ar de correção.

Só então se agachou e procurou debaixo do sofá até encontrar o cavalo. Examinou o tabuleiro, inclinou a cabeça para um lado e devolveu a peça a seu lugar com muito cuidado.

Quando saiu pela porta, Robert seguia observando-a em silêncio, tentando encontrar sentido a suas palavras.



MINNIE DESCENDEU A ESCADA que levava a biblioteca até o pátio em penumbra situado ao lado do Grande Salão. O pulso lhe pulsava com força ainda. Tinha temido por um momento que aquele homem comesse a interrogá-la. Mas não, tinha escapado sem que lhe fizesse perguntas. Tudo voltava a ser como sempre: tranquilo e incrivelmente aborrecido. Justo o que necessitava. Nisso não havia nada que temer.

Lembrou-se do concerto, insuficientemente executado pela parca habilidade do quarteto de corda da zona, apenas se ouviam no jardim. A escuridão pintava de cinza o pátio aberto. Embora tampouco haveria muitas cores com a luz do dia; só a piçarra azul cinzenta que formava o pátio e o gesso envelhecido das paredes de vigas de madeira. Algumas ervas tinham brotado

insistentes entre as brechas das pedras que pavimentavam o chão, mas tinham murchado até adquirir um tom sépia. Quase não mostravam cor no azul marinho profundo da noite. Ao lado da porta do salão havia umas figuras na penumbra com copos na mão. Ali fora tudo estava apagado: as cores, o som e o turbilhão de emoções de Minnie.

A noitada musical tinha atraído a um número surpreendente de pessoas. Tantas que a sala principal estava a transbordar, com todos os assentos ocupados e algumas pessoas de pé. Era estranho que os fracos acordes de um Beethoven mal interpretado cativassem a tanta gente, mas esta tinha ido em massa. Uma olhada ao salão cheio e Minnie tinha retrocedido com o estômago tenso por um sem-fim de nós. Não podia entrar ali.

Possivelmente pudesse fingir-se doente.

De fato, nem se seguisse teria que fingir muito.

Mas...

Abriu-se uma porta detrás dela.

—Senhorita Pursling. Está aqui.

Minnie se sobressaltou e se voltou no ato.

O Conselho do Leicester era um edifício antigo, uma das poucas estruturas de madeira da época medieval que não tinha perecido em algum incêndio. Ao longo dos séculos tinha ido servindo para distintos usos. Era lugar de encontro para eventos como aquele, sala de reuniões para o prefeito e seus vereadores, ou armazém para os objetos cerimoniais da cidade. Inclusive tinham convertido uma de suas alas em celas para presos. Um lado do pátio era de tijolo em lugar de gesso e ali tinha sua sede o chefe de polícia.

Essa noite, entretanto, estavam usando o Grande Salão, e por isso Minnie não esperava encontrar a ninguém do escritório do prefeito.

Uma figura corada se aproximou dela com passos rápidos e seguros.

—Lydia leva meia hora procurando-a. E eu também.

Minnie respirou aliviada. George Stevens era um sujeito decente. Melhor que os dois caipiras dos que tinha escapado. Era o capitão da tropa da cidade e o prometido de sua melhor amiga.

—Capitão Stevens. Há tanta gente aí dentro! Tinha que sair a tomar o ar.

—Seriamente? — ele se aproximou mais. Ao princípio era só uma sombra. Logo se aproximou o suficiente para que ela o visse sem óculos e distinguisse seus traços familiares; seu bigode jovial e suas avultadas costeletas.

—Não gosta das multidões, verdade? — perguntou ele com voz solícita.

—Não.

—Por que não?

—Simplesmente, nunca me gostaram.

Mas não era verdade. Minnie tinha uma vaga lembrança de homens rodeando-a, chamando-a em voz alta para falar com ela. Naquele tempo, naquele tempo, não havia possibilidade de paquerar. Ela tinha oito anos e vestia como um menino, mas tinha havido um tempo no que a energia vibrante das multidões a tinha estimulado em lugar de lhe produzir nós no estômago.

O capitão Stevens se situou a seu lado.

—Tampouco eu gosto das framboesas — confessou Minnie—. Me fazem cócegas na garganta.

Ele a olhou com o cenho franzido. Esfregou os olhos como se não estivesse seguro do que via.

—Vamos — Minnie sorriu—. Faz anos que me conhece e nunca gostei das reuniões com muita gente.

—Não — respondeu ele, pensativo—. Mas verá, senhorita Pursling. Dá a casualidade de que a semana passada fui a Manchester tratar de negócios.

“Não mostre nenhuma reação. Isso era algo que Minnie tinha muito arraigado. Seguiu sorrindo e alisando as saias sem permitir que a paralisasse o medo. Mas ouvia um grande rugido em seus ouvidos e o coração lhe pulsava com força.

—Oh! — sua voz lhe pareceu muito corajosa, e muito frágil—. Meu antigo lar. Faz tanto tempo! Como a encontrou?

—Estranho — ele deu um passo mais para ela—. Visitei o antigo bairro de sua tia avó Caroline. Minha intenção era simplesmente conversar cortesmente, dar suas notícias às pessoas que pudessem recordar a de menina. Mas ninguém recordava que a irmã de Caroline se casou. Procurei e não encontrei seu nascimento no registro da paróquia.

—Que estranho! —Minnie olhou os paralelepípedos do chão—. Não sei onde registraram meu nascimento. Terá que falar com a tia avó Caroline.

—Ninguém ouviu falar de você. Viveu no mesmo bairro onde se criou ela, não é assim?

O vento açoitava o pátio com um assobio lastimoso de dois tons. A Minnie pulsava o coração com um ritmo similar. “Agora não. Agora não. Por favor, não te derrube agora”.

—Nunca me gostaram das multidões — se ouviu dizer—. Nem sequer então. Não era muito conhecida quando menina.

—Umm.

—Era tão jovem quando parti que temo que não posso lhe ajudar. Logo que recordo Manchester. A tia avó Caroline, por outra parte...

—Mas não é sua tia avó quem me preocupa — interveio ele, devagar—. Sabe que manter a paz forma parte de meus deveres.

Stevens sempre tinha sido um homem sério. Embora em tudo no ano anterior só tinham tido que recorrer à tropa uma vez, e tinha sido para que ajudassem a combater um fogo, tomava seu trabalho muito a sério.

A confusão de Minnie já não era fingida.

—Não compreendo. O que tem que ver tudo isto com a paz?

—Estes tempos são perigosos — disse ele—. Eu formei parte da tropa que reprimiu as manifestações dos cartistas em 42 e não esqueci como começaram.

—Isto não tem nada que ver com...

—Lembro os dias antes de que estalasse a violência — prosseguiu ele com frieza—. Sei como começa. Começa com alguém que diz aos operários que deveriam ter voz própria em vez de fazer o que lhes mandam. Reuniões. Bate-papos. Panfletos. Ouvi o que disse como membro da Comissão Higiene dos Operários, senhorita Pursling. E eu não gostei. Eu não gosto de nada disso.

Sua voz se tornou muito fria e Minnie sentiu um calafrio nos braços.

—Mas eu só disse que era...

—Sei o que disse. No momento o atribuí a simples ingenuidade. Mas agora sei a verdade. Você não é quem diz ser. Mente.

O coração de Minnie começou a pulsar com mais força. Olhou a sua esquerda, ao pequeno grupo situado a alguns metros dela. Uma das garotas bebia ponche e ria. Se gritava, certamente...

Mas gritar não serviria de nada. Por impossível que parecesse, alguém tinha descoberto a verdade.

—Não posso estar seguro — disse o homem—. Mas sinto nos ossos que ocorre algo. Você é parte disto — lhe mostrou um papel; empurrou-o até quase golpeá-la com ele no rosto.

Minnie pegou automaticamente e o ergueu à luz que saía das janelas. Por um segundo não soube o que tinha na mão. Um artigo de periódico? Tinha havido muitos. Mas o papel não tinha a textura do periódico. Sua certidão de nascimento? Aquilo podia ser grave. Tirou os óculos do bolso.

Quando por fim pôde lê-lo, quase soltou uma gargalhada de alívio. Com todas as acusações que podia lhe haver arrojado ele; com todas as mentiras que tinha contado ela, começando com a de seu nome, e Stevens pensava que estava mesclada naquilo? O capitão lhe tinha dado um santinho como as que apareciam nas paredes das fábricas e deixavam aos montões desordenados nas portas das Igrejas.

“OPERÁRIOS”, dizia a primeira linha em grandes letras maiúscula. E debaixo: “lhes organize, LHES organize, LHES organize!!!!”

—OH, não! —protestou ela—. É a primeira vez que vejo isto. E não é o meu — para começar, porque ela considerava uma abominação qualquer frase que usasse mais exclamações que palavras.

—Estão por toda a cidade — grunhiu ele—. Alguém é responsável por elas — ergueu um dedo—. Você se ofereceu para fazer os folhetos da Comissão Higiene dos Operários. Assim tinha uma desculpa para visitar todas as imprensas da cidade.

—Mas...

Ele ergueu um segundo dedo.

—E foi você que sugeriu que os operários participassem da Comissão.

—Eu só disse que devíamos perguntar aos operários se tinham acesso a água corrente. Se não o fazíamos, faríamos todo o trabalho e depois descoberto que sua saúde não tinha mudado nada. Há um longo caminho entre isso e sugerir que se organizem.

Ele levantou o terceiro dedo.

—Suas tias avós participam dessa horrível cooperativa de mantimentos e eu sei que você contribuiu a organizá-la.

—Uma transação de negócios. O que importa onde enfaixamos nossas couves?

Stevens a apontou com os três dedos.

—Tudo encaixa. Você simpatiza com os operários e não é quem diz ser. Alguém os ajuda a imprimir os santinhos. Deve acreditar que sou muito parvo para assinar assim —assinalou o pé do santinho, onde havia um nome.

Minnie o olhou através das lentes.

Não era um nome, era um pseudônimo.

—De minimis — leu. Não tinha estudado latim, mas sabia algo de italiano e bastante francês e pensou que significava algo como “pequenezes”. Algo diminutivo.

—Não compreendo — moveu a cabeça—. O que tem que ver isso comigo?

—De. Minnie. Meu — ele pronunciou as sílabas por separado, dando um giro estranho a seu nome—. Acredito que me toma por tolo, senhorita Minnie.

Aquilo tinha uma espécie de lógica, tão retorcida que ela teria rido com vontades... de não ser porque as consequências da piada não tinham nada de divertidas.

—Não tenho provas — disse ele—. E como sua amizade com minha futura esposa é pública e notória, não tenho desejos de vê-la humilhada publicamente e acusada de rebelião criminal.

—Rebelião criminal! —exclamou ela com incredulidade.

—Assim, considere-o uma advertência. Se seguir adiante com isto... — lhe golpeou as mãos com o papel—, descobrirei a verdade de suas origens. Demonstrarei que está detrás disto. E a afundarei.

—Eu não tenho nada que ver com isto! —protestou ela. Foi inútil. Ele já se afastava.

Minnie apertou o santinho na mão. Que assunto tão inoportuno! Stevens partia de uma premissa falsa, mas dava igual como encontrasse o rastro. Se o seguia, descobriria tudo. O passado de Minnie, seu verdadeiro nome. E, sobre tudo, seus pecados, por longo tempo enterrados, mas não mortos.

De minimis.

A diferença entre a desonra e a segurança era minúscula. Um pouco muito pequeno. Mas ela não pensava perdê-lo.



A SÉRIE IRMÃOS SINISTROS:

0.5 - A Paixão da governanta

01 - A Guerra da duquesa

02 - A Vantagem da herdeira

03 - A Conspiração da condessa

04 - A Rebelião da amante

A SÉRIE CARHART:

Um Presente Envenenado

Prova de Sedução

Courtney Milan: A Paixão da governanta

Titulo original: „The Governess Affair“

©2013 Courtney Milan

Este livro é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação da autora ou se estão usando como ficção. Qualquer parecido com feitos reais, lugares ou pessoas, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Reservados todos os direitos.